

ERTE
por um ser integral

Org. Sonilda Sampaio Santos Pereira

ERTE

por um ser integral

1ª edição

Jequié / Bahia - Brasil
Ponto e Vírgula
2011

Copyright © 2010, Ponto e Vírgula
Jequié, para a presente edição.

1ª Edição

Fevereiro de 2011

Revisão Textual

Valter Cezar Andrade Jr.

Projeto Gráfico e Diagramação

Gilson Souza da Silva

Fotolitos/Impressão

JM Gráfica

Pereira, Sonilda Sampaio Santos (org.).

Erte: por ser integral/ Sonilda Sampaio Santos Pereira

Jequié: Ponto e Vírgula, 2011.

Bibliografia.

ISBN 978-85-64338-00-5

Todos os direitos reservados à:

Ponto e Vírgula

Av. Rio Branco 763 Ed. Santtana - Centro

Cep 45200.270 Jequié - Bahia

Fone: (73) 3525 0243

www.editorapontoevirgula.com.br

Prefácio

O Sonho é sempre possível. É ele que norteia nosso caminhar, porque faz de nós o inominável. Faz-nos transcender, capacitando-nos para a prática do bem, da alteridade. A ERTE – Escola Rural Taylor-Egídio – representa bem um universo de sonho que se tornou realidade e que foi capaz de transformar vidas. Não só das crianças campestres, mas de todos que compõem o corpo estrutural da unidade escolar. Na ERTE, os sentimentos de humanidade afloram, na mesma proporção em que determinam o dever de continuidade de uma obra educacional que só pode ter nascido no seio do coração divino. É, pois, uma tarefa apostólica inserida em um mundo secularizado, orientada, sobretudo, pelo pensamento freiriano. A carta a seguir dimensiona de forma poética e igualmente verdadeira a significância da ERTE na vida daqueles que por ela passaram ou que ainda permanecem.

O mundo de Paulo Freire é possível em Jaguaquara

Marcos Monteiro

Quando Paulo Freire falava de inéditos viáveis, utopias possíveis, e traduzia tudo isso através da frase simples e encantadora sobre a construção de “um mundo em que fosse menos difícil amar”, colocava como projeto educativo esse irrisório menos.

Sempre haverá dificuldades para o amor, mas as estruturas poderiam pelo menos não serem tão perversas em suas exigências nem tão arrogantes em sua prepotência. E o poder amar e o poder sofrer pelo e para o amor poderiam ter um pouco mais de espaço na administração e organização do poder.

A ERTE, Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, na cidade de Jaguaquara, Bahia, constitui-se como reserva de esperança sobre o legado pedagógico de Paulo Freire. Mais de quatrocentas crianças pobres da zona rural são educadas de acordo com princípios freirianos em processo de alternância: um mês vivido na escola e o outro na família, com acompanhamento pedagógico para realização de tarefas agrícolas e escolares.

A festa de encerramento do semestre escolar, no sábado passado, no desenvolvimento da agenda, na mistura de balé, quadrilha junina, violão, sanfona, oficinas para pais e alunos, que iam de artesanato a agricultura familiar, com grande participação de pais da zona rural e figuras da cidade, pode ser considerada uma pequena amostra desse mundo viável.

No próximo ano, a escola completa dez anos e a Diretora Sonilda Sampaio consegue tanto encarnar as idéias de Paulo Freire quanto conduzir uma equipe por caminhos de conscientização que ultrapassem leituras ingênuas e mágicas da realidade e faça a leitura crítica do mundo, indispensável à inserção pedagógica.

Mais do que isso, a opção radical, no sentido mais pleno da palavra, tem se tornado gradativamente a marca de grande parte da equipe, lembrando que em Paulo Freire uma radicalidade necessária é o oposto de um desnecessário processo de sectarização.

Dentro de uma pedagogia do oprimido, educadores e educandos necessitam juntos trocar saberes e organizar o espaço de comunhão, em que a fé, o amor e a esperança, são parte do processo. Fé no processo de transformação, amor entre educandos e educadores e esperança de que a festa e a poesia derrotem a dor e a opressão.

Feira de Santana, 11 de junho de 2010.

Primeira Parte

**Vidas narradas, experiências trocadas: histórias dos 10 anos
da ERTE**

Diz-se no jargão popular que LAPIDAR significa ajeitar, dar uma organizada. Para aqueles que trabalham na ERTE é bem mais que isso; é com amor intenso e humanizador instrumentalizar vidas para servir ao bem comum, inserir no universo vivencial de fazedores da diferença. Nas crianças campestres, a ERTE encontrou solo fértil para plantar sementes do hoje, objetivando mudar gerações futuras. Fazer história na construção de outras histórias.

Pedras por lapidar

Penso de repente nas pedras...
 Não nessas pedras preciosas, lindas e atraentes,
 Que deslumbram os olhos e encham de admiração
 O coração e do desejo de possuí-las.
 Não, não penso nas pedras que, por seu valor, enriquecem
 Seus aquisitores, e lhes são orgulho de tão venturosa conquista...

Sabe?... Nem mesmo penso naquelas pedras
 Que inspiram os poetas, ao vê-las simples e ali,
 Monumentalmente adornando o cenário de um pequeno,
 Plácido e florido riacho, de águas claras e cristalinas,
 Quando o gorjeio de faceiras aves saúda as sombras da tarde
 E a proximidade lenta da noite...

Penso nas pedras, sim, às margens das estrelas da vida:
 Rudes, disformes, solitárias, desprezíveis – indiferentes aos que passam
 E até as pisam, pois, que valor têm?
 Pedras relegadas, ao monturo destinadas,
 Desacreditadas de toda a expectativa de utilidade.
 Quem, afinal, vai perder tempo com essas pedras?!

Pedras por lapidar! Meu Deus, são tantas!

Pedras, assim lapidadas (quem diria!) são hoje brilho e formosura,
 Colunas fundamentais do edifício da vida.

Ontem, beleza alguma era vista para que viessem a ser o que são hoje.
São assim os homens: pedras por lapidar
Benditas as mãos que as lapidam! Não ficarão sem recompensa.
Não há realização que mais contente, eleve e enobreça o espírito que vê
pedras,
Grotescas e vis, transformadas em pedras de fulgor radiante, para além
do que possa
Conceber a mente mais altruísta ou a crédula imaginação humana!

Mas estão aí as pedras, por lapidar.
O importante é conservar viva e fluente
A esperança, acreditar no potencial das pedras,
Mesmo aquelas que porventura hoje
Nada sinalizem quanto ao futuro,
Essas podem, amanhã, fazer florido
O caminho por onde transitarão vitoriosos os sonhos
Que embalaram o labor de toda a nossa peregrinação e persistência.

Pr. José Jorge de Almeida Pereira

Sonilda Sampaio Santos Pereira

Diretora da ERTE desde 2001

Era final de 1998. Aos 36 anos de idade, pensava que a vida me aproximava de uma calmaria profissional. Depois de aprovada como docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – *campus* de Jequié, planejava trabalhar em regime de dedicação exclusiva. Compramos uma casa junto à UESB. Planejava, igualmente, ir trabalhar caminhando.

Foi neste instante de minha existência que a Professora Stela Dubois convidou-me para auxiliá-la no centenário Colégio Taylor-Egídio. Estando em colaboração com o referido colégio, surgiu o convite para gerir a novel escola campestre que receberia o nome de Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE).

Lutas internas e externas marcaram o ano de 2000 quando me era imposta a necessidade de responder ao convite.

Deus fala! Naquele momento, falou-me através de dois sonhos em que mães grávidas me entregavam seus filhos e eu mesma estava grávida de muitas crianças. Era novembro de 2000.

Sem medo. Ensopada de vontade e esperança. Aceitei! Percebi que seria alguma coisa grande e desconhecida: dirigir uma escola rural, na modalidade pedagógica de alternância. Eram 300 crianças que viriam da zona rural morar na escola residencial. O desafio era que eu, meu esposo (Pr. José Jorge) e meus dois filhos (Fannie e Franc) moraríamos com as crianças.

Diante do desafio, solicitei da Convenção Batista Baiana (C.B.Ba), por meio do Dr. Dilson Melo que realizava todo o diálogo entre as partes do projeto (C.B.Ba., SEC-Ba. E Fundação José Carvalho), o direito de escolher os outros membros da equipe gestora. Conquistei este direito.

Feliz momento! O Professor Lourival Brito e a Professora Nalva Gomes, Vice-diretor e Coordenadora, respectivamente, assumiram comigo sonhos, utopias e ousadias inéditas. As relações humanas são marcadas por desencantos. Geralmente as pessoas se conhecem, se encantam, convivem e desencantam. Então, estabelece-se uma relação de normalidade. Com estes dois companheiros de trabalho e amigos (no sentido mais restrito da palavra) o movimento tem sido contrário:

conhecimento, convivência e renovado encantamento.

Também fizeram parte da equipe inicial o diretor financeiro Dr. Dilson Melo. As batidas de amor do seu coração pelas crianças campestres estavam no âmbito do visível. Mara Gasbarre, exímia secretária que deixou seu legado, Mara Alves, forte, destemida, corajosa enfrentou o inusitado de uma cozinha industrial e respondeu com singularidade às demandas de uma escola sem modelo. Luci Luz, assistente social e teóloga que orientou a equipe sobre os direitos das crianças e desenvolveu um ministério de amor e defesa pelos pequenos. Definida. Segura e disponível nos deu rumos que perduram após uma década.

Juntamente com a equipe diretiva, tive a alegria de ser apoiada pela musicista Elienai Teixeira, minha amiga desde os anos 80, no Recife, quando, com seu esposo, Jonas, me acolhiam nos fins de semana. Elienai vinha semanalmente de Jequié para apoiar-me na África da minha vocação que chegava a Jaguaquara.

Era março de 2001. Recebemos no internato da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio o primeiro ônibus de crianças que desciam uma a uma assustadas. Estávamos todos nós, também, assustados. Como será? Como nos misturaremos e envolveremos nossas vidas neste grande espaço? Eram perguntas que eu e a equipe fazíamos.

2010 – São passados dez anos. Animada a contar a história sob minha visão, nem consigo colocar os pensamentos linearmente. Eles se misturam, vão e voltam no tempo.

Lutas, as mais diversas! Desânimos, os mais cruéis. Amores, os mais intensos! Estou aqui.

As lutas da primeira década da ERTE podem ser descritas sob três categorias distintas: a) com o poder público governamental (em todas as esferas): por se tratar de uma escola com especificidades inusitadas para a Secretaria da Educação do Estado, tive que fazer caminhos para não inviabilizar o projeto. Aprendi a dialogar com poderes e discernir os jogos. Na luta junto ao poder público governamental, em 2007, um novo e restaurador diálogo surge através do Professor Dr. Roberto Gondim, diretor da Diretoria Regional de Educação – DIREC 13. Um apoio incondicional, mesmo nos momentos em que só cabia o silêncio. b) com meus colegas: foi difícil chegar à síntese do que significa trabalho em equipe, aprender sobre missão e encarnar o discurso da pedagogia

progressista, libertadora, relacional e cristã. Depois de dez anos, ainda erramos alvo, mas todos sabemos nossos princípios e perseguimos ideais de honestidade e serviço. c) com as famílias dos educandos internos: como acontece na experiência urbana, há campestres que também não se inserem no processo educativo de seus filhos. Fica um peso para os trabalhadores da educação, especialmente de uma escola residencial. Temos que fazer malabarismos na administração do tempo para atendermos às demandas.

Em frente às lutas, vivi experiências de desânimo. Sonhos frustrados. Respostas insensíveis. Descasos. Quantas vezes, literalmente, sentia que o cais estava muito longe e em meio às águas, só eu e Deus e, ainda, Deus também faz seus silêncios. Momentos plenos de minha humanidade. Não fossem as palavras do Pr. Marcos Monteiro “somos mais espirituais quando mais humanamente humanos”, teria sucumbido. Aliás, não só suas palavras, mas sua presença, seu cuidado e sua aposta. Quantas vezes eu não tinha o direito de desistir porque sentia-me envergonhada em contradizer as atitudes com o discurso, meu Professor Marcos Monteiro não havia me ensinado assim.

Amores! Muitos amores! Não citarei nenhum nome. Poderei pecar. Mas foram colegas que se transformaram em amigos confidentes. Pessoas que, a princípio, nos arranhávamos e depois nos descobrimos como transeuntes dos mesmos caminhos, com as mesmas perguntas, perseguindo as mesmas respostas.

Como estes companheiros se transformaram em pessoas do meu coração, da minha vida, da minha história... Agora nossos casos individuais não podem ser narrados sem que as lembranças perpassem nossas relações.

Quantos amores! Meninos e meninas que são muito mais que alunos. São cúmplices da vida comigo. Nos olhamos e nos compreendemos. Quanta sensibilidade numa criança campestre que me olha e diz: - “Pró, você tá triste?”. Outro que chega como um gatinho e vai envolvendo seu corpinho no meu e me convida ao carinho. Como essas mil, oitocentas e noventa e quatro (1.894) crianças que passaram pela ERTE, nestes dez anos, falaram-me sobre Deus, desvelaram os mistérios do Divino e aproximaram Deus de mim.

Entre lutas, desânimos, ânimos renovados e amores, foram

incontáveis as idas e vindas à zona rural, lembranças das casas rurais, de suas refeições e seus convites, às vezes tímidos, mas todas as vezes, cheios de boa vontade. Lembranças das estradas e do verde peculiar à região jaguaquarense.

De repente, as minhas culturas de sábados, domingos e feriados foram, paulatinamente, se agregando às culturas rurais e à cultura da própria escola. Lembranças dos feriados nacionais que se tornaram dias normais de trabalho letivo. As rotinas do trabalho educacional se repetindo sábado a sábado, domingo a domingo. Afinal, a proposta é de uma educação integral por meio de uma imersão no processo educativo.

Envolvida na educação integral de crianças rurais, compreendi porque fui ao Seminário de Educadoras Cristãs, em Recife, Pernambuco, aos 17 anos, e lá fiz minha formação pedagógica-cristã, no período de 1980 a 1983. Na ERTE, entendi o sentido da existência humana e conheci, pessoalmente, quem são os grandes da terra. Depois do encontro com a dor infantil, a dor da exclusão, a dor de ser pobre, preto, revoltado, desamado, rural, entendi o cristianismo de Jesus.

Depois de contatos com meninas e meninos estuprados, meninos e meninas que tinham como jantar apenas água e açúcar, meninos e meninas que vendem dias de trabalho por pão, entendi a força divina que impulsiona as lutas dos movimentos sociais. Entendi a força da morte vencida pela força da vida.

Depois de dez anos morando no mesmo espaço com crianças para quem a vida negou quase tudo e com colegas tão encharcados de esperança, penso que não tenho retorno. Nenhuma possibilidade de volta.

Vai terminar minha gestão. Passará a experiência neste contexto geográfico e temporal, mas não passará, enquanto eu viver, o que esta imersão fez em mim. Não passará a fé na educação como possibilidade do ser humano exteriorizar sua beleza interior. Não passará a convicção de que esta educação só acontece se todos os sujeitos envolvidos (professores, servidores, alunos e familiares) desistirem da resistência e se abrirem ao novo, ao sopro do Divino. Não passará a convicção de que as mais enriquecedoras companhias são as simples desta terra. Não passará a convicção de que o amigo é uma construção do acontecer cotidiano.

Nestes dez anos, conheci muitos companheiros e muitos militantes. Alguns precisaram deixar o barco antes dos dez anos, mas são

igualmente parte de minha história e da história da ERTE. Outros, teimosos, iguais a mim, cheios de calos, persistiram e são as estrelas da década. Outros entraram no barco em alto mar e acrescentaram a família ERTE. Ontem ou hoje, não importa. Importa que ninguém que participou da história, seja em qual momento, não é e não será nunca o mesmo.

Que bom que Deus falou comigo. Engravidou-me de filhos de mães campestres. Que bom que hoje eu sei que a causa da criança rural é causa de Deus. Que bom que Deus financia Suas causas.

Cátia Leliana Coelho dos Santos

Sou Cátia Leliana Coelho dos Santos, nasci no dia 24 de abril de 1979, na Casa de Saúde M^a José de Souza Santos, a única Maternidade da Cidade. Morávamos numa pequena Fazenda de nome Lagoa da Volta, pertencente ao município de Jaguaquara, Bahia. Os meus avôs, tanto paterno quanto materno, tinham pequenas fazendas naquela região.

Em 1982, nos mudamos para Jaguaquara, onde passei toda minha infância. Comecei os estudos com 03 anos de idade numa escola de Pré-escolar que ficava próxima a minha casa; lembro-me até hoje dos momentos especiais que vivi nessa escola. As cantigas de roda, as brincadeiras no parquinho e as atividades com massinha de modelar.

Durante o Primário, hoje Ensino Fundamental, sempre muito peralta, cometia as maiores travessuras na escola e a minha mãe era constantemente chamada para resolver problemas. Eu era uma pestinha indisciplinada! Batia nos meninos e conversava demais nas aulas. Por conta disso, tive sérios problemas na escola, como dificuldade na aprendizagem ou talvez por conta da dificuldade, cometia todas essas travessuras. Tive que repetir algumas séries e 'apanhei' muito de minha mãe.

Concluí o Ensino Fundamental e o Ensino Médio – Formação para o Magistério – no Colégio Pio XII. No ano de 1999, engravidei da minha primeira filha, Emilly, nesse momento cursava o 2º ano do Curso de Magistério. As dificuldades foram muitas, pois tinha que trabalhar como manicure num Salão de Beleza da família durante as manhãs e à tarde estudar. Naquele momento não sabia realmente se era a profissão de professor que queria seguir. Não fiz o magistério por opção, mas sim por falta de opção de curso que me interessasse, mas confesso que lá no mais íntimo havia em mim uma 'caidinha' pela profissão de Professora.

Em 2000, com o nascimento de Emilly e cursando o 3º ano do Magistério, tive que contar com a ajuda da minha família para o cuidado com a pequena para conseguir concluir o curso. Houve um momento em que pensei desistir dos estudos; lembro-me até hoje das palavras da minha irmã mais velha me pedindo para continuar, e que ela cuidaria de Emilly para que eu estudasse.

Após a conclusão do Curso de Magistério em dezembro de 2000, fiz algumas substituições de professores numa escola da rede municipal e

logo em seguida deparei-me com um problema enfrentado por muitos estudantes: concluir o curso e não poder atuar na sua área e ficar desempregado sem perspectiva de futuro.

Por falta de opção, fui trabalhar durante um ano como balconista numa loja de condimentos. O trabalho era pesado e não tínhamos horário para saída, pois tínhamos que esperar a chegada das mercadorias para conferência.

Em julho de 2002, eis que a sorte chegaria até mim. Fui contratada para trabalhar numa Escola que atendia a alunos oriundos da Zona Rural, na qual a minha irmã mais velha já era professora e trabalhava há um ano. Comecei a trabalhar na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio desempenhando a função de Auxiliar de Classe. Tínhamos inicialmente três funções: acompanhar os alunos para o almoço, acompanhar e orientar no banho e corrigir a tarefa deixada pela professora durante o dia para eles.

Naquele ano eu não sabia que um grande desafio estava por vir. No ano seguinte, em 2003, a escola necessitou de uma professora para o trabalho na itinerância juntamente com a Professora Azenália e o Professor Pedro Bernardino, pois a escola atendia aos educandos da zona rural em regime de alternância e precisava de profissionais que mantivessem contato com as famílias campestres para efetuar a matrícula dos alunos e corrigir as tarefas levadas para casa no momento de sua saída da escola. Fui escolhida para desempenhar tal função.

Os desafios enfrentados pela equipe da itinerância foram os mais diversos possíveis. Acordava cedinho para preparar o almoço que levava em marmitas para passar o dia no campo. Encontrávamos muitas dificuldades para chegar à casa dos alunos, principalmente nos dias chuvosos, pois as estradas ficavam esburacadas e o carro que tínhamos para fazer o trabalho da itinerância não era apropriado para enfrentar os declives das vias de acesso. Por diversas vezes o veículo nos deixou em situação difícil, quebrava e pelo fato da zona rural não ter área de cobertura para celular, tínhamos que andar quilômetros para conseguirmos fazer contato com a escola pedindo ajuda.

Como o nosso trabalho estava diretamente ligado à zona rural, era nossa responsabilidade buscar os alunos para a escola e levá-los depois em casa. No dia de busca, saíamos bem cedinho para o campo no ônibus da

escola e seguíamos um roteiro desenhado pela Professora Azenália para chegar até as regiões de morada das crianças. Levávamos lanche para aquelas que moravam distante, pois algumas tinham que esperar seus pais virem buscá-las em pontos marcados previamente. Para as que passavam mal na viagem, dávamos um remedinho contra enjoo para que elas fossem dormindo durante o percurso.

Os locais onde os nossos alunos moravam eram os mais difíceis possíveis. Certa vez tivemos que atravessar um rio andando por cima de um tronco de árvore até chegar à casa de alunos na Região da Formosa, outras vezes tínhamos que passar por mangueiros cheios de gados, outras subir ladeiras altíssimas a pé por conta de serem regiões as quais o carro não conseguia chegar.

Lá no campo, visitávamos as famílias dos nossos alunos e corrigíamos as tarefas levadas por eles quando saíam da escola. A realidade para aquelas crianças era dura e cruel. Muitos moravam em casas de taipa, com camas feita de varas e fogão a lenha feita no chão; as carnes ficavam expostas em varas para secar na cumeeira da casa. Presenciávamos crianças descalças, nuas e algumas até desnutridas. A situação de miséria a que aquelas crianças estavam submetidas era deprimente. Elas não tinham nem sequer uma mesa para responder as suas tarefas e, muita das vezes, não encontrávamos as atividades para corrigir, pois muitos usavam para acender o fogão a lenha de suas casas. A nossa visita consistia muito mais em saber como estavam as crianças do que da correção das suas atividades.

É triste recordar as muitas vezes que tivemos de dar a nossa comida para alunos que não tinham o que comer em casa. Lá no campo, os pais saem cedo para o trabalho na lavoura e deixam para os filhos mais velhos a responsabilidade de tomarem conta dos seus irmãos menores e fazerem o almoço. Presenciei por diversas vezes alunos pequenos tendo que cozinhar o arroz e o feijão para o almoço dos seus irmãos menores. Desde muito cedo, a estas crianças é dada uma responsabilidade grande, de forma que muitas delas perdem parte de sua infância assumindo atividades dos adultos. Outra dificuldade encontrada no trabalho da itinerância era conseguir conscientizar os pais de que eles deveriam incentivar seus filhos a estudar, pois não acreditavam que a educação poderia mudar as suas vidas.

Foram muitas as experiências, mas uma em especial me marcou profundamente. Chegando à casa do aluno E.S. encontramos as crianças nuas, sujas e se alimentando de frutas verdes, como abacate e banana. As roupas da família ficavam amontoadas em cima de uma cama, de forma que dormiam por cima de roupas limpas e sujas. Eram 12 filhos e a família vivia em condições subumanas. A partir do momento que matriculamos as cinco crianças mais velhas, as transformações começaram a surgir. O fato de estas crianças passarem um mês na escola e dois meses em casa, pois a escola trabalha com a Pedagogia de Alternância, fez com elas fossem, a partir dos conhecimentos adquiridos na escola, mudando seus hábitos e transformando a vida de seus familiares com hábitos de higiene, técnicas de plantio e comercialização dos produtos plantados e ver na atividade agrícola uma forma de sobrevivência.

Estes alunos, juntamente com seus pais, tornaram-se grandes empreendedores. Na escola, estas crianças se destacavam no cultivo e cuidado da terra e comercialização dos produtos plantados pelas demais.

Em 2004, por conta da gravidez de Bianca, a minha segunda filha, tive que me afastar da itinerância e passei a atuar como auxiliar de classe. Enquanto auxiliar, tinha a função de acompanhar os alunos para o almoço, escovação e desenvolver alguma atividade com eles até a chegada dos professores. No outro período, acompanhava o banho das crianças, o jantar e corrigia as tarefas deixadas pela professora durante o dia. Inicialmente fazia essas tarefas sem refletir sobre o que estava fazendo, mas constantemente ouvia a Professora Sonilda, Diretora da Escola, falar: “Somos todos educadores da ERTE”.

Não conseguia compreender a essência dessa frase. Quando ingressei na escola, me achava uma pessoa sem capacidade para assumir uma sala de aula, só depois entendi o que significava dizer que todos nós éramos educadores. A partir desse entendimento, passei a refletir sobre a minha prática e comecei a transformar os momentos com os meus alunos, que antes eram mecânicos, em momentos de muita aprendizagem.

Em 2005, quando a minha irmã Letícia assumiu a Coordenação Pedagógica da Escola, juntamente com a Professora Nalva, aprendi sobre a Pedagogia de Projetos e desenvolvi o projeto “Alimentação Saudável” com a minha turma, que foi uma experiência marcante. Os momentos do almoço e banho passaram a ser prazerosos de muita aprendizagem. Dava

aulas de boas maneiras e chegamos até a criar o dia de higiene na escola. Entendi que poderíamos educar as crianças em todos os momentos que estivesse em contato com elas.

Os sábados de aula passaram a ser trabalhados com atividades diferentes e descontraídas. Confeccionava pipas com os meus alunos, dava-lhes banho de mangueira, passeios, mini-gincanas, trabalhos artesanais e competições. Aos domingos, também, sempre tinha uma atividade diferente para realizar com as crianças.

Outra experiência que me marcou profundamente foi a do aluno G.S. Em sala de aula, ele tinha comportamento estranho, não parava quieto, tinha dificuldades para aprender. Um dia fazendo higiene nele, percebi que algo diferente havia em seu ouvido. Pedi para a enfermeira levá-lo ao médico otorrinolaringologista da cidade e eis a grande descoberta: o aluno estava com o ouvido entupido por cerume. Quinze dias após a lavagem em seu ouvido, aprendeu a ler e mudou completamente o comportamento. Ficamos surpresos com esse acontecimento.

Sempre estive muito ligada a terra, talvez seja pelo contato que desde a infância tive com o campo. Por esse motivo, me identifiquei com a prática agrícola da escola e qualquer movimento naquela área me motivava muito. Organizava com as crianças a venda dos produtos colhidos na horta plantada por eles. Chegamos, em 2007, até a colocar uma barraca na frente da escola para vendermos hortaliças. Eu era sempre a responsável pelo dinheiro; guardava em um cofrinho na sala da Direção. Com o dinheiro comprávamos sandálias para os alunos, presentes, e até pagamos as despesas de uma viagem para a turma de formandos da 4ª série.

No ano de 2006, participei do 1º Encontro de Reflexões Pedagógicas da ERTE apresentando para a comunidade, juntamente com os alunos, a LEGO Dacta da escola. Mostramos como utilizar os brinquedos da LEGO na perspectiva de recurso didático tecnológico para aprendizagem, ensinando noções de robótica, matemática e física.

Em 2008, realizamos a 1ª Feira de Agricultura da ERTE. Foi um momento fantástico para a escola. Depois de um ano bem difícil com a suspensão do pagamento de alguns funcionários por conta da finalização do contrato pelo Estado, abrir a escola para receber a comunidade foi uma

maneira encontrada pelo grupo para demonstrar que estávamos unidos por uma força maior que nos movia e fortalecia para a continuidade do Projeto ERTE em nossas vidas.

Pensando bem, todos estes dez anos de existência da ERTE foram bem difíceis para nós. A cada ano nos deparávamos com um novo desafio a superar. Suspensão de pagamentos de funcionários, redução da verba para manutenção da escola, atraso no pagamento de verbas pelo Estado, tentativa de municipalização da Escola. Acho que foram dez anos de pura resistência e ousadia. Sempre começávamos o ano letivo sem muitas perspectivas de futuro, e só depois de muitas lutas, principalmente por parte da Professora Sonilda, que guerreava bravamente em prol da nossa escola, é que conseguíamos vencer os obstáculos e voltávamos a sonhar com a continuidade do nosso sonho.

Para a Feira de Agricultura eu, a professora Letícia e o Professor Paulo Idelbrando levamos os alunos da 4ª série para conhecerem o Mercado do Produtor Agrícola da Cidade, o CEASA. Lá as crianças puderam entrevistar os comerciantes, agricultores e a Diretora do Centro. Pesquisaram sobre as regiões de origem dos produtos comercializados e as cidades destino desses produtos. Também, pedimos patrocínio de verduras e frutas para serem comercializadas na Feira.

Em 28 de agosto de 2008, realizamos a Feira e lá estava eu e meus alunos comercializando os produtos doados e colhidos na própria horta da escola. Empenhamo-nos muito para que aquele momento acontecesse da melhor maneira possível. Foi maravilhoso receber a comunidade e mostrar os frutos de um ano denominado como “Ano da Colheita”.

Diante de todas essas dificuldades, no difícil ano de 2008, iniciei na escola uma campanha do Pão. Foi um momento marcante, porque consegui mobilizar funcionários, empresários e comunidade local para doarem diariamente pão para o café das crianças.

Em 2010, a Direção da Escola teve a brilhante ideia de acabar com a função de auxiliar na escola, ou seja, as auxiliares passaram a assumir a sala de aula como professoras responsáveis pela aprendizagem dos alunos. E, agora, todos como professores passamos a dividir o dia de trabalho em sala de aula, com disciplinas específicas. Estou atuando em sala com a Professora Vane e me sentindo realizada enquanto educadora.

Refletindo sobre as minhas próprias aprendizagens, com muitos

caminhos já trilhados, sinto como é trabalhoso, doloroso e, muitas vezes, ameaçador ter que aprender coisas novas. Como é mais fácil ficarmos com o que já sabemos! Na verdade, é bem mais cômodo. Hoje, percebo como tem foi bom ter sido desafiada, praticamente obrigada a atualizar-me não só intelectualmente, mas também comportamentalmente. Como educadora da ERTE, os cursos de Formação Continuada me levaram a repensar prática pedagógica.

Falar das experiências vividas na escola é também falar de como fui me tornando professora. Sei que ser professora não é uma tarefa fácil. Temos que ser um pouco mãe, pai, amiga, psicóloga, e acima de tudo professora. Hoje, com 31 anos, estou realizando um grande sonho: 'ser professora'. Quando estou dentro da sala de aula me sinto realizada, feliz, completa. E é aí mesmo, dentro da sala de aula, que pretendo viver muitos momentos da vida, talvez os melhores. Se morresse hoje, teria certeza de que trabalhar na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio ao longo desses dez anos foi a experiência mais marcante que já pude ter. Finalizo com a frase de Augusto Cury: "Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender" (CURY, 2003, p.17)

Daiane Silva dos Santos

Minha chegada a ERTE foi no dia 10 de janeiro de 2010. Fui indicada por uma colega que já trabalhava na unidade escolar; ela foi luz em minha vida e me apresentou à Diretora Sonilda. Esta me entrevistou e então fui contratada para auxiliar de serviços gerais. No começo, foi difícil porque eu não conhecia os outros colegas, me sentia um 'peixe fora d'água', mas achei carinho e acolhimento por parte de todos, inclusive dos alunos.

Eu nunca tinha trabalhado em ambientes com tantas pessoas, para mim foi uma experiência desafiadora, afinal o ser humano é fraco, possui deficiências, mas graças a Deus tenho me dado muito bem. A ERTE é uma família, constituída de seus problemas, de suas realizações, igual a toda família; todos são atenciosos, a direção sempre busca igualar os funcionários, seja qual for a sua posição, e isso foi o que me cativou, me fez e faz realizar o meu trabalho cada vez melhor.

A ERTE é uma escola cristã, está sempre invocando o nome do Senhor Jesus Cristo, por isso, por mais que as estruturas estremeçam, ela não cai. Já tinha ouvido falar algumas histórias sobre a luta da escola, mas do lado de fora a gente não sabe o quanto é importante o trabalho que se faz com as crianças dentro desse universo de sonhos; elas são bem tratadas, desde a questão da educação até a alimentação, enfim passam boa parte de seu tempo conosco.

Trabalhar na ERTE para mim está sendo uma lição de vida e superação. Eu não imaginava que tinha capacidade de superar tantos desafios, mas logo percebi ser possível, porque na ERTE cada dia é um desafio novo, cuidar de tantas crianças está sendo um bom exemplo, é uma responsabilidade e tanta, no entanto estou feliz porque no sorriso de cada uma delas eu vejo que vale a pena tanto esforço. Espero que a minha passagem dure muito tempo, até quando Deus quiser.

Agradeço a Deus e à família ERTIANA por ter me dado essa honra de fazer parte dela.

Eliana Gabriel

Sou Eliana Gabriel, natural de Jaguaquara, Bahia, tenho 39 anos, duas filhas lindas, uma com 15 e outra com 16 anos de idade. Minha história na ERTE é muita bela, entretanto vou resumir em poucas palavras.

Morei em Recife sete anos, mas me mudei para Jaguaquara no ano de 1998. Pedi a Deus para abrir uma porta de trabalho para mim. Ouvia falar de uma escola rural que ia inaugurar na cidade, mas nunca imaginei que um dia iria fazer parte dela. Preenchi o currículo e para minha surpresa fui selecionada para trabalhar, e aqui estou completando 10 anos na ERTE. Lembro-me muito bem como se fosse hoje da chegada das primeiras crianças, recebidas pela Professora Sonilda e por cada funcionário com muito carinho e atenção; era cada rostinho, cada choro, olhando tudo e todos ao redor. No início, não foi nada fácil para mim, pois foi minha primeira experiência de emprego.

Grata à Professora Sonilda que tem muito nos ajudado, trazendo a palavra de Deus em cada reunião para nos encorajar e nos fortalecer.

Trabalho na ERTE fazendo a limpeza do dormitório masculino, arrumando os quartos e organizando os ambientes. Faço este trabalho muito feliz, porque cada criança que converso traz consigo sua história, de como era antes e como é agora, depois que está estudando na ERTE. Criança carente de uma palavra de carinho, um abraço, um colo, que muitas vezes não encontra em casa.

Hoje, cada setor que olho aqui na ERTE, penso como era e como está, daí me recordo do início até hoje e cada dia que passa a nossa instituição cresce cada vez mais e com qualidade.

Assim é o resumo da minha vida na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio. Estarei nela até quando o Senhor nosso Deus permitir, pois aprendi ser uma missionária e estou sempre orando e pedindo sabedoria para cada criança residente na escola e sucesso em todas as áreas para esta Unidade de Ensino.

Azenália Pereira dos Santos

Sou Azenália Pereira dos Santos, nascida no dia 11 de junho de 1964, filha do Sr. Antônio Rodrigues dos Santos e de D. Zulmira Pereira dos Santos, natural da cidade de Jaguaquara, Bahia.

Entrei na ERTE através da Professora Renildes Moreira que tinha acabado de me conhecer e a amiga Mara Gasbarre, ambas empenharam-se em me ajudar a conseguir um trabalho. A ERTE já estava em funcionamento, era época de carnaval, quando Mara ligou para minha mãe e disse que queria falar comigo, à noite retornei a ligação, ela me disse: “Azenália, tenho um trabalho para você, a escola é rural e tem uma vaga para auxiliar de disciplina, mande o seu currículo ainda esta semana”. Passou um, passaram dois dias, uma semana, fiquei preocupada, pensando que eu iria sair de perto dos meus filhos, então orei a Deus e fiz o currículo, tendo enviado em seguida. Logo veio a resposta: Mara Gasbarre mandou que eu comparecesse ao lado da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio. Ao chegar a noite, fui à Erte, me apresentei ao porteiro que estava de plantão. Ele mandou que aguardasse porque a Diretora Sonilda estava em uma reunião com os funcionários. Esperei até as 22h00min. Ao término da reunião, a Professora Sonilda chegou ao portão e perguntou: “você é Azenália?”, eu confirmei. “E por que não entrou para participar da reunião?”, questionou. Falei que o porteiro mandou que eu aguardasse. Então ela me apresentou a Jilmara, a qual ficou no meu lugar como auxiliar de disciplina e fiquei como auxiliar de enfermagem. Na manhã seguinte, retornei para a entrevista, fui recebida pelo Vice-diretor Lourival Brito que de imediato me entrevistou. Contei-lhe minhas experiências como profissional e que trabalhava com crianças e adolescentes na igreja em que eu congregava.

No seguimento, procurei a enfermeira-chefe Consuelo que me recebeu com todo carinho e a mim foram passados todos os procedimentos que deveriam ser feitos com as crianças, bem como a escala dos plantões.

Não foi fácil, houve momentos que pensei em desistir, mas eu servia a um Deus Poderoso. Nos plantões à noite, uma professora ou auxiliar ficava com a enfermeira plantonista; mas quando chegou minha vez, todas tinham medo, temiam por não me conhecer; diziam que eu era

uma pessoa esquisita. Essa era a palavra, como se eu fosse de outro planeta. Mas uma professora destemida e corajosa chamada Sandra Martins resolveu ser a primeira a enfrentar o que todos temiam. Apresentei-me a ela, contei-lhe meu testemunho e o que fazia antes de vir para ERTE. Oramos e conversamos com um aluno que estava dando muito trabalho no dormitório e não deixava os outros colegas dormirem. Ela olhou para mim e disse: “Puxa! Você é totalmente diferente do que dizem”. Depois disso, todos que me temiam começaram a ficar comigo nos plantões. Assim diz o ditado; “não se julga o livro pela capa”.

Depois veio a Dr^a Roseli, da Tina Carvalho, da cidade de Pojuca, Bahia, que com a Professora Sonilda, convocou-me na ERTE e me fez a proposta para trabalhar na itinerância, para fazer acompanhamento pedagógico domiciliar em casa dos alunos na zona rural. Hum! Confesso que mexeu com minha estrutura. Fiquei indecisa, pedi um tempo para pensar. Temia o que viria pela frente. Não havia tempo para pensar, era já, a resposta era para o momento. Aceitei e entrei como professora itinerante para trabalhar com o técnico agrícola, Professor Iran Pereira e Neguinha da saúde (como é conhecida). Fomos às regiões em que a itinerância não havia ainda alcançado para apresentar a ERTE e matricular novos alunos, pois o 3º grupo ainda não havia formado.

Às vezes as visitas eram com acompanhamento da Professora Lucy, e o Vice-diretor Brito e o técnico agrícola Professor Orlando Pellegrini, hoje pastor da Igreja da Graça. Depois do 3º grupo, já com as matrículas prontas e o dia marcado para buscá-los, fomos levar os alunos do 2º grupo para casa. Minha primeira viagem como professora itinerante; nesta viagem foi a Professora Sonilda, Nilson como motorista do ônibus, e a enfermeira Jenice. Fiquei muito tensa, pois percebi o peso da responsabilidade que viria. Logo após comecei a ir para a zona rural fazer a itinerância sem auxiliar, o que foi bem difícil. Mas Deus me deu graças, superei e Ele me orientou o que deveria fazer. Pois Ele nos diz que não escolhe capacitados, mas capacita os escolhidos e assim me ensinou a fazer os mapas com as regiões em que faríamos as viagens e os roteiros com horários de cada lugar das buscas e entregas dos alunos de cada grupo.

Colegas que fizeram a itinerância comigo: Pedro Bernadino (Pedrinho de D. Quel) e a Professora Cátia Leliane Coelho, juntos travamos

lutas e enfrentamos desafios, por isso aprendemos muito uns com os outros.

Com Iran Pereira Souza (motorista) rompemos fronteiras e enfrentamos grandes obstáculos. Nilson A. Brandão (como motorista do ônibus) deu-me, igualmente, muita força nas viagens; passamos por grandes provas, tanto nos dias de sol quanto nos dias de chuva, mas Deus sempre foi fiel para conosco.

Reginaldo Pires Cardoso (Bina motorista), Professora Eliane (Ane): juntos conquistamos muitas bênçãos. Atualmente temos Almiro Anjos, motorista da caminhonete e do ônibus.

Vestimos a camisa da ERTE, pois não só fazemos o trabalho itinerante, como fazemos o papel social, família e escola.

Gostaria de relatar um fato que aconteceu várias vezes no meu trabalho: eu, juntamente com o Professor Iran Pereira, muitas vezes deixamos as nossas marmitas em algumas casas de alunos, pois observamos a difícil situação do momento, com crianças chorando e a mãe sem dizer o porquê. Abriamos mão do nosso 'pão' para socorrer um irmão. Então comentávamos com a assistente social Lucy Luz que logo providenciava cestas básicas, medicamentos e vestes.

Também conseguíamos, junto à saúde pública, ligaduras de trompas para as mães que tinham muitos filhos e também algumas cirurgias para alunos que estavam com graves problemas de saúde.

Amo o que faço, pois foi Deus que entregou em minhas mãos para fazer esta missão.

Há ainda o carinho que ganhei e ganho dos pais; para mim são como parte da minha família, pois aonde chego me sinto em casa, sou bem acolhida aonde quer que vá. Faço meu trabalho sempre alegre e procuro transmitir paz, alegria e confiança onde estou e para com os meus colegas.

Tenho passado, no entanto, por grandes provas, jamais desistirei enquanto Deus não permitir que chegue a hora, pois o missionário vive para servir e não para ser servido.

Outro episódio que não poderia deixar de relatar: quando fui com a Dr^a Telma (engenheira) e o repórter Manu, visitar algumas famílias na zona rural, na primeira casa não conseguimos ir com o carro, deixamos do outro lado da estrada, porque era difícil o acesso até a casa. Ladeira sem cascalho, bastante mato que cobria o caminho e muita lama. Chegando a

casa, encontramos três crianças sentadas em uma esteira, e eram muito pequenas, raquíticas e desnutridas. Havia outra criança de oito anos de idade que tomava conta das irmãs menores. Então a Dr^a Telma perguntou onde estava a mãe, e ela disse que a mãe tinha ido à casa de uma vizinha ali perto. As criancinhas começaram a gritar, posto que estranharam a nossa presença e não houve acordo com elas. Dr^a Telma me perguntou onde poderia estar a mãe daquelas crianças e que o fogão não tem nem sinal que foi aceso... Só a cinza fria. Respondi que ela poderia estar trabalhando, ou se escondeu com vergonha da gente. Eles saíram daquela casa arrasados, com os olhos cheios de lágrimas, me disseram: “uns com tanto e outros sem nada”. Chegando a ERTE eles sentaram à mesa, mas não conseguiram comer. Dulce (cozinheira) veio me perguntar o que eles viram para que ficassem naquela situação, tão arrasados que nem 'tocaram' na comida. Respondi a ela que só o coração deles poderia falar o que houve de fato.

E assim vamos construindo, ao modo divino, a história da ERTE.

Almiro Santos dos Anjos

Em janeiro de 2000, quando eu estava trabalhando na portaria de outra instituição, e a ERTE estava para encerrar as obras de construção, propus no coração buscar uma vaga na escola que nascia. Então decidi levar o currículo, e contei com a ajuda de amigos para informar sobre meu trabalho. Eu pretendia ser motorista, mas não foi possível e me colocaram como porteiro, portanto uma experiência nova. Aprendi muito durante sete anos como vigilante, também aprendi a conviver com as crianças, com as quais nunca tinha tido experiência de trabalho; lidar com temperamentos difíceis e que a cada dia nos surpreendem muito. Fico feliz pelas dificuldades que enfrentei durante todos esses anos, mas aprendi com eles – os alunos, principalmente.

Nos últimos dois anos foi nova a experiência como motorista na itinerância; primeiro com Elielena e Eliane, e a seguir com Elielena e Azenália. Têm sido experiências agradáveis, pois aprendi com os pais, os alunos, os colegas de trabalho, dirigindo em estradas quase sempre ruins, entre outras lutas. Sei que cada dia irei conhecer novos desafios, e sou grato a Deus por tudo.

Para mim o mais espetacular na ERTE é que tem algo de maravilhoso, de divino. O contato com as crianças nos leva a aprender, mais que ensinar. Não sou o professor da sala de aula, mas sou o professor do volante, porque conduzo as crianças educando e aprendendo.

Deus aparece nas relações. No reconhecimento das crianças, vejo o divino. É ver Cristo na vida das crianças e dos colegas. Devemos fazer a obra em razão de Jesus, na sua forma humana em cada criança.

Maria da Conceição Trindade Pellegrini

Sou Maria da Conceição Trindade Pellegrini (há oito anos na ERTE). Sou natural de Nova Canaã, Bahia, onde morei desde minha infância. Em 1987, me formei em magistério, mas só assumi uma sala de aula em agosto de 1995, quando passei em um concurso público promovido pela prefeitura de Nova Canaã, de forma que trabalhei durante seis anos como professora regente. Por perseguição política fui demitida juntamente com meu esposo, que também era funcionário público.

Confiamos no Deus que tudo pode, e por intermédio do Sr. Dílson Mello que na época era administrador do Colégio Taylor-Egídio e também fazia parte da equipe que estava trabalhando pela implantação da nova escola, ficamos sabendo da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – ERTE. Como meu marido estava desempregado, ficou interessado em fazer parte do quadro de funcionários, pois havia duas vagas para técnico agrícola; ele foi entrevistado e admitido. Daí então começou minha vida na ERTE. Não entendi direito quando ouvi falar de Pedagogia de Alternância, mesmo assim gostei. No início de março de 2001, mudei-me para Jaguaquara, Bahia, coincidentemente cheguei no mesmo instante que o 1º grupo chegou a escola. Comecei a trabalhar imediatamente, mesmo sem saber o que fazer, tudo era novo e muito diferente das outras escolas que havia trabalhado. Entretanto estava determinada a fazer o melhor possível. “Gosto de ser gente, inacabada, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.” (Paulo Freire).

Na primeira semana me sentia cansada, mas nas semanas seguintes as coisas foram se arrumando. Lembro-me de alguns rostinhos, tristes, outros muito alegres, outros que nem sabiam usar um vaso sanitário, outros esperavam ansiosamente a hora das refeições. A missão era grande e árdua, entretanto, se somos chamados por Deus, estejamos certos de que Ele capacita os escolhidos.

Um dos fatos que me preocuparam no início foi quando, após uma semana que a turma havia chegado, um menino começou a passar mal, vomitava compulsivamente sangue, ele foi levado para a Maternidade – Hospital ligado a nossa instituição – e lá o médico diagnosticou que ele

havia sido espancado, como ele estava na escola, logicamente a culpa recaía sobre a mesma. Naquela noite não consegui dormi, pedi tanto a Deus que não permitisse que aquele menino morresse, pois o estado dele era gravíssimo. Na manhã seguinte, o professor itinerante foi até a zona rural e lá ficou sabendo, através dos vizinhos, que o menor havia caído de um caminhão, e a mãe do educando omitiu o fato para a escola; mas Deus esclareceu e respondeu aos nossos clamores, e tudo terminou bem.

Por ser a ERTE uma escola campestre em modalidade de internato, sempre que era possível eu acompanhava os professores itinerantes quando iam buscar e levar as turmas; em contato com as famílias da zona rural dos nossos alunos, pude perceber a realidade de cada educando, e o porquê da agressividade de muitos, do silêncio de outros. E outros fatores que dificultavam a aprendizagem. Essas descobertas e os estudos de formação continuada serviram de suporte para esclarecer dúvidas que surgiam em sala de aula, e com base neles e as experiência diárias sentia a cada dia que é possível formar cidadãos leitores e escritores competentes em qualquer série. Prova disso é que em 2004, o educando R.W. recebeu das mãos da Professora Stela Dubois uma bolsa de estudo para completar seu curso fundamental e o médio no Colégio Taylor-Egídio – CTE e nos anos seguinte mais três alunos foram contemplados, dois desistiram e dois continuaram lá e muito bem sucedidos.

Em 2006, nossos corações palpitarão de alegria e prazer, especialmente o meu, estava com a terceira série naquele ano e a discente M.B.S. ganhou em primeiro lugar no concurso de redação do Estado da Bahia, ela brilhou em sua dissertação – “A Leitura em minha vida”. “Posso construir minha própria história, e contribuir para que o meu país seja diferente em todos os sentidos, pois num país de muitas pessoas analfabetas quem manda é quem tem dinheiro, posso não ter dinheiro, mas posso mudar muitas coisas com a leitura”. (trecho da redação de M.B.S.). A aluna chegou à escola desde sua alfabetização. Fomos para Salvador em 15 de Outubro de 2006, onde a educanda recebeu das mãos do governador do Estado, na época Paulo Souto, a premiação. Ao retornar a ERTE, o saudoso Professor Mário Moreira abraçou a aluna e declarou “Abraço nesse instante, não a aluna M., mas a escritora M.B.S.”. “Esta é a escola que Paulo Freire sonhou”. Dr. Jason Mafra coordenador do

Instituto Paulo Freire – SP.

Acreditar que o aluno pode aprender é a melhor atitude de um professor. Para chegar a um resultado positivo, sempre acreditei em meu trabalho e em meus alunos e diariamente recebo cartinhas, mensagens de agradecimento por acreditar que eles podiam e podem mudar o curso das suas histórias.

✍ “Você é muito legal, sorridente, alegre, brincalhona. Obrigado por acreditar em mim”. J.B.S.

✍ “Pró, você é uma pessoa muito especial para mim, é uma luz que Deus colocou na minha vida”. J.C.S.

✍ “Tenho muito orgulho de ser seu aluno porque a senhora sabe fazer seus alunos felizes e acreditar neles”. R.S.G.

✍ “Pró, lhe admiro pela sua postura e o seu amor, eu amo suas aulas, porque a senhora é muito engraçada e a aula fica muito mais prazerosa”. J.O.S.

✍ “Pró, você é uma das prós que fazem um trabalho sério em sala de aula. Todos os dias canto meu amor ao criador”. L.L.S.

Ao finalizar o ano de 2007, tive que sair da ERTE, pois o meu esposo é pastor e foi transferido para Salvador; não me despedi de ninguém, pois nunca gostei de despedidas. Em 27 de dezembro de 2007, nos mudamos para a capital do Estado. Nos primeiros meses parece que o mundo desabou em minha cabeça, passei oito anos na ERTE e nela estavam meus amigos, sonhos realizados, muitas conquistas. Chorava muito, senti-me só, embora cercada de pessoas. Foram meses de angústia e muita saudade. O tempo foi passando, às vezes ligava para as colegas, pois queria notícias, elas também me ligavam, orava pela escola constantemente, pedia a Deus que continuasse direcionando a escola através dos seus gestores.

Quase no final de 2009, a Professora Sonilda me ligou e me fez um convite para falar no evento promovido todos os anos para homenagear os ex-alunos e ex-funcionários. Eu falaria para os ex-colegas. Brinquei e disse: “Eu irei, mas não sou ex-funcionária.” Ela riu e disse que depois me confirmaria a data. Um mês depois meu esposo recebeu a notícia que voltaria a pastorear em Jaguaquara. Em seguida, fiquei sabendo que uma colega havia saído da escola, então, novamente ocupei o cargo de docente na ERTE. Parecia um sonho eu novamente vivendo na amada unidade

escolar. Agora mais madura, acredito no plano de Deus em minha vida nessa escola, e é com muita alegria que chego todas as manhãs recepcionada por alguns alunos que estão no portão esperando ganhar um abraço, um sorriso ou apenas um bom dia!

Quero ressaltar que durante todo esse tempo que estou na ERTE fui contemplada com a grandeza dos muitos amigos que conquistei nesse espaço pedagógico, da alegria, do companheirismo de pessoas batalhadoras, comprometidas em fazer uma educação transformadora de vidas. Amigos, estamos em uma missão fazendo uma grande obra!

Abro parênteses para falar da equipe administrativa dessa instituição que durante essa década foi um referencial de dedicação, amor, responsabilidade, doação, organização, honestidade e tantas outras qualidades poderíamos atribuir a esses amigos e companheiros. Como diz a canção da saudosa Stella Câmara Dubois:

Plantando juntos nós seremos fortes
Cantando juntos nós seremos bons
Anunciaremos a fraternidade
E aprenderemos as demais lições

Agradeço a Deus por ter me incluído nesse projeto grandioso chamado ERTE, hoje me sinto mais humilde, serena, humana e, sobretudo, útil e amada. O que mais importa não é o grau de facilidade ou dificuldade para fazer o que Deus ordenou. A nossa obediência é fundamental. Estou imensamente feliz. que mais importa não é o grau de facilidade ou dificuldade para fazer o que Deus ordenou. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (Paulo Freire).

Adilene Costa Almeida Santos

Ouvi falar da ERTE através da Professora Jilmara Nery, em razão de a escola estar precisando de um educador para trabalhar no turno noturno. Em junho de 2001, chegada do 3º Grupo, 1º Período, uma rotina diferente das escolas regulares, crianças morando na unidade escolar durante 30 dias.

Atuei no trabalho de educação integral, de maneira que passava a noite com os alunos e alunas. No início foi muito difícil acomodar cada um deles, pois para todos nós tudo era novo. No ano seguinte, estava recém-casada e a dificuldade foi maior ainda. É como um filme em minha mente: os primeiros contatos com as crianças, a primeira reunião de funcionários, todos na área, em círculo, eu muito tímida, mas acreditando que iria dar certo.

Recordo-me da amiga Lucy, companheira de todas as manhãs; os louvores entoados antes do café e a música mais cantada: “verdadeiro adorador”; a inesquecível Mara Gasbarre, com suas paródias e cordéis, alegrando o nosso ambiente.

Não consigo esquecer as noites que passava sem dormir, preocupada, pois no mesmo pavilhão havia meninos e meninas. Uma enfermeira plantonista nos acompanhava e contávamos, ainda, com o apoio dos vigias.

Mediante as dificuldades, resolvi pedir uma oportunidade para trabalhar na educação integral durante o dia, e deu certo! A Professora Mery Araújo, que estava fazendo o seu estágio no mesmo espaço, assumiu as noites e comecei então um outro trabalho auxiliando a Professora Leticia Coelho na 2ª série.

Em 2004, assumi a regência em sala na 2ª série, substituindo a Professora Eline Ramos e, em seguida, na 1ª série. Atuo nesta até hoje.

Na ERTE todos são educadores, do porteiro ao jardineiro. Isso é muito interessante. Aqui todos são respeitados, principalmente a criança vinda da zona rural, com o falar diferente.

Uma das maiores experiências foi quando a escola recebeu do conselho tutelar da cidade três crianças extremamente carentes, que passavam por problemas familiares, e precisavam muito do meu apoio. Foi então neste momento que descobri o verdadeiro sentido de amar, mesmo

com a dificuldade financeira enfrentada pelo projeto, com salários bastante atrasados. Estava ali para servir a cada criança.

Em 2008, uma grande bênção: a chegada do meu filho. A modalidade PST – Prestação de Serviço Temporário – não nos dá direito à licença, mas a Diretora Sonilda Sampaio, com olhar humano, permitiu que eu acompanhasse o meu filho bem de perto até os quatro meses. Já em 2009, com a notícia de que a escola não funcionaria mais, foi motivo de muita tristeza. Mas grandes foram as bênçãos do Senhor reservadas para essa escola. Vejam: escola reconhecida pelo MEC com direito a filmagem, porque foi considerada escola modelo, em seguida transforma-se em Unidade Gestora, brevemente pólo de uma faculdade pública. Podemos assim dizer: “Até aqui nos ajudou o Senhor. Ele é fiel”.

Sou grata a Deus pela oportunidade de trabalhar neste espaço, com o objetivo de falar de Jesus e ajudar as crianças a ler e a escrever.

À Professora Nalva Gomes quero agradecer pelo seu exemplo de humildade e por ter depositado confiança no meu trabalho. À Professora Sonilda por ter apostado no meu trabalho, pela dedicação aos funcionários, promovendo cursos para que sejamos profissionais qualificados. Aos meus colegas pelo apoio nas horas mais difíceis e especialmente às Professoras Mery e Vilma, pela amizade verdadeira que construímos.

ERTE, uma palavra que significa amor, carinho, respeito, solidariedade, sensibilidade, dignidade, humildade, missão e compromisso.

Eliane Costa Araújo

Sou Eliane Costa Araújo, 32 anos, casada, tenho 01 filho, professora. Ouvi falar da ERTE através de amigos que trabalhavam nessa escola. O que mais me chamava atenção era a proposta de trabalho, nunca tinha ouvido falar em uma escola em que os educandos alternam os locais de aprendizagem: um período na unidade escolar, em regime de internato; um período em casa, com as atividades teóricas e práticas, cuja proposta para o período é que professores itinerantes visitem os educandos e suas famílias. O período passado na escola, ou seja, no internato, contempla a educação formal integral.

Foi nesse momento que tive o interesse, a coragem de mandar uma carta para a Diretora Sonilda contando a minha história e o quanto trabalhar na ERTE seria importante para minha vida profissional e missionária, pois estava desempregada. Sempre gostei de trabalhar com crianças, por isso eu era professora da Escola Bíblica Dominical e trabalhar na ERTE seria realização de um sonho.

No dia 22 de abril de 2001 fui convidada pela Professora Sonilda para trabalhar como professora auxiliar. Era recém-formada em Magistério, mas já tinha um pouco de experiência de docência em razão de ter experienciado uma escola particular. Em nossa primeira conversa, a Professora Sonilda me explicou como seria o trabalho de educação integral: o acompanhamento para o banho, a dinâmica do almoço e do jantar, higiene das crianças. Além disso, seria necessário dar plantão algumas noites e um domingo por mês na escola. No momento, confesso, fiquei muito ansiosa e preocupada ao saber que estava sob minha responsabilidade duzentas crianças; nas madrugadas eu me levantava e cobria todas aquelas que estavam desenroladas e as que estavam doentes dormiam no meu quarto. Eu sentia como se cada criança fosse filho meu. Além desses cuidados, no período da noite deveria acompanhar os educandos nas tarefas deixadas pela professora titular. Foi durante esses momentos que tive a oportunidade de conhecer a história das crianças, de forma que muitas vezes me emocionava e me fazia chorar. Em cada uma das narrativas, em cada olhar, fui descobrindo o porquê de estar numa escola diferente das que já havia passado.

Quero agradecer a Deus pela oportunidade de amar e servir a cada criança e construir novas amizades, as quais muitas vezes surgiram em

momentos difíceis na minha vida. O que muito me marcou foi construir, em meio às dificuldades, uma amizade muito forte e sincera com Mara Alves, que mesmo não trabalhando mais na ERTE, temos contatos até hoje. Não posso deixar de relatar a minha amizade pela Professora Sandra Martins, que trabalha junto comigo. Essa amizade surgiu na minha vida no momento em que a minha melhor amiga e irmã biológica foi embora, mas Deus sabe como diminuir as dores e fazer que suportemos.

A partir das experiências vividas na ERTE, a cada dia foi aumentando meu amor por cada criança. Depois de dois anos, a Coordenadora Nalva me convidou pra assumir uma sala de aula como professora regente e, juntas, encontramos muitos desafios e conquistas. E através dos estudos ministrados pela minha grande mestra Professora Sonilda passei a pesquisar mais sobre a Pedagogia de Alternância. Segundo ela, além de integral, é uma proposta libertadora porque há espaço constituído para o exercício da cidadania de maneira autônoma.

Em 2008, também tive a oportunidade de trabalhar como professora itinerante, de forma que tive o privilégio de conhecer a família de cada aluno e conviver por seis meses vivenciando a realidade de cada um; enfrentei chuvas, sol, muita poeira e longas caminhadas a pé, foram momentos inesquecíveis, que contribuíram para o meu crescimento. Depois de seis meses, retornei novamente para sala de aula, dando continuidade às atividades.

O que sei é que muitas das vezes a fé que tínhamos em DEUS nos dava forças para vencer os desafios e obstáculos que chegavam a nossas mãos. Foi sempre nos vendavais que surgiram novos desafios em prol da luta de continuidade da escola-sonho. O Deus que professamos não nos desamparou e agora estamos profetizando os 10 anos da ERTE: é o momento da colheita. Também na ERTE realizei o sonho de ser mãe, feliz com meu filho Guilherme; a realização de ter a casa própria, fazer a faculdade. E tenho a certeza de que continuarei realizando novos sonhos.

Quero agradecer a Deus com lágrimas nos olhos pela vida dessa mulher, amiga e irmã em Cristo Sonilda Sampaio, por acreditar no meu potencial; quero declarar diante de todos que essa mulher foi enviada por Deus nas horas mais difíceis da minha vida, me trazendo esperança de dias melhores. Diante de tudo isso, valeu a pena esperar no Senhor que é sempre fiel.

Elielena Sousa Gomes

Meu nome é Elielena Sousa Gomes, natural de Jaguaquara, Bahia. Sou Técnica em Contabilidade, atuando como professora, atualmente cursando Serviço Social.

Trabalhei como professora na Prefeitura Municipal de Jaguaquara, Recenseadora do IBGE, Secretária na Associação Cultural Beneficente Jaguar Clube e atualmente na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio.

Fui indicada a trabalhar na ERTE por amigos, de maneira que apresentei meu currículo para preencher uma vaga de professora itinerante. Não sabia muito como era o trabalho. No início, fiquei na escola substituindo uma professora que estava de licença maternidade, assumi como auxiliar por dois meses.

Quando iniciei minhas atividades, tive muitas dificuldades, porque eu tinha experiência apenas como professora das escolas convencionais, e o trabalho da ERTE é totalmente diferente. Foi uma experiência marcante na minha vida, de forma que na primeira semana tive vontade de desistir, mas como sou perseverante nos meus objetivos, fiquei. Eu pensei que a minha capacidade era pequena para tamanha responsabilidade.

Aos poucos fui me adaptando ao trabalho e aos colegas. Como auxiliar, eu cuidava das crianças da minha turma: dava banho, penteava os cabelos, acompanhava e almoçava com eles, bem como dormia e dava aulas. A cada dia era um aprendizado novo, cada momento com eles era muito gratificante.

Um fato que me marcou foi quando, certa vez, levei a turma para o almoço, e uma aluna não comeu toda a comida, jogando fora o que restou. Outra aluna que estava bem perto de mim falou: “Olha pró, a minha colega está jogando a comida fora e na minha casa tem dia que eu tomo água com açúcar que a minha mãe me dá pra dormir, porque não temos comida pra comer todos os dias”. Isso para mim foi muito sofrido e doloroso; ver uma criança daquela idade passar fome. No momento, me senti frustrada por não poder dar solução àquela situação.

Passado um tempo, fui trabalhar na itinerância, demorei um pouco a me adaptar, e hoje somos como irmãos, amigos, companheiros que dividem os aprendizados, troca de experiências, de alegrias e de

tristezas.

Na itinerância, viajamos todos os dias para a Zona Rural, praticamente moramos no carro. Isso se faz necessário, porque fazemos acompanhamento pedagógico domiciliar, visitamos os alunos, corrigimos as atividades que eles levam para fazer em casa. Também conscientizamos seus familiares sobre a necessidade que os educandos têm de fazer as suas atividades e de estar estudando, para que eles possam ter um futuro melhor.

Quero, no entanto, registrar que é muito difícil para mim ver a realidade dos nossos alunos, a dificuldade que eles têm com transporte, com atendimento médico etc.

É mais uma experiência na minha vida, apesar das dificuldades que encontramos como: estradas ruins, carro quebrando em função disso, muita poeira. Eu gosto muito do que aprendi a fazer e a cada dia estou procurando fazer melhor. Conheci e aprendi e fiz amizades com as pessoas que trabalharam e trabalham comigo.

Outro fator de relevância, o qual me deixou muito feliz e honrada, foi o convite para participarmos do vídeo elaborado pelo Instituto Paulo Freire sobre a ERTE, de forma que foi mostrado ao Brasil afora o nosso trabalho e vimos como crescemos e temos a crescer.

Agradeço:

à Professora Sonilda pela oportunidade, paciência, companheirismo, compreensão, sinceridade, apoio e confiança;

aos meus colegas Itinerantes que são a minha segunda família, agradeço a Deus por tê-los conhecido e por fazerem parte da minha vida;

aos nossos alunos que são a razão do nosso trabalho, agradeço a Deus pela vida de cada um, eu os amo muito.

Agradeço a Deus pela oportunidade que me foi concebida.

Eline Ramos

Comecei a trabalhar na ERTE em março de 2001. Recém-formada em Magistério, tinha muito fôlego e muitas expectativas. Não conhecia nada sobre a Pedagogia de Alternância e não tinha nenhuma experiência com internato. Aprendi na prática e com muitos estudos de formação continuada que durante estes dez anos a escola proporcionou-me.

Lembro-me bem da chegada dos primeiros educandos, todos muito tímidos e receosos. A segunda noite foi meu plantão noturno juntamente com a enfermeira Célia. Andávamos pelos corredores dos dormitórios cobrindo cada criança, orando em cada quarto.

Naqueles primeiros dias, adotamos um modelo de trabalho que a princípio não fluiu bem, pois não se adequava à nossa realidade. Testamos então uma nova metodologia que atendesse às nossas necessidades. Deu certo. No segundo semestre daquele ano, nós, as auxiliares de disciplina, fomos à Escola Tina Carvalho, instituição pertencente à Fundação José Carvalho, um dos parceiros do projeto ERTE. Fizemos uma capacitação de três dias, na qual vimos na prática a verdadeira atribuição de um auxiliar de disciplina. Tomei um susto quando vi professores cortar cabelos e unhas dos alunos, tratando da pediculose, na limpeza do ambiente escolar e ainda desenvolver atividades pedagógicas em sala de aula. Não tinha o conhecimento de uma educação que envolvesse o aluno em todos os aspectos. A educação integral em nosso meio tem feito a diferença. Tivemos alunos que chegaram a nossa escola sem nunca ter usado um vaso sanitário. Lembro-me de uma aluna que chorava no banho com medo do chuveiro. Usar garfo e faca: muitas vezes segurávamos nas mãos das crianças para mostrar como procede a utilização.

A ERTE começou com quatro salas de aula e no decorrer destes dez anos muita coisa foi agregada ao nosso ambiente escolar. A primeira foi a biblioteca, depois veio a sala do LEGO Dacta, a sala de informática e muito mais. Hoje dispomos de uma excelente estrutura. Ver a nossa horta produzindo, também foi um momento especial. As crianças tinham prazer em comer o que haviam plantado.

Naqueles primeiros anos, tínhamos três grupos de alunos que alternavam ficando um mês na escola e dois meses em casa. Um dos

momentos muito aguardados e especiais foi o retorno do primeiro grupo. Com muita alegria e festa os recebemos. Eram os primeiros resultados do início do nosso trabalho. A primeira formatura da ERTE também foi um momento inesquecível. Estavam concluindo a 4^o série os nossos alunos que há dois anos nos enchiam de alegria e desafios. Hoje, muitos deles já concluíram o Ensino Médio, alguns até passaram em concurso, outros já sonham com a faculdade.

Durante alguns meses, pude visitar nossos alunos em suas casas, conhecendo a realidade de nossas crianças, por isso pude desenvolver um trabalho mais consistente.

Depois de algumas experiências, me senti preparada para assumir a responsabilidade de ser professora regente. Pedi à direção da escola essa oportunidade que me foi dada. Hoje compartilho uma sala com outras 32 crianças, na qual, juntos, nos educamos, seguindo o diz Paulo Freire:

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Freire, 1987

Vivenciamos muitas crises. Atrasos salariais de até quatro meses. Verbas da manutenção da escola em atraso. Dificuldades tivemos, mas em todas Deus nos deu a vitória. E não perdemos o “gosto gostoso da luta”.

Hoje, chegamos aos dez anos. Estamos mais firmes e unidos, desenvolvendo com mais intensidade as práticas de uma educação integral que tem nos desafiado a fazer algo de qualidade para nossas crianças campestres.

Graciélma Lopes dos Santos Borges

Eu, Graciélma Lopes dos Santos Borges, casada, resido em Jaguaquara, Bahia, cidade onde moro desde a minha infância.

Como moro próximo à escola, ficava observando da varanda da minha casa como funcionava o trabalho da ERTE; era algo diferente que chamava muito a minha atenção. Observava que as crianças no final da tarde não iam para suas casas, a partir dessa observação nasceu dentro de mim um desejo forte de conhecer mais de perto a ERTE. Então surgiu a oportunidade através da Professora Izaná e Miriam, vez que precisava de uma auxiliar para trabalhar lá; levei o meu currículo e no dia 27 de abril de 2009 a Diretora Sonilda me chamou para fazer uma experiência. Confesso: naquele momento eu me senti muito feliz.

A princípio tive um pouco de dificuldade porque não tinha muita experiência para trabalhar com a 4ª série, logo encontrei muitos desafios. Com o decorrer do tempo, portanto, a Professora Sonilda observou que eu teria mais habilidade com a turma infantil, fato de que gostei muito e estou realizada em trabalhar com os pequeninos. Ainda guardo em minha memória um aluno que chegou para mim e relatou que gostava de mim, e quando questionei o porquê, ele respondeu:

– A senhora me dá muito carinho; mais que meus pais.

Fiquei muito emocionada e por conta disso meu carinho e cuidado aumentaram por todos os alunos.

Durante o ano de 2009, passei por um momento muito delicado na minha vida, porque engravidei, mas com três meses de gestação perdi o meu bebê. Foram momentos de muita dor e tristeza, mas em nenhum momento me senti vencida, visto que creio na esperança e tenho fé em Deus que irei realizar o sonho de ser mãe.

Quero finalizar dizendo que na ERTE aprendi e estou aprendendo a cada dia a amar o meu próximo, a cuidar e a servir cada criança como se fosse Jesus Cristo. Sou grata pelas amizades construídas na ERTE, sou grata ao senhor pela oportunidade de fazer parte da história da ERTE. Tudo que vivi e vivo até hoje agradeço a Deus porque Ele tem me capacitado.

Elisângela da Solidade dos Santos

Comecei a trabalhar na ERTE no dia 19 de fevereiro de 2008. Confesso que só fui porque estava desempregada e, por isso, no começo foi um pouco difícil. Fui trabalhar no dormitório, acompanhando as alunas todas as noites. Logo na primeira semana pensei em desistir. Era algo muito estranho. Então fui falar com a Professora Sonilda. Mas ela não aceitou minha saída, me dizendo que era presente de Deus estar naquele lugar.

As palavras dela me reanimaram, então resolvi ficar. A partir daquele momento, Jesus começou a transformar a minha vida na ERTE.

Aprendi a gostar das crianças como se elas fossem minhas de verdade; sempre costumo dizer que meu coração foi lapidado naquele lugar, falo isso porque eu não me imaginava trabalhando com crianças.

Hoje trabalho na ERTE com todo amor e dedicação. Aproveito este momento para falar a todos e principalmente para a Professora Sonilda que a ERTE é um dos maiores presentes de Deus na minha vida.

Eraldo dos Santos

Sou Eraldo dos Santos, casado com Sueley, pai de Milena, Filipe e Rebeca, e nascido em Jaguaquara, Bahia. Iniciei a minha caminhada no ano de 1999, no Colégio Taylor-Egídio, onde trabalhei como agente de portaria. Durante esse tempo, pensava comigo: “vou realizar o meu sonho. Quero trabalhar na área de Informática”. Em 2003, ele se realizou. Fui chamado para fazer parte da família ERTE. Sou técnico em Informática e tenho me empenhado muito nesta ciência, ensinando crianças, adolescentes e adultos a caminhar junto à tecnologia, desde ligar e desligar o computador, até chegar a recursos mais avançados. Ensino o básico em linguagem, como: Actionscript, Delphi, Excel, Flash e algumas tags Html. Fico feliz em passar o meu conhecimento para outras pessoas que não tinham conhecimento de informática, as quais hoje podem dizer que já sabem lidar com o computador.

Agradeço a Deus pela sabedoria que me deu. Graças a ele, ajudo pessoas a crescerem no conhecimento tecnológico. Tenho muito que aprender, pois a tecnologia está muito avançada e a ERTE tem me proporcionado este aprendizado.

Sou também muito útil nas entregas e buscas de alunos, e vejo a realidade de muitos. Na época de chuva, dificulta muito o acesso à residência de alguns alunos, por conta das estradas muito escorregadias, tornando o nosso trabalho ainda mais laborioso, mas, mesmo assim, não deixamos de fazê-lo. Mesmo morando em lugares assim, de difícil acesso, vejo nos rostos dos alunos a alegria e, principalmente, a vontade de aprender.

Assim, agradeço primeiramente a Deus, nosso Pai todo poderoso, à Professora Sonilda Sampaio, ao Professor Lourival Brito, à Professora Stela Dubois e ao Sr. Dilson Melo, pela oportunidade a mim confiada. Que Deus abençoe a todos.

Erenilda Bispo Reis

Sou Erenilda Bispo Reis, casada, mãe de duas filhas. Nasci em Jaguaquara, Bahia, cidade onde resido até hoje. Sou educadora, concluí o Ensino Médio no Colégio Taylor-Egídio-CTE. Possuo Licenciatura em Pedagogia, com Pós-graduação em Psicopedagogia e sou uma participante da equipe de trabalho da ERTE-Escola Estadual Rural Taylor-Egídio.

É, pois, uma Instituição reconhecida pela qualidade do ensino que ministra e pelo atendimento incondicional ao aluno, tendo-o como foco principal do processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, a ERTE assume, na Pedagogia de Alternância, um sentido de estratégia de escolarização que possibilita às crianças e aos adolescentes que vivem no campo, a possibilidade de conjugar a formação escolar com as atividades e as tarefas na unidade produtiva familiar, sem desvincular-se da família e da cultura do campestre.

Narrando a minha história nesta conceituada instituição, fiquei sabendo do maravilhoso projeto na solenidade da inauguração, da qual participava. Dois anos se passaram e sempre em conversa com a Professora da itinerância Azenália (minha prima), comentávamos como aquele trabalho realizado era prazeroso e diferenciado. Fiquei muito interessada e pedi a Deus para que arrumasse um trabalho ali para mim. Perguntei a Azenália: “Como fazer para conseguir um trabalho na ERTE?” Ela me respondeu: “Envia um currículo”. Como conhecia a Professora Stela Dubois há muitos anos, um dia fui à procura dela e conversamos bastante. Ela então me pediu que eu levasse o meu currículo para entregar ao Administrador Sr. Dílson Mello. Levei, passei para ela e fiquei aguardando no Senhor. Passaram-se algumas semanas e recebi um telefonema, através do qual foi agendada uma entrevista com o Sr. Dílson Mello para a manhã do dia seguinte. Lembro-me bem que cheguei ao escritório e ele não estava.

Fiquei orando a Deus e agradecia por estar ali. Quando chegou, começamos a entrevista e ele muito simpático, explicou como seria o trabalho, me orientou e falou que havia uma vaga. Enfim, pediu que eu comesse logo. Iniciei em fevereiro de 2003 e permaneço até hoje. Como já trabalhava na área, não tive muitas dificuldades. Os novos desafios

enfrentados Deus me capacitava e me dava sabedoria.

Trabalho no Setor Financeiro com duas pessoas muito humanas na acepção da palavra: o Vice-diretor, Lourival Brito, pessoa muito admirável, eficiente e responsável e Izaná Costa, colega e amiga. Sinto-me lisonjeada em tê-los comigo. Agradeço a Deus pela vida de ambos.

Agradeço a Deus também pela vida da nossa querida Diretora, Mestra, Sonilda Sampaio, uma mulher guerreira, inspiradora, que realiza os seus projetos e defende seus ideais com muita paixão e garra; uma pessoa dinâmica e com uma capacidade de coordenar sem igual. É extremamente competente, sempre procura o aprimoramento a cada dia e busca o melhor para todos que estão ao seu redor. Agradeço muito pela confiança depositada em mim.

Em 2006, realizei o Estágio em Pedagogia na Instituição. Foi um passo muito marcante em minha vida profissional como educadora. Ao ensinar, a gente aprende e, com essa aprendizagem, a gente ensina melhor.

Trabalhar na ERTE, e em especial com as crianças que lá estudam, para mim, é muito gratificante. Tenho um carinho muito grande por elas e esse sentimento é recíproco. É possível observar em cada gesto a enorme carência que elas têm. Às vezes ficam a minha volta conversando, me fazendo perguntas, me beijando, me abraçando, demonstrando carinho. Sinto-me feliz em participar da construção da vida dessas crianças, de poder, através de pequenas atitudes, contribuir para o crescimento pessoal de cada uma delas. Agradeço por me fazerem crescer junto com elas, aprendendo mais sobre a grande importância da vida. Trabalhar na ERTE é trabalhar por amor, é um privilégio.

Sinto-me honrada e tenho imenso prazer em fazer parte desta equipe.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

(Paulo Freire)

Eulália Santos Pires

Sou Eulália Santos Pires, natural da cidade de Manoel Vitorino, Bahia, atualmente morando na cidade de Jaguaquara, também na Bahia.

A minha ida para a ERTE foi através de Cida (da cozinha) que me convidou para conhecer o trabalho dela. Então como eu estava desempregada e ia até a ERTE, e ajudava as 'meninas' da cozinha a cortar as verduras, escolher feijão, e a cozinhar, fui chamada para trabalhar no acampamento Batista. Em seguida, Nice procurou Mara e perguntou a ela por que não me chamava para trabalhar também na cozinha da escola, ela afirmou que pensaria e depois daria retorno. Como Deus tem meios para nos abençoar, logo Ele usou o coração de Mara e ela ligou para mim, para que eu comparecesse na ERTE às 8h10min para uma entrevista com a Professora Sonilda. Após a entrevista, fui contratada e na segunda-feira seguinte comecei trabalhar. Achei apoio da equipe, inclusive de Mara Alves.

Desempenhei meu trabalho com muito amor, pois para mim a ERTE é uma família que o Senhor preparou; só em trabalhar nela, me sinto a serviço do Rei.

Sou grata a Deus por todas as bênçãos recebidas, e às pessoas que apostaram na minha capacidade e que me deram total apoio. Assim, a ERTE representa a minha casa. Conhecer a Professora Sonilda foi excelente porque ela é guerreira. Há dias que temos vontade de desistir em razão do cansaço e das dificuldades, mas quando olhamos as crianças tudo muda e nos renovamos. Hoje minha igreja é a ERTE; nela há um culto diariamente, a todo momento.

Eunice de Souza Silva

A história da ERTE em minha vida começou assim: morava na Rua Jardim Novo Horizonte, Bairro Palmeira, na cidade de Jaguaquara, Bahia. Numa bela quinta-feira, dia 12 de agosto de 1998, às 15h, batem a porta, quando abro, vejo dona Miralva Paixão e seu esposo, que vieram em nome da Professora Stela Dubois me chamar para trabalhar no Colégio Taylor-Egídio. Fiquei muito feliz, porque há muito tempo eu estava orando a Deus para abrir uma porta de trabalho em uma escola, e naquela tarde eu recebi a resposta da minha oração.

Comecei a jornada de trabalho. Saía da minha casa às cinco horas da manhã, pois entrava na escola às seis horas e era muito longo o percurso. Com um mês de trabalho, D. Miralva e a Professora Stela Dubois me disseram que eu iria morar no fundo da casa de Dr. René Dubois, pois elas estavam vendo que o local de trabalho era mesmo muito longe de onde eu morava; em quatro dias fiz a mudança junto com meus filhos, porque meu esposo estava na cidade de São Paulo. A partir daí, tudo começou a mudar na minha vida; saí de um deserto para um grande manancial de águas vivas. Logo, mais uma vez via a mão de Deus e suas promessas se cumprindo em minha vida.

Fiquei trabalhando no Colégio Taylor-Egídio por três anos. Então surgiu o projeto da reforma do orfanato para se transformar em ERTE, a Professora Sonilda Sampaio e o Sr Dilson Melo me convidaram para trabalhar junto com eles, no cargo de Cozinheira, nesse projeto tão importante para muitas crianças da zona rural. Falei para eles que só iria se a Professora Stela Dubois permitisse e fomos juntos falar com ela. Houve o consentimento, porque, segundo ela, seria a mesma empresa, e que eu estaria trabalhando em um grande sonho do pai dela. Assim, abençoou-me e estou hoje fazendo parte da história de dez anos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, onde conheci pessoas agradáveis e essencialmente humanas.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter me colocado em local de trabalho, exatamente porque amo as crianças. A ERTE para mim foi e é uma grande experiência de vida.

Maria da Glória

Sou Maria da Glória, há três anos na ERTE. Sou da cidade de Ubaitaba, Bahia, e tenho 34 anos. Faço parte desta instituição tão abençoada por Deus. Como Auxiliar de Serviços Gerais, realizo com muito amor meu trabalho, pois servir com alegria faz a diferença. Passo a maior parte do tempo na escola, por isso é como se fosse parte do meu lar.

Ouvi falar da ERTE por meio da Professora e amiga Letícia Coelho. Sinto-me feliz por Deus ter aberto essa porta para mim, porta por meio da qual consegui realizar o sonho da casa própria e plenitude profissional. É um trabalho árduo, entretanto a cada manhã o Senhor renova as minhas forças para realizar os meus afazeres com sucesso, satisfação e muita alegria.

Que o Deus que nos ajudou no decorrer dessa década, continue a nos direcionar por mais dez anos.

Ilzete F. Santos

Sou Ilzete F. Santos, nascida no povoado de Itiúba, município de Jaguaquara, Bahia, filha do Sr. Antônio Bento e da Sr^a Maria Assis.

Certo dia, estava no Banco do Brasil de Jaguaquara, e encontrei a irmã Celia da Igreja Filadélfia conversando sobre o trabalho dela. Fiz a seguinte pergunta: “Onde você trabalha?” De pronto, ela me respondeu: “Na ERTE”. Em seguida, pedi que arrumasse um trabalho para mim. Passaram-se dois meses e ela foi com Mara Alves (chefe de cozinha) e Miro (motorista) até minha casa. Como eu não estava, deixaram um recado com meu filho: que eu comparecesse na escola às 16 horas. Fui pontual, pois sonhava ter um trabalho para alcançar meus objetivos.

Fui entrevistada por Mara Alves, a qual me confirmou que logo me chamaria para compor também a equipe de trabalho da ERTE. Retornei para casa muito satisfeita, confiando em Deus que iria ser de fato chamada. Três dias depois, Miro e Jocélia foram me buscar em minha casa, para eu substituir a Professora Dulce, que estava de licença médica. Entrei para trabalhar no dia 14 de maio de 2008, e abracei a causa, “vesti a camisa” da ERTE e ainda hoje estou nela. Amo o que faço, pois só de servir a nossas crianças campestres já é um privilégio muito grande, vez que vejo Deus em cada uma delas, no sorriso dado gratuitamente em cada rosto inocente.

Ivonete Almeida Vieira

Eu me chamo Ivonete Almeida Vieira, nasci em Jaguaquara, Bahia, sou casada, mãe de três maravilhosas moças e avó de uma garota muito linda (Raissa), que veio para a minha vida a fim de que eu pudesse colocar em prática muitos dos novos ensinamentos que tenho aprendido na ERTE nos dez anos de permanência na Pedagogia de Alternância, em regime integral.

Em 2000, minha família estava atravessando uma crise financeira e já não podia arcar com as despesas de nossas filhas no Colégio Taylor-Egídio. Como elas sempre estudaram m tal unidade escolar, nós (eu e meu esposo) não queríamos que saíssem porque já estavam acostumadas e já tinham seus grupos de amigos. Então acabamos contraindo uma dívida e no final do ano 2000 fui em busca de solução para esse problema. Em uma conversa com a Professora Stela Dubois surgiu a ideia de trabalhar na ERTE e resolver todo questão financeira com o colégio, e é exatamente por isso que eu sempre penso na ERTE como solução para nossas vidas, pois a partir daquele momento senti que tudo seria diferente.

Alum tempo depois da conversa com a Professora Stela, já em 2001, tive contato com a Professora Sonilda para ser entrevistada – sempre me lembro como ela me explicou tudo com muitos detalhes, inclusive o valor do salário – saí da conversa muito feliz, pois havia conseguido meu primeiro emprego. Já na primeira reunião geral para que o grupo se conhecesse achei algumas coisas estranhas, como por exemplo, pessoas que haviam se mudado para cá por conta do trabalho. Confesso que naquele momento achei que eram muito ‘loucos’ para fazerem tais mudanças em suas vidas, posto que até então não tivesse muita ideia do que era não ter um emprego. Nós nos confraternizamos e ficamos aguardando o momento inicial do trabalho com a chegada das crianças.

Em março do mesmo ano, finalmente, a ERTE abre suas portas e recebe os primeiros alunos, e nós todos muito curiosos e ansiosos para conhecê-los. Pois nós seríamos responsáveis em cuidar e educar tais crianças, tarefa não muito fácil. Mas para mim isso não foi tão difícil quanto conviver entre os meus colegas, vez que era o meu primeiro emprego, e eu não tinha experiência em trabalhar, especialmente com um grupo tão grande de pessoas, portanto neste aspecto encontrei muitas dificuldades.

A ERTE é um lugar essencialmente importante na minha vida, pois nela que aprendi a arte da convivência. Sou uma pessoa de personalidade muito forte, daquelas que não levam desaforos para casa, mas na ERTE aprendi a me deixar ser moldada e hoje compreendo que não preciso me exaltar e que o controle emocional é necessário para uma boa convivência. Portanto, posso considerar que nesses dez anos nasceu uma nova pessoa em mim. Agora sou mais tolerante e até mais amiga.

Trabalhar nessa escola tem se tornado a cada dia uma nova missão em minha vida, já que durante a caminhada já passamos por vários momentos tristes, mas a nossa força e união têm nos levado a superar cada um deles. E quando pensamos em nossas crianças e em suas histórias de vida e do que esperam de nós, a força redobra para continuarmos caminhando em busca de novos e mágicos momentos.

Uma das experiências que me marcaram muito aconteceu em 2005. Tive uma aluna que veio de um lar em que seus familiares não conseguiam externar os sentimentos, os pais eram sempre muito sérios com os filhos, não havia nenhuma relação afetiva clara entre eles. Ao chegar ao nosso convívio, com muito carinho e compreensão, ela passou a ser mais carinhosa conosco e isso foi muito positivo em seu convívio familiar, pois com o passar do tempo todo aquele carinho que ela recebia e passou a demonstrar entre nós, funcionários da escola, passou a acontecer também em seu lar e hoje ela não sai de casa sem se despedir de seus pais com muitos beijos e abraços, a afetividade já faz parte das relações na casa dela a partir da ERTE.

Na ERTE também tive a oportunidade de reavivar o meu lado de criança, que fica cada vez mais forte quando vejo os alunos brincando de gude; não perco tempo, depois do almoço, eu e a colega Meire sempre aproveitamos para os nossos jogos de gudes com as crianças, chegando a fazer nossos campeonatos.

Este espaço que me acolheu em um dos momentos mais difíceis em minha vida, tem me ajudado a ser uma nova pessoa, a compreender melhor a fé em Deus, a ter cuidado com o próximo e me proporcionou criar novas e firmes amizades. Eu só tenho que agradecer a Deus pela permissão do convívio e às pessoas que me permitiram ter esta experiência única que me seguirá por todos os dias de minha vida.

Izaná Costa Silva

Sou Izaná Costa Silva, educadora, com Licenciatura em Pedagogia e sou mais um membro que faz parte da equipe brilhante que compõe a ERTE – Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, localizada no município de Jaguaquara, Bahia.

Ao tentar expressar como percebo a ERTE, e congratular todos os seus feitos, não seria possível falar das mil lideranças comunitárias que fazem parte da mesma, embora todas merecessem estar nestas páginas. Estão! Estão nas entrelinhas, no conceito de vidas dedicadas ao amor ao próximo, que é um dos preceitos abraçados por renomada instituição.

Relatando minha história no grupo, comecei a trabalhar na ERTE em dezembro de 2005, já ouvindo falar muito bem desta. Comentavam que naquele espaço pessoas desenvolviam um ensino diferenciado e interessante, e então sentia curiosidade em saber o que acontecia ali naquela escola. Ao passar, entretanto, pela situação de desemprego, uma colega cujo nome é Erenilda Bispo Reis, funcionária da unidade escolar, falou-me que surgiria uma vaga na função de Assistente Auxiliar Administrativo. Logo, foi agendado um dia para um diálogo com a Diretora Sonilda Sampaio. Ela, muito segura do seu ambiente de trabalho e conhecedora de toda a estrutura funcional, falou-me da seriedade e como seria a rotina da escola, escutei atentamente cada palavra proferida e acabei aceitando a proposta. Posteriormente, passei na experiência dos três meses e estou até hoje, abraçando o ambiente, as crianças e o trabalho de excelência que é realizado.

Faço parte do Setor Financeiro da ERTE; lidar com essa parte burocrática não é nada fácil, vez que todo dia surge algo novo. Trabalho diretamente com o Educador e Vice-diretor Lourival Brito Guimarães, pessoa discreta, comprometido, que Deus confiou essa missão de fazer o bem, e a Educadora Erenilda Bispo Reis, grande amiga, paciente e valorosa. Podemos dizer que já vivemos dias difíceis em nossa escola, com as intempéries que surgem ao longo do caminho e mesmo assim nunca perdemos as esperanças, porque sabíamos que o tempo só a Deus pertence e que ao final alcançaríamos a vitória.

Aqui compartilhamos momentos marcantes de vida, experiências que podem ajudar tantas outras pessoas, com o gesto solidário. O que nos

dá satisfação é que o pouco que fazemos é muito para quem está recebendo, e vamos continuar esta caminhada de desafios porque sem eles nós não teríamos crescido em nossa vida pessoal e profissional.

Falando da ERTE, não posso deixar de citar, em especial, essa mulher fantástica, a Diretora “Mestra” Sonilda Sampaio, por quem tenho grande admiração; por todas as virtudes que lhes são facilmente notadas. É amiga, simples, empreendedora, profundamente trabalhadora e zelosa de suas responsabilidades. Sabe ser inteira em cada lugar em que está. Faz com que o outro se sinta valorizado. Sabe ouvir. Na ERTE, certamente, sempre estará cercada de amor por todos que a rodeiam.

O princípio desta instituição é que a vida ensina mais que a escola, por isso, o centro do processo ensino-aprendizagem é o aluno e a sua realidade. É lindo o trabalho que os educadores realizam, desde a cozinheira ao servir a cada um dos educandos, até o educador que está em sua sala de aula desenvolvendo sua práxis pedagógica.

Realmente é uma tarefa árdua, mas na ERTE todos trabalham com amor, alegria e esperança, e posso visualizar que na conclusão de cada trabalho, temos como frutos a aquisição de competências necessárias à formação de cada um dos discentes, nossas crianças do campo!

Trabalhar na ERTE, falo sem demagogia, é algo contagiante, principalmente quando olhamos para as crianças, o brilho no olhar de cada uma esperando por um sorriso seu, sabendo que pode contar com o apoio de todos os profissionais que atuam junto a elas.

No ambiente fantástico eretano, aprendemos que a grande revolução vive no coração das pessoas. Ela é silenciosa. É cotidiana. E todos os dias encontramos coisas novas no tesouro da vida: emoções, alegrias, dores e tudo isso se transforma em amor para partilharmos com o próximo.

Sinto-me honrada e tenho imenso prazer em fazer parte da equipe espetacular que se constitui ERTE.

Parabéns Escola Estadual Rural Taylor-Egídio pelos seus dez anos de existência.

Josiane Xavier da Silva

Sou Josiane Xavier da Silva, natural da cidade de Jaguaquara, Bahia, nascida no dia 01 de agosto de 1984.

Minha ida para ERTE foi através da colega Jócelia, conhecida como Célia de Tê, em função de saber que eu estava desempregada. Fez-me o grande favor de ligar para Mara Alves pedindo o trabalho para mim, pois estava precisando de duas pessoas para trabalhar na cozinha da escola. Então Mara mandou que eu comparecesse para fazer uma entrevista com ela e a Diretora Sonilda, fui aceita e de imediato comecei a trabalhar.

Acreditei na fidelidade de Deus, o qual é sempre fiel e não nos desampara. Hoje faço meu trabalho com carinho e dedicação, sabendo que as crianças da ERTE dependem do nosso amor. Amo a cada uma, pois aprendi a conviver com o jeito de ser delas.

Sou grata a Deus por tudo que tem feito em minha vida. Agradeço a todos que me deram total apoio, principalmente a Célia, à Diretora Sonilda e a Mara Alves.

Juliana Cardoso Bastos Santos

Quando ouvi falar do trabalho desenvolvido pela ERTE, logo me interessei pelo assunto, uma vez que se tratava da educação integral do educando.

Fiquei entusiasmada ao saber que a pedagogia adotada pela instituição é a Pedagogia de Alternância. Foi então que a Professora Letícia Coelho me orientou a procurar a Diretora da Escola, a Professora Sonilda Sampaio, para que eu pudesse entender melhor o modo como tal pedagogia é aplicada.

Como eu já tinha tido experiência com a educação no campo, a Professora Letícia achou interessante que eu conhecesse mais de perto o trabalho desenvolvido pela ERTE. A oportunidade tão esperada surgiu e eu a abracei. Interessante é que parecia que eu já fazia parte daquela família há muito tempo e tenho aprendido muito com a experiência.

A educação integral do educando tem permitido o meu crescimento enquanto profissional. É como se meus alunos fizessem parte de um quebra-cabeça que completa o meu cotidiano; cada vez que entro na escola minha responsabilidade como educadora se avoluma.

Durante o tempo em que estou na instituição um fato me marcou: o momento em que dois alunos (F.A.S e T.J.S) teriam que ser levados para casa por estarem descumprindo as regras da escola. Algo me dizia que eles ainda mereciam uma segunda chance. Acabei me responsabilizando pelas duas crianças e tive uma conversa sincera com ambas. A confiança depositada valeu a pena, pois os alunos estão dando provas de que minha intervenção foi valorizada.

Creio que minha ida para a ERTE não foi mera coincidência, mas providência divina. Estou fazendo o que gosto e dessa forma contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Jusceli Moraes Silva

Agradeço a Deus pelas oportunidades que a mim tem dado. E uma delas é essa de compartilhar neste livro um pouco da nossa trajetória, por intermédio da pessoa querida e amada que é nossa Diretora Sonilda Sampaio, a qual com muito afinho e garra vem lutando com toda equipe para fazer o melhor sempre.

Lembro-me com muita graça do dia 21 de maio de 2007, quando estava em minha casa e recebi um telefonema de uma das funcionárias da ERTE, a irmã Nilda Reis, falando-me de uma vaga de trabalho que estava surgindo na área de serviços gerais na escola. Até aí não conhecia a ERTE, pois tinha chegado à cidade de Jaguaquara, Bahia, fazia pouco tempo. Estava, pois, em uma das viagens missionárias. Falei com meu esposo, orei a Deus, e em seguida procurei a Professora Sonilda, a qual me recebeu com muito carinho e passou para mim as tarefas a serem feitas. Falei a Deus que se fosse Ele que estivesse me enviando, faria o que viesse às minhas mãos, mas principalmente com meu coração.

No dia 22 de maio de 2007, comecei a trabalhar. Logo que cheguei à ERTE me encantei e também senti muita paz quando vi que era um serviço em prol das crianças rurais. Entendo que na convivência com essas crianças é preciso ter doação, dedicação, amor, compreensão e acima de tudo cuidado. A ERTE não é simplesmente uma escola comum, mas é um campo missionário. Cuidar das crianças e servi-las é muito precioso. O convívio com elas nos faz bem e nos leva a refletir, vez que aprendemos com elas todos os dias. Todos nós funcionários somos aprendizes. Aprendemos com as travessuras, brincadeiras e cartas que eles e elas nos escrevem demonstrando carinho e agradecimento, ao modo deles, claro.

A ERTE é casa de refúgio e amparo, nela formamos uma grande família... Rimos e choramos, compartilhamos os bons e maus momentos... A minha alegria é saber que o pouco que fazemos, às vezes, se torna muito para as crianças campestres que tanto precisam de nós. Hoje colaboro no setor da cozinha, juntamente com minhas colegas, de forma que temos unido forças para fazermos o melhor.

Finalizo dizendo que até aqui tem nos ajudado o Senhor, estamos em uma missão e toda missão é árdua, com pedras no caminho, subidas e descidas, mas não deixa de ser missão.

Lúcia Maria de Argôlo

Sou Lúcia Maria de Argôlo, fruto da união de Otávio Argôlo e Quintina Maria de Argôlo (já retomados ao convívio do Pai), natural da cidade de Santa Inês, Bahia. Nasci em 14 de janeiro de 1960. Prodígio do amor de Deus, vivo experienciando o presente porque é dádiva; tal qual águia sempre em busca dos melhores ventos para seu vôo, vou vivendo e sonhando com dias promissores, almejando a cada despertar mais paz e serenidade comigo mesma, com o cosmos e com meus semelhantes. Participo da religião católica, tenho três filhos.

Cursei Formação para o Magistério, e nos 19 anos de exercício de minha carreira venho enriquecendo em experiências no convívio com crianças, adolescentes, jovens e adultos, além de participar constantemente dos mais diversificados processos de aperfeiçoamento promovidos pela Secretaria Estadual de Educação – SEC, para professores.

No ano de 2009, fui designada a exercer minhas atividades profissionais na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – ERTE, momento no qual fui informada de que em tal escola trabalhava-se uma “metodologia diferenciada”.

Antes de apresentar-me à direção da escola, sem saber nada concernente à citada metodologia, acessei a internet em busca de alguma informação que pudesse elucidar o redemoinho de questionamentos que permeavam meus pensamentos naquela noite de espera até o amanhecer, quando deveria comparecer à unidade escolar.

No site <http://www.erte.com.br/> comecei a ler sobre a nova escola da qual faria parte e ao invés de faltar minha curiosidade, percebi que ela se tornara mais aguçada ainda, ao imaginar como seria vivenciar tudo aquilo de perto, fazer parte daquele mundo tão convidativo quanto inquietante que se deparava sobre mim, e pelo qual já começava a me fascinar, por transmitir a certeza de uma educação consciente e participativa, com uma administração séria e comprometida, em que o aluno campestre é reconhecido e valorizado como pessoa, recebendo uma formação diferenciada através da Pedagogia de Alternância, modalidade de ensino que busca a conciliação entre a escola e a vida, não permitindo ao educando desligar-se de sua família e, por conseguinte, do meio rural.

Meu primeiro contato com a equipe da ERTE foi o mais acolhedor possível. Fui abraçada não apenas como funcionária, mas qual membro de uma família com posturas missionárias, onde cada educando que chega é acolhido como réplica de Cristo e participa de uma educação que não se limita à mera transmissão de conhecimentos científicos, mas usufrui de uma formação que o envolve integralmente, recebendo cuidados de higiene corporal e boas maneiras, de uma forma maternal e carinhosa, formação espiritual, assistência médica e odontológica, além de ser preparado para a atuação consciente nos grupos sociais. Outro fator relevante para o educando da ERTE é o respeito que se tem pelo seu jeito de ser, modos de falar e de se expressar.

Durante esse tempo de convívio na ERTE, pude presenciar situações as mais diversas e aprender com exemplos simples como o sentimento de partilha que as crianças adotam durante as refeições. Gente, é impressionante a humildade com que elas trocam um tipo de alimento com o colega vizinho, por outro que o agrada mais; a preocupação que eles têm quando o outro não está se sentindo bem, comunicando imediatamente à professora, ou levando-o ao “Postinho” no espaço da própria escola onde temos uma enfermeira de plantão, responsável pelo acompanhamento do estado de saúde e encaminhamento ao médico específico nos postos de saúde quando necessário.

Outra coisa facilmente perceptível e que aprecio muito é o relacionamento entre os dirigentes e demais funcionários, numa relação humanitária e completamente democrática, na qual não se faz diferença entre as hierarquias. Desfrutamos de um companheirismo fraternal entre os profissionais. Todos somos responsáveis pela árdua missão de educar – as crianças não conhecem os funcionários com as denominações pela função que exercem como servente, porteiro ou motorista – chamam a todos de “professores” e essa é mais uma característica marcante que diferencia a ERTE das outras unidades de ensino.

Os pais estão sempre presentes, participando das reuniões e encontros realizados, como o Projeto em parceria com as Lojas Guaibim, no qual foram ministrados cursos para os pais, seguido de acompanhamento no almoço com os filhos, acontecimento que bem evidencia a parceria entre a escola e a família dos educandos; a festa caipira

realizada no mês de junho para encerrar as atividades entre um e outro períodos da alternância, entre outros.

Aliada à família, temos também o envolvimento da comunidade em eventos marcantes e festivos, porquanto a escola promove anualmente a união de funcionários que já trabalharam e alunos que já estudaram nela com os atuais, numa demonstração de carinho e reconhecimento pelo esforço desempenhado em prol da escola em tempos idos. É um encontro muito alegre e valioso especialmente para os que não mais atuam se sentirem reconhecidos e comprovarem a evolução que vislumbraram, acontecendo ao longo dos dez anos dedicados à educação dos meninos, meninas e adolescentes campestres.

A ERTE está sempre alerta quanto à necessidade da realização de diferentes vivências entre os educandos, com a aplicação de projetos, a exemplo do Projeto Práticas de Vida, no qual os educandos da 5ª série (6º ano) tiveram palestras com profissionais específicos da área sobre sexualidade, uso de agrotóxicos e uma experiência como garçons, momentos nos quais eles emocionados declararam: “Esse dia vai ser inesquecível na minha vida!”.

Enfatizo também a emoção vivida pelos educandos concluintes da 4ª Série e seus familiares, quando foram homenageados em evento específico, com a presença de autoridades, no mês de dezembro de 2009, numa solenidade aconchegante, e gratificante, uma vez que não tem preço o brilho que se fazia perceptível no olhar daqueles adolescentes pela meta alcançada e a satisfação dos pais.

Hoje, nós construtores da história da ERTE, independentemente do tempo em que atuamos, nos sentimos felizes com a conquista da implantação do 6º ano do Ensino Fundamental e a previsão do 7º ano, para atender à necessidade das comunidades rurais.

Fazer parte da história da ERTE tem sido para mim vencer um novo desafio a cada dia, uma vez que, mesmo em meio às vicissitudes que enfrentamos – como em todas as demais extensões da vida – os alunos campestres, adverso ao que imaginam pessoas desinformadas, são para nós notável manancial de aprendizado na sua forma simples e peculiar de agir e de viver.

Maria Aparecida Ivo Gomes

No dia 21 de agosto de 2003, fui indicada pelo Sr Júnior Matos Lopes e pela Sra. Rita Mirian para trabalhar na ERTE.

Agradeço a Deus pela vida da nossa querida Diretora Sonilda Sampaio que me deu esta oportunidade, estou na escola, graças a Deus, completando sete anos de labor e gosto imensamente do que faço.

No meu trabalho, tenho alegria de poder colaborar e servir as crianças, também gosto muito de todos os meus colegas de trabalho. E porque amo muito as nossas crianças e por elas tenho grande afeto e carinho, lembro-me de quantas vezes chorava vendo-as chorar, em razão de não quererem ir embora.

Agradeço a Deus pela vida da Professora Jusceli Moraes que tem caminhado conosco, fazendo o nosso trabalho com amor e carinho e temos o privilégio de sermos todos educadores no que fazemos.

Termino pedindo que Deus continue abençoando grandemente a ERTE, que para nós é como um lar.

Maria Amélia dos Santos Sousa

É com muito orgulho que escrevo a minha história na ERTE. Sou Maria Amélia dos Santos Sousa.

O dia 1 de março de 2001 marcou minha vida: fui chamada para trabalhar na ERTE. Foi para mim uma experiência muito grande. Eu morava em Brasília, Distrito Federal, há 12 anos e resolvi mudar para Jaguaquara, Bahia, com minha família.

Cheguei a Jaguaquara em setembro de 2000 e fiquei na casa do meu querido pai Fernando, o qual conhecia a Professora Sonilda. Ele sempre conversava com ela acerca da possibilidade dela me conseguir um emprego na ERTE.

Até que no dia 1º de março a minha bênção chegou. Foi um dia muito especial e feliz da minha vida, porque eu estava precisando muito de um trabalho. Agradeço a Deus em primeiro lugar porque ele abriu esta porta para mim e ao meu querido pai Fernando porque através dele tive a oportunidade de pertencer à família ERTE.

Fui contratada para ser auxiliar de cozinha, o que foi uma experiência muito boa, até porque tudo para mim era novo. Graças a Deus, vesti a camisa e já tenho dez anos trabalhando. Estou muito feliz, mas no início foi difícil, cansativo e de muito corre-corre, mas todos estávamos felizes e esperançosos, pois o Senhor é o nosso pastor e nada nos faltará.

Comecei como auxiliar e hoje já cozinho. Eu amo fazer as refeições das crianças. Quero ficar mais dez anos se assim Deus me permitir e que eu possa estar sempre servindo às crianças, vez que são tão carentes.

Trabalhar na ERTE significa aprender muito, são experiências novas e inesquecíveis. Trabalhar na ERTE significa desprendimento, carinho e dedicação para com todas as crianças.

Estar na ERTE é tudo de bom, é confiar em Jesus porque a porta que ele abre ninguém pode fechar. Tenho orgulho de fazer parte dos colaboradores de tal instituição que realiza um trabalho muito bonito com as crianças da zona rural, bem como pertencer a uma grande família para qual derramamos muito amor e carinho.

Quero agradecer a minha família por ter me apoiado no meu trabalho e à Professora Sonilda por fazer parte dessa família que sempre luta pelos objetivos comuns.

Marielma Reis dos Santos

Sou Marielma Reis dos Santos, filha de Florisa Reis dos Santos e Getúlio Ferreira dos Santos. Nasci na cidade de Jequié, Bahia, no dia 08 de outubro de 1982. Tenho três irmãs do primeiro casal, que hoje são casadas, uma irmã da parte de meu pai, e desfruto do amor de dois sobrinhos e uma sobrinha. Passei a morar em Jaguaquara aos sete anos, logo após a separação dos meus pais. Optei por morar com minha mãe. Cursei o primário na Escola Virgílio Pereira de Almeida, o ginásio foi no Colégio Pio XII, onde concluí o Ensino Médio no ano de 2003. Em 2004, conquistei meu primeiro emprego no comércio, trabalhando seguidamente em três estabelecimentos. Nos anos de 2008 e 2009, trabalhei na biblioteca do Colégio Taylor-Egídio.

No atual momento não pude ainda cursar uma faculdade, creio que no tempo certo alcançarei tal meta, objetivando adquirir conhecimentos ao explorar o oceano de possibilidades que me espera. Ainda sou solteira, porém a caminho do casamento, momento sonhado primeiro em Deus.

Hoje estou agarrando uma oportunidade única: graças a Deus que não desampara os seus, e a Izaná, uma amiga em Cristo que viu em mim uma pessoa capaz de exercer a função de auxiliar de classe. Assumi tal função na ERTE, por intermédio também da Professora Sonilda. Na escola, tenho passado grandes experiências de vida com novos colegas de trabalho e aprendido a cada dia com as crianças, as quais precisam de carinho, de amor, de atenção e, acima de tudo, de conviver em sociedade, mostrando suas características de campestres. As crianças são observadoras natas das coisas que as rodeiam, dos fatos que acontecem e, principalmente, do professor. Tenho observado no pouco tempo de convívio na Escola e com cada criança que é de fundamental importância transmitir para elas calma, camaradagem, amizade e segurança para que haja satisfação mútua.

Aprendi com elas a importância do chegar perto, falar olhando no olho, ouvir o que tem para argumentar, elogiar, bem como dar um sorriso e um abraço acolhedor. Ser feliz, portanto, é conquistar o amor de uma criança. Na ERTE temos tudo isso em profusão. É mesmo obra de Deus.

Marinilda Almeida Vieira Souza

Sou Marinilda Almeida Vieira Souza, tenho 36 anos, sou casada, mãe de dois filhos, natural de Jaguaquara, Bahia.

Soube, através de minha irmã Vane, que na instituição na qual ela trabalhava havia surgido uma vaga e como no momento eu estava desempregada, resolvi então enviar meu currículo: tratava-se da ERTE.

Em fevereiro do ano de 2003, surgiu a oportunidade de trabalhar na escola. Fui entrevistada por Dilson Melo e em seguida pela Professora Sonilda Sampaio, os quais me convidaram para fazer uma experiência de trabalho, de forma que no dia 18 de fevereiro de 2003 comecei efetivamente.

No primeiro ano fui me adaptando ao ritmo e aos horários de trabalho, já que a escola é campestre, residencial e em regime de alternância, de maneira que as crianças passam um mês em casa e outro na escola. Confesso que no início fiquei um pouco assustada em ver que as crianças ficavam um período integral na escola, sem a família. Era tudo muito diferente do que eu ouvia e sabia sobre educação. Nunca tinha visto nada sobre Pedagogia de Alternância.

Eu não possuía muita experiência em educação, fui aprendendo no diariamente junto com meus colegas e com as crianças; estas têm muito que ensinar para nós. A escola além de primar pelo conhecimento formal das crianças, oferece total apoio para o profissional que quer aperfeiçoar o trabalho pedagógico, promovendo cursos para uma formação continuada, deixando sempre informados.

Vivenciamos muitas alegrias nesses anos. As formaturas das 4^a séries, a aluna M.B.S. que ganhou o concurso estadual de redação, as bolsas de estudo que alguns alunos recebem, enfim foram muitas alegrias.

Também tivemos algumas crises, como atraso nos salários, nas verbas para manutenção da escola. Mesmo com essas e outras crises, com muita persistência e com fé em Deus fomos superando as dificuldades e hoje estamos muito mais unidos.

A ERTE deu um novo sentido para minha vida. Com o passar dos anos fui adquirindo experiências e aprendendo a lidar com as crianças e com as diversas situações. Conheci crianças maravilhosas das quais sempre vou lembrar. Também conheci pessoas muito especiais, algumas

que se tornaram minhas amigas mesmo fora do ambiente de trabalho. Aprendi a me relacionar melhor com as pessoas, conviver, aceitar e respeitar porque ninguém pensa igual a ninguém. Compreendi que para que tudo ocorra bem nos relacionamentos e especialmente no grupo de trabalho precisamos ser flexíveis e ter sabedoria pra mudar o que pode ser mudado e aceitar o que não se pode mudar. Assim, tudo o que passamos valeu a pena.

Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de fazer parte da família ERTE. Posso dizer que me sinto mais humana, humilde, útil e com capacidade para amar mais e me sentir igualmente amada. Sou eternamente grata a Deus.

Maryvane dos Santos Araújo

Eu sou Maryvane dos Santos Araújo, conhecida como Meire – Meirinha para os íntimos –, nascida e criada na cidade de Jaguaquara, Bahia. Estudei as séries do Ensino Fundamental no Centro Social Urbano e no Colégio Pio XII, ambas escolas públicas. Em 2001, conclui o Ensino Médio e o curso Técnico em Agropecuária na cidade de Santa Inês, Bahia, na Escola Agrotécnica Federal – EAFSI, hoje conhecida como Instituto Federal Baiano – *Campus* Santa Inês.

Ao final do curso Técnico, realizava-se um estágio com o objetivo de oferecer aos estudantes a experiência do aprender-fazendo no campo profissional, oferecendo oportunidades de executar tarefas relacionadas com áreas do próprio interesse. A minha área de interesse foi agricultura.

Foi na oportunidade supracitada que conheci a instituição ERTE, no ano de 2002, através de uma amiga da escola EAFSI, Ana Paula Silva, que estava já finalizando seu estágio na ERTE, de forma que ela me indicou também para realizar meu estágio ali. Até então desconhecia totalmente essa rede de ensino. Pensei que era mais uma dessas escolas regulares com os mesmos métodos de aprendizagem. Entrei em contato pessoalmente com a Diretora Sonilda Sampaio, a qual me apresentou o Professor de agricultura e Técnico Agrícola, Orlando Pellegrini, que iria supervisionar o período do meu estágio, com a carga-horária mínima de 150 horas. Inicialmente fiquei um pouco assustada ao saber que iria ter contato com crianças. Geralmente a escola em que eu estudava indica estágios em fazendas ou em empresas no ramo da agricultura.

Aos poucos fui tomando conhecimento de como a escola funcionava. Até então, desconhecia na educação a Pedagogia de Alternância. As crianças residiam na escola, em sistema de internato. Fiquei impressionada com o trabalho, porque tem como um dos objetivos alfabetizar crianças e adolescente da zona rural para a cidadania, sem preconceitos linguísticos. A convivência com as crianças fez com que eu olhasse o mundo com outros olhos, foi uma coisa tão intensa, que quando dei por mim estavam todos de lá fazendo parte da minha vida. Fizeram-me enxergar a vida simples que levam com muita serenidade. Chegava a minha casa e ficava perplexa diante de suas histórias, e o mais interessante disso tudo: nós não precisávamos perguntar nada para eles sobre suas

vidas, mas é perceptível a necessidade deles de contar a própria história para alguém, não por pena, e sim mostrar a vida simples que levam e são felizes.

Fui tendo aproximação aos poucos com a equipe; percebi algo diferente naquele ambiente, todos são tratados como professores, desde o porteiro ao jardineiro. Tive mais contato com corpo docente. Era nítido o compromisso e a serenidade de todos que ali trabalhavam e trabalham. Outro ponto que me chamou atenção foi que a palavra de Deus se faz presente na escola, eu ficava impressionada de ver a postura das crianças ao iniciar as aulas pela manhã, no almoço, ao jantar e finalizando ao dormir, agradecendo e pedindo a bênção de Deus; logo fiquei sabendo que é uma escola cristã, buscando fazer da educação cristã uma perspectiva de Jesus Cristo vivo na conduta de cada um. Eu ficava pensando acerca da serenidade desse trabalho e responsabilidade de alfabetizar crianças da zona rural. O estágio estava finalizando. Iria agradecer a todos pelo momento e pela oportunidade desse labor tão diferencial, quando algo inesperado aconteceu. Como é uma escola residencial, surgiu uma vaga para Educação Integral, até então desconhecia essa educação. A Professora Adilene que acompanha as noites no dormitório feminino estava recém-casada, e ao surgir oportunidade no outro turno, ela foi convocada a assumir. Lembro-me de que algumas professoras estavam arrumando o pátio para o natal, quando me prontifiquei a ajudá-las. A costureira na época também estava participando da arrumação e falou para mim que estava surgindo uma vaga para a noite. Em seguida, perguntou-me por que eu não iria falar com a Diretora a respeito dessa vaga. E ela me encorajou tanto que não hesitei: fui conversar com a Diretora a respeito da vaga que surgira e ela me pediu para aguardar, que depois me daria a resposta. Saí da sala esperançosa.

Não me recordo precisamente do dia e da hora em que a Professora Sonilda me chamou e confirmou que eu iria passar por uma experiência de três meses. Na hora agradei ao meu Deus em silêncio, chorei, e saí com uma felicidade inexplicável. Assinaram a minha carteira de trabalho no dia 19 de fevereiro de 2003. Fui apresentada em uma reunião a todos da equipe. Fui disposta para o trabalho, mas vazia, em se tratando de conhecimentos em educação. Fiquei um pouco assustada diante do que iria acontecer, porque ainda muito jovem, com 21 anos, sem

experiência nenhuma e tomando conta de quase 150 meninas, sem seus pais por perto, fazendo o papel de mãe, olhando quarto por quarto, acordando de madrugada para ver se não havia nenhuma desenrolada, me permitindo doar o meu afago quando estavam tristes ou doentes, de manter a ordem e a disciplina; confesso que foi difícil. Nas noites eu não ficava sozinha, tinha uma enfermeira de plantão, que me ajudou muito.

Sou grata a todas que ali convivi durante um ano. A fase mais difícil para mim era sempre a chegada de cada grupo, pois a maioria nunca tinha saído de seus lares. Eram muitas lágrimas à noite, quando não tinha a presença dos pais, o conforto da sua casa, mesmo na simplicidade, o cheirinho do seu cobertor e principalmente dormir sem a “bença de mainha e de painho” como elas me relatavam. Então a chegada de cada grupo – na época eram três – era marcada por lágrimas diferentes, relatos diferentes, e eu me via perdidamente entregue àquelas crianças, de corpo, alma e coração.

Que escola de vida, eu conhecendo o outro lado do ser humano. Confesso a todos que comecei a conhecer a face de Deus e a ter mais intimidade de uma forma mais intensa na ERTE, tendo as crianças em minha vida, fazendo parte da vida delas, tendo mais compaixão, amor e respeito ao próximo. Eu andava tão distante da palavra de Deus que eu tinha vergonha de abrir a boca para orar, me peguei várias vezes falando coisas sem nexos, sem ser de coração, mas aos poucos, ouvindo mais sobre a Palavra, fui sendo confortada pelo o amor de Deus diante dessa instituição.

A adaptação era gradativa, como elas percebiam o conforto que era dado nos ambientes da escola, os papéis eram invertidos na saída de cada grupo: choravam para não irem para casa, porque ali elas percebiam que também se sentiam em casa, rodeadas de amor. Houve muitas noites mal dormidas, mas as manhãs foram sempre de grandes lições. Não sabia que a Educação Integral nos impactava tanto, às vezes as coisas mínimas que nossas crianças fazem como tomar banho pela manhã, arrumar sua cama, estender sua toalha, manter o ambiente limpo e organizado, refletia tanto em cada uma delas... Nas reuniões de pais, os relatos de que o filho tinha mudado a sua postura eram muitos. Passei um ano nessa experiência à noite.

No período de 2004 a 2008 tive novas e inusitadas experiências,

deixei de dormir com as meninas, e passei a ser auxiliar da Professora Eliane Costa. Um mundo desconhecido, tratando na parte de educação formal, com pouco conhecimento, sem experiência. Nem passava pela minha cabeça que um dia eu estaria em uma sala de aula fazendo parte da alfabetização de uma criança. Porém, eu nunca esqueci de que quando havia estudo com o corpo docente, e eu tinha que participar das reuniões, a Diretora sempre mencionava que um dia poderíamos ocupar outros cargos dentro da escola; mas não é que ela tinha razão? Aconteceu comigo.

Fiquei inquieta, comecei a buscar informações sobre alfabetização, a ler livros de autores relacionados à educação, como Emília Ferreiro, o grande mestre Paulo Freire, e tantos outros, me enchendo de informações. Pensei comigo mesma: “Teoria é fácil, quero ver é se consigo colocar em prática tudo o que estou lendo”. Eu acreditava que todas as crianças aprendiam por igual tudo o que era exposto para elas. Peguei-me muitas vezes dizendo para o aluno que a atividade estava errada, que o falar dele estava errado, porque simplesmente desconhecia o falar diferente, as crenças e culturas que as crianças traziam na sua história. A forma como elas vivem, o preconceito que elas carregam, só por ter a forma de viver diferente. Tenho boas lembranças de quando levava textos relacionados ao ambiente em que vivem, havia mais participações, diálogos, isso porque mexemos com seu contexto.

Sendo professora auxiliar, busquei entender o mundo que nossas crianças vivem, principalmente mudar a postura como educadora e inovar as minhas práticas pedagógicas. Depois de algumas descobertas, estudos, entendi finalmente que aquela menina que chegou “vazia” sobre a educação não existia mais. Aquela menina buscou, e continua buscando, alternativas para uma educação melhor e de qualidade na vida das crianças que por ela passaram ou passarão.

Dando seqüência a minha experiência, vem a prova de fogo: em 2008, aconteceu algo inesperado na minha vida, que foi a morte do meu pai, e faltava apenas uma semana para eu assumir uma sala de aula como regente. Confesso que foi um período muito difícil, pensei até em desistir de tudo, eu estava num estado delicado da minha vida, não sabia como iria lidar com a perda. Nesse momento, me senti amparada pelas colegas da escola. No dia 12 de maio de 2008, pedi forças a DEUS para enfrentar meu

novos desafios, saber lidar com a perda, bem como assumir a 2ª série junto com a Professora Marinilda. Passando um pouco as tempestades da vida, segui em frente e dei continuidade ao meu trabalho. Quanta responsabilidade alfabetizar crianças da zona rural! Foram, como a vida é, experiências positivas e negativas: sempre estava inquieta em relação a algumas crianças, buscava entender seu mundo, os seus desafios, chegava um momento de desistir porque algumas não conseguiam avançar junto com a turma, parecia que meu trabalho, meus esforços, não estavam valendo de nada e eu sempre buscando inovar a minha prática e, às vezes, a impressão que me tomava conta era de que não tinha resultado algum. Desabafava com a Coordenadora Nalva e ela sempre me acalmava mostrando algo relacionado sobre as minhas inquietações. Comecei a ponderar e me alegrava quando a criança chegava só decodificando as palavras e ao final do período a grande alegria: saía lendo. Isso compensava tudo.

Em 2010, passei a ser professora de agricultura. Confesso que me senti bem mais confortável, porque nossas crianças se sentem em casa quando estão na horta. Observei que muitas em sala de aula não têm bom desempenho, mas em se tratando de horta se destacam consideravelmente. No final de cada período, elas levam para casa sementes e mudas de algumas plantas para continuar o trabalho em casa, tendo por objetivo o consumo próprio da família ou até mesmo gerar uma pequena renda. O mais rentável é que quando na chegada elas relatam o que fizeram, se houve produção, faz com que o nosso trabalho seja gratificante com o objetivo atingido: a valorização do campo.

Essa é a minha história na ERTE, hoje com 28 anos, nova postura cristã, e acreditando na melhoria da educação no campo, por via da Pedagogia de Alternância. Sou grata a Deus, por fazer parte de tal instituição, que tem um trabalho diferencial. Agradeço às amigas construídas verdadeiramente, à Professora Sonilda e a Nalva por acreditarem na minha capacidade como educadora.

Marta dos Santos Souza

Meu nome é Marta dos Santos Souza, sou brasileira e não desisto nunca. Meu ingresso na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio foi preparado por Deus. Trabalhava de contrato na prefeitura de Jaguaquara, Bahia, e quando o contrato venceu, fiquei mais de um ano desempregada, orando para que Deus abrisse uma porta de emprego e sempre em minhas orações pedia que fosse para trabalhar com crianças.

Certo dia, conversando com minha irmã Amélia, que já trabalhava há mais de um ano na ERTE, fui informada de que uma colega chamada Eliane estava para sair de licença maternidade. Neste momento, senti que Deus estava preparando algo para mim. Amélia conversou com Ane (Eliane) da possibilidade de substituí-la na sua licença. No dia seguinte, Ane conversou com a Diretora Sonilda, a qual marcou uma entrevista comigo.

Na época, eu era professora do departamento da classe de crianças na Igreja Filadélfia, cujo Pastor era José Jorge, esposo da Diretora supracitada. No domingo à noite, por coincidência ou providência, conheci a Professora Sonilda. Fui apresentada a ela por intermédio de meu cunhado Lucas, que também participava da Igreja Filadélfia. Creio que Deus já tinha preparado tudo na minha vida, porque fiz a entrevista, ela gostou de mim e falou que iria fazer uma experiência. Com o passar do tempo, fui contratada e glorifico a Deus por estar fazendo parte de tal instituição, tão respeitada e admirada por todos.

Acho muito gratificante o convívio com as crianças, sinto-me realizada em fazer uma coisa que gosto: ensinar. Cada criança para mim é como uma pedra que precisa ser lapidada a cada dia, conforme dito do próprio Pr. Jorge, plantando a semente do amor, da paz, respeitando cada uma com seu jeitinho de ser.

Na ERTE, as crianças são tratadas com carinho, como se estivéssemos fazendo para Jesus. Na instituição, vivi várias experiências que nunca vou esquecer. Uma delas foi de uma aluna que chegou para mim e disse que não queria ir embora, gostaria de morar comigo; depois a chamei carinhosamente e perguntei qual o motivo de ela não querer voltar para casa. Ela me relatou que eu era como uma mãe para ela e que sua mãe verdadeira a maltratava muito.

Também Na ERTE aprendi a me relacionar melhor com as pessoas,

construi amizades verdadeiras, aprendi a amar as crianças sem me importar com sua cor, raça ou classe social. Compreendi que é nos momentos mais difíceis que temos de provar nossa fé, porque Deus é fiel e ele não nos desampara. A ERTE é uma dádiva de Deus na minha vida, vez que aprendi a ser uma professora melhor, a olhar as crianças com olhar de Jesus, a amar os semelhantes, ser solidária, perdoar mesmo não sendo perdoada. A ERTE é uma escola que transforma vidas.

Lourival Brito Guimarães

Meu nome é Lourival Brito Guimarães, nascido em Caraíbas, município de Contendas do Sincorá, Bahia, no dia 22 de junho de 1962. Filho de Olival de Araújo Guimarães e Áurea Brito Guimarães. Meu pai e minha mãe, grandes exemplos de vida e guerreiros por natureza divina.

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – ERTE começou a fazer parte de minha vida ainda no ano de 2000, quando fui convidado pela Professora Sonilda Sampaio para fazer parte da equipe que seria formada com o objetivo de transformar em realidade sonhos de várias gerações. Sobre esses sonhos, o próprio Professor Carlos Dubois chegou a compartilhar comigo da vontade de que um dia nasceria uma escola que atendesse a alunos da zona rural, sempre tão esquecidos e entregues à própria sorte.

Aceitei a proposta para ser o Vice-diretor e juntamente com dezenas de outras pessoas começamos a procurar o conhecimento do que afinal seria nosso papel dentro desse projeto tão grande quanto desconhecido. Não sabíamos quase nada do que viria pela frente, mas sentíamos algo de diferente no ar.

Fui, juntamente com Joan (Fundação José Carvalho – FJC), Iran, Iramar, Nega e taxista Elias, o responsável pela formação das primeiras turmas. Nossa meta era matricular 300 alunos da zona rural de Jaguaquara, Bahia. Começamos com o povoado do Baixão, numa noite de dezembro de 2000, e essa rotina se prolongou por muitas e muitas noites, estendendo-se até a madrugada.

Missão difícil era a de convencer pais e filhos a acreditarem na nova proposta que se apresentava, e, mais uma vez o homem da roça destemido por natureza, aceitou por amor a seus filhos esse desafio de vida melhor. Era um misto de ver o grupo formado e de culpa por estar afastando crianças do convívio do seu lar e da liberdade em que viviam. Naquele momento, prevaleceu o objetivo: precisávamos de 300 alunos e esse desejo parecia encobrir todas as outras sensações.

Objetivo alcançado, os primeiros alunos chegaram e as turmas foram formadas. Duas turmas, 300 alunos, números e nada mais. Só a partir daquele momento, comecei a perceber a complexidade do trabalho que seria desenvolvido.

Os números se transformaram em gente. Crianças carentes, doentes e com muita saudade de casa. Vimos a oportunidade de tentar retribuir a Deus todo o seu amor, ajudando aquelas crianças. Não dava mais para voltar, tínhamos de seguir em frente.

Estou completando dez anos junto com a ERTE, com a sensação de que poderia ter sido melhor. Melhor com as crianças, com os colegas e melhor comigo mesmo. Não posso voltar no tempo. Levo comigo lembranças que certamente confortarão meus últimos dias, lembranças das crianças e dos amigos que tive o privilégio de conhecer.

E assim, dia após dia fomos enfrentando e vencendo os desafios dessa escolha. Alegrias e tristezas fizeram parte da minha vida na ERTE, mas o saldo é positivo, sou melhor que antes. Casei-me com Cristiane, grande amor da minha vida, e desse amor o grande presente de Deus: Marcele. E assim vou tecendo minha história.

Miriam Adelaido Santos

Sou Miriam Adelaido Santos, casada, tenho três filhos, moro em Jaguaquara, Bahia.

Eu era dona de casa quando surgiu a necessidade de trabalhar para ajudar meu esposo na renda familiar. Foi nesse momento que comecei a orar e pedir a Deus para que Ele abrisse as portas de um trabalho para mim.

Foi através da minha cunhada Eliane, que já trabalhava na ERTE, que fiquei sabendo do surgimento de uma vaga na escola. Como eu tinha interesse, levei o meu currículo e entreguei pessoalmente à Diretora Sonilda; no primeiro contato fiquei encantada com a educação e o carinho dela. Ela me falou que o trabalho era muito pesado, eu teria que lavar e passar roupas de 500 crianças, de maneira que fiquei um pouco assustada, mas aceitei fazer a experiência de uma semana.

No dia 18 de abril de 2005, comecei a trabalhar. No início, eu senti muitas “dores de cabeça”, mas fui me acostumando, e havia mais duas colegas que me ajudavam. Ainda hoje estou eu contando a minha bênção.

Depois de um ano de trabalho, passei a cuidar do dormitório, arrumando cada quarto com muito carinho; deixo os banheiros bem limpinhos e agradáveis; limpo o “Postinho”, acompanho as crianças no banho, ajudo a entregar as fardas e aproveito o momento para dar conselhos a elas, porque eu aprendi com a Professora Sonilda a servir a cada uma delas como se eu estivesse servindo a Jesus Cristo.

Tenho um bom relacionamento com as crianças, por isso passei a conhecer a história de cada uma, e me emociono muito com o modo que relatam suas narrativas de vida. Sei que não posso ajudar financeiramente, mas ajudo em oração e carinho.

Sinto-me muito grata à Professora Sonilda por me reconhecer como uma educadora, de modo que posso contribuir para o crescimento da ERTE, bem como da minha vida. Não importa o que somos, se somos da limpeza, da cozinha, ou regente de sala, o que importa mesmo é que todos somos educadores, fazendo o melhor para servir a cada criança. Obrigada Senhor por fazer parte da história da ERTE e a ERTE fazer parte da minha história.

Nalva Oliveira Gomes

“Quem se sente fascinado pelo mar acaba por descobrir as maneiras de construir barcos e de navegar”

Rubem Alves

Quando Sonilda me convidou para fazer parte da equipe que iniciaria o projeto ERTE, não demorei a aceitar o convite por vários motivos. Dentre eles o de trabalhar ao lado dela, o que é uma garantia de crescer como gente e como profissional. Só que o projeto envolvia uma tal de Pedagogia de Alternância, da qual nunca tinha ouvido falar, mas como diz Rubem Alves, “O conhecimento surge sempre no desafio do desconhecido”.

Ao iniciarmos as nossas atividades em fevereiro de 2001, o primeiro grupo chegou à escola no início da tarde. Foi recebido com muita alegria e carinho por toda a equipe. Desciam do ônibus com carinhas assustadas e curiosas. Professor Mário Moreira e Professora Renilde estavam conosco nesta recepção.

No dormitório, a primeira noite foi assustadora para mim. Crianças que corriam pelos corredores, de quarto em quarto sem sinal de sono ou cansaço. Felizmente nestes primeiros dias contamos com a presença experiente da Professora Rosely, Diretora da escola Tina Carvalho, de onde vinha o modelo de internato e alternância que estávamos iniciando.

Nesta primeira semana eu procurava por um aluno que estava na relação do grupo que chegara, mas não o encontrava em nenhuma das salas. Era fato que tinha sido trazido para a escola. A procura já se tornava em agonia, sendo procurado até pelas ruas da cidade, quando de sala em sala, associando o nome do aluno ao nome dos pais, um garoto se apresenta confirmando que aqueles eram os nomes dos seus pais. Conclusão: ele não sabia o próprio nome, só se conhecia pelo apelido de “Cinho”.

Dez anos se passaram. Aprendi o que é a tal Pedagogia de Alternância. Isto na prática significou assumir a responsabilidade pela construção de alternativas viáveis, para que meninos e meninas da zona rural pudessem ter uma educação integral, respeitando a sua cultura, o seu

modo de falar, mas também apontando para novas possibilidades, novos conhecimentos, estimulando valores, habilidades e competências.

Estarei marcada para sempre pelas experiências vividas com crianças que me encheram de alegria quando descobriram o segredo da leitura, me fizeram chorar ouvindo suas histórias de dificuldades, como abandono e desamor. Num domingo, horário de almoço – todos muito alegres com a macarronada com frango que iriam comer – um garoto pega a sua bandeja e vai rapidamente para mesa. No momento em que começa a comer, fica triste e pensativo com olhos cheios de lágrimas, fala para mim: “Será que mãe tem o que comer hoje?”

Um outro garoto chegou à escola trazido pelo Conselho Tutelar. Muito agressivo. No olhar um misto de ódio e tristeza. Nas primeiras conversas, num gesto de carinho tentei tocar no seu rosto; afastou-se bruscamente e foi muito difícil a convivência nas primeiras semanas, até que um dia, consegui que ele contasse a sua história. Abandonado pela mãe, sem conhecer o pai, criado pelos avós que diziam não suportá-lo mais. Ao sentir-se alvo da nossa atenção e cuidado, transformou-se num menino dócil e ajudador, deixando os avós e vizinhos impressionados com a sua mudança de comportamento. Estas são só uma amostra das muitas histórias que tenho vivenciado na ERTE. Sinto-me privilegiada por fazer parte de tal escola que acolhe e que tem sido um lugar de superação.

Ao final destes dez anos, catalogar os erros e os acertos, tem igual relevância para que esta escola continue a abençoar meninos e meninas da zona rural de Jaguaquara, Bahia, firmando-se como um espaço onde brotam a educação integral, a afetividade, a liberdade de pensamento e a criatividade.

Paulo Edelbrando Silva de Miranda

Meu nome é Paulo Edelbrando Silva de Miranda, nasci em Coaraci, uma pequena cidade no sul da Bahia. Assim como a maior parte dos brasileiros têm vidas peculiares, a minha não seria diferente. A minha sempre foi marcada por aventuras (morei em vários lugares, sempre estava mudando), encontros, desencontros alegrias e tristezas; mas não deixa de ser uma bela história.

Depois de muitas idas e vindas, firmei-me em Jequié, Bahia, onde tenho trabalhado muito. E assim, como a igreja faz parte da minha vida, em um encontro religioso na Cidade Sol – Jequié é assim apelidada –, tive o prazer de conhecer Aldaci com quem me casei, tendo em seguida dois filhos maravilhosos, Davi e Paula. Formamos uma bela família. Não tive muita oportunidade de estudar ainda jovem, então depois de casado passei a estudar, formei-me em administração de empresas com ênfase em agronegócios, pois sempre estive ligado ao campo. Foi uma ótima experiência conviver com pessoas mais jovens e aprender juntos.

Depois de achar que minha vida já estava organizada e firmada em Jequié, em 2007 tive o prazer de, através da Professora Sonilda Sampaio, conhecer a ERTE em Jaguaquara, Bahia. Fui convidado a visitar a escola para uma possível adaptação. E a partir daí comecei a perceber que se tudo desse certo eu teria que deixar a família por alguns dias durante a semana e me transferir para aquela cidade. No início foi muito difícil, mas com o passar do tempo fui me acostumando. Ao chegar à ERTE foi tudo muito estranho, tudo muito novo, desde os colegas até o modelo de trabalho, Pedagogia de Alternância. Logo que cheguei, tudo estava muito tranquilo, todos estavam em sala, imaginei: “Que paz, que silêncio, uma escola pública com tanta tranquilidade!” Mas logo chegou o momento do recreio e do banho e as crianças começaram a sair das salas e de repente, o barulho deles me preocupou, já não havia tanto silêncio assim. Com o tempo, descobri que este barulho das crianças faz parte do movimento da vida, e nós é que precisamos organizar isso, sem o qual a vida não teria sentido.

O tempo passou e algumas angústias tomaram conta de mim. No início tive atritos com alunos. E sempre questionava: “Por que crianças que dão tanto trabalho estão aqui?” Eu ainda não entendia que na ERTE nós não desistimos tão fácil das pessoas, especialmente de crianças que

necessitam do nosso apoio, carinho e compreensão. E com tudo isso eu compreendi que não foram só as crianças que mudaram seu jeito de ser, pois sei que hoje também sou outra pessoa; a compreensão, a paciência e a tolerância são sentimentos que se tornam fortes em nosso ser.

A educação na ERTE não acontece como um simples local de trabalho; na escola há um sentimento diferente, os alunos se transformam em filhos e amigos.

Atualmente, posso dizer que a ERTE é uma família, pois temos alegrias, tristezas, adversidades, mas para mim vale a pena fazer parte do grupo. Apesar de não ser membro fundador, tenho orgulho de pertencer a tal instituição. Sou um missionário da ERTE.

Raimunda Ribeiro Sales

Assim como muitos brasileiros desempregados e que precisam fazer alguma coisa para a sobrevivência, eu vivi mais de 13 anos da minha vida fazendo biscate, por conta disso eram muitas as dificuldades e necessidades. Nunca perdi, entretanto, a esperança e a fé em Deus, tinha a convicção de que algo ia acontecer e mudar a minha história. Certo dia, ouvindo o rádio, fiquei sabendo da existência da ERTE; o meu filho ficou entusiasmado e eu mais ainda. Então fui até a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio e conversei diretamente com a Diretora Sonilda Sampaio e consegui matricular o meu rebento.

Daí por diante as coisa foram se arrumando, e o sonho de trabalhar nessa instituição brotou ainda mais forte em meu coração. Tive a oportunidade de relatar um pouco da minha vida à Diretora Sonilda Sampaio que bondosamente analisava cada detalhe. Ao final da conversa, ela me fez a proposta de fazer parte da família ERTE e logo aceitei, parecia sonho, mas era realidade.

Agora completo três anos nesse campo missionário, no qual aprendi a amar cada criança. Realizo meu trabalho de lavadeira com muito carinho e alegria, pois a minha história ganhou um novo rumo. Agradeço a Deus por ter colocado o sonho de dias melhores em meu coração, e à Professora Sonilda por ter a sensibilidade de Deus em seu interior e realizar o meu sonho.

Sandra Costa Correia

Quando morava em Salvador tinha vontade de ser voluntária em uma creche para cuidar de crianças carentes, mas meu emprego não me dava essa oportunidade, vez que me tomava muito tempo.

Em 2003, trabalhava numa casa comercial na cidade Jaguaquara, Bahia, e comecei a fazer o curso de auxiliar de enfermagem do PROFAE. Nesse meandro, Mércia, antiga funcionária da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – ERTE, necessitou se ausentar e me pediu para dar alguns plantões para ela. Eu lhe disse que ainda não possuía experiência, pois tinha pouco tempo de curso. Ela falou que o trabalho era simples, bastava ter carinho e cuidar das crianças como se fossem nossos filhos, e assim eu fiz. Pedi demissão do emprego alegando que precisava de tempo para me dedicar ao curso.

Em janeiro de 2004, fui matricular minha filha no Colégio Taylor-Egídio. Encontrei a Professora Sonilda e ela me perguntou sobre a experiência com as crianças. Disse-lhe que foi como um sonho para mim, fiquei realizada com o trabalho. No seguimento, ela me disse que gostou do meu serviço, que tinha uma vaga e me convidou para trabalhar. Aceitei de imediato; claro, cuidar de crianças era um sonho antigo e ainda receber salário por isso...

Trabalhei durante três anos, levando as crianças para consultas médicas, cuidados simples, mas muitas vezes os pais tinham dificuldade em razão do local em que moravam, do pouco conhecimento, da questão financeira, e graças a Deus a Escola dava e dá todo suporte necessário. Conseguimos muitas cirurgias que não são realizadas na nossa cidade, e como tenho acesso em Salvador por ter morado lá durante 30 anos, ficou mais fácil ajudar algumas famílias. Mas, infelizmente meu contrato de trabalho venceu. Fiquei ausente fisicamente durante dois anos.

Em janeiro de 2009, surgiu uma vaga. Logo que soube, procurei a Professora Sonilda e lhe pedi nova oportunidade de trabalho, pois não queria outro emprego, já que me sinto realizada em trabalhar com as crianças da ERTE, tão diferentes de todas que já conheci. Assevero que mudei o meu modo de viver depois do contato com elas, como me aproximei de Deus através delas. É um trabalho interno constante de humildade, paciência e de amor, por isso é que sou uma auxiliar de

enfermagem diferente, sou a auxiliar de enfermagem das crianças da ERTE. E minha realização maior é quando consigo ajudá-las a resolver seus problemas de saúde, já que o financeiro e os sentimentais são tão difíceis.

Sou Sandra Costa Correia, 40 anos, solteira, soteropolitana, mas jaguaquarense de coração.

Sandra Martins de Souza

Sou Sandra Martins de Souza, nasci em Limoeiro do Norte, no Estado do Ceará. Com três meses de idade, nossa família voltou para Salvador, na Bahia, onde morei até os cinco anos. No final de 1977, nos mudamos para o interior. Passamos quatro meses em Itaquara, mas logo nos firmamos em Itiruçu, onde tive uma infância com muita liberdade e tranquilidade. Lá também estudei e durante a adolescência sempre tive o sonho de morar fora para estudar; mas minha família não tinha condições financeiras para arcar com tais despesas, então meus pais sempre me incentivavam no sentido de me esforçar nos estudos onde estivesse mesmo. Em 1991, concluí o curso de Magistério. E o sonho de continuar estudando sempre esteve presente em minha vida. Neste mesmo lugar, em 1994, constituí uma nova família e em 1996 realizei o sonho de ser mãe: nasceu Gabriela (um presente de Deus para mim).

Em 2001, eu e meu marido fomos informados sobre a abertura de uma nova escola em Jaguaquara, Bahia, município vizinho ao nosso, e uma grande pessoa e amiga, chamada Iracema Pires, enviou o currículo de meu companheiro até a escola rural, de forma que logo foi convidado para uma entrevista. Neste momento, meu nome foi citado. Então a Professora Sonilda pediu que ele me apresentasse junto com o currículo. E assim fui entrevistada e logo admitida. Porém nós teríamos de nos mudar para Jaguaquara, cidade sede da unidade escolar; eles também nos ofereceram uma bolsa de estudos para nossa filha, depois de toda essa negociação, aceitamos.

Depois da entrevista, nós procuramos casa para alugar e assim tivemos o prazer de conhecer Dona Onésima e o Senhor Mário Barbosa, que nos acolheram com muito carinho, alugaram-nos uma casa e se tornaram grandes amigos.

A mudança aconteceu no início do mês de março do mesmo ano; tudo muito novo, o mais difícil estava por vir, trabalhar em uma escola que funcionava completamente diferente de tudo que eu já tinha visto em educação. E assim nos organizamos, arrumamos tudo e o dia de buscar as crianças chegou. Numa tarde, um ônibus parou em frente a escola e várias crianças campestres desceram, tão espantadas quanto nós. Foi, de fato, muito estranho, mas igualmente muito tocante; logo nos apresentamos,

nos abraçamos, tratamos de nos conhecer. E eu havia sido escolhida para passar a primeira noite com elas. A preocupação de como seria cuidar de tantas crianças juntas foi grande, então eu e Cida, a enfermeira plantonista, passamos a noite toda andando pelos corredores, cobrindo e ajeitando as crianças em suas camas. Ao amanhecer, acordamos todas elas e lhes explicamos que deveriam tomar banho para se organizarem para o café da manhã, tudo aconteceu com tranquilidade. Logo depois, as crianças foram para as salas de aula, neste momento tivemos um pouco de dificuldades, levamos alguns dias para nos organizarmos, pois o modelo que seguíamos não se adequava bem à nossa realidade, mas em pouco tempo tudo se acertou.

A cada dia este modelo de educação me fascinava mais, e todos acabamos nos sentindo cada vez mais responsáveis por aquelas crianças, já que morávamos juntos durante trinta dias e sua educação estava sendo confiada a nós.

Muitas coisas aconteceram em nossas vidas na ERTE, em minha vida houve uma verdadeira transformação de personalidade e comportamento, junto com meus companheiros de trabalho, seja educando ou educadores (pois temos o prazer e o privilégio de sermos todos educandos e educadores, especialmente de educação integral).

Nesses dez anos na ERTE, presenciamos situações inusitadas, desde crianças que sentiam medo de chuveiro, vaso sanitário, que não sabiam seu próprio nome e que não estavam acostumados a usar roupas, até aquelas que achavam que só galinhas comiam milho.

Durante este tempo, trabalhamos muito e conseguimos realizar alguns eventos que além de marcar a nossa história, tenho certeza de que marcou também a nossa cidade como: o Encontro de Reflexões Pedagógicas, o vídeo – Paulo Freire Contemporâneo e a Feira de Agricultura, de forma que nos deixaram contentes e orgulhosos de pertencer a um lugar que permite crescer enquanto pessoas e profissionais.

Também pude realizar o sonho de continuar estudando e principalmente fazer o curso de Pedagogia, pois além de incentivarmos nossos educandos a estudar, nós também somos incentivados e estamos sempre em formação continuada, no sentido de aperfeiçoar nosso trabalho e sermos exemplos para eles. E isso me faz ampliar a minha visão

de mundo e de vida.

Durante este período de minha vida no ambiente erciano pude experimentar vários momentos: tanto de tristezas, com descontentamentos entre colegas que nos fizeram crescer, especialmente para mim, superar e nos transformar em amigos; o fechamento da escola por alguns dias, bem como de alegrias, como ver nossas crianças crescerem e se tornarem cidadãos honestos e respeitosos e de estarmos juntos completando dez anos.

A ERTE é o lugar onde encontrei a presença de Deus de uma forma muito forte, servindo aos pequeninos e aprendendo a conviver com o meu semelhante de uma forma mais íntegra. Descobri o verdadeiro sentido de ser uma educadora missionária, compreendi o quanto nossos comportamentos e atitudes são importantes para vivermos bem conosco e em comunhão com o próximo. Na ERTE, os nossos defeitos são moldados, as nossas limitações são compreendidas e as diferenças se complementam, formando um grande corpo. É um lugar que tem me permitido conquistar grandes amigos e muitas vitórias.

Tânia Marinho dos Santos

Eu conheci a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio através da minha ex-patroa e funcionária de lá, Lucy. Até então nunca tinha ouvido falar e foi através dela e da Professora Sonilda Sampaio que eu comecei a trabalhar em tão bela escola.

Nos sete anos de ERTE, tenho vivido muitas experiências e tenho visto o trabalhar de Deus dia após dia. Em meio às tribulações, Deus tem sido o nosso baluarte, rocha inabalável. E a ele toda honra e toda glória, porque somos apenas instrumentos que Ele tem usado para a continuidade da grande obra missionária eterna.

Sou grata a Deus por esses sete anos de vitórias e contribuição minha na vida das crianças campestres.

Vilmaci dos Santos Dias

Sou Vilmaci dos Santos Dias, natural de Salvador, Bahia, nasci no dia 08 de abril de 1980, filha de Anestino Pereira dos Santos, vendedor autônomo, e de Isabel Sena de Jesus, dona de casa. Tenho duas irmãs, Queila Sena dos Santos e Tamares Sena dos Santos (in memorian). Casada há 10 anos com Gessé Silva Dias, companheiro que tem me apoiado em todas as circunstância da minha vida, e dessa união Deus me presenteou com a maior bênção: Isaac dos Santos Dias, que chegou em minha vida no dia 10 de outubro de 2007.

Concluí o curso de magistério no Colégio Pio XII no ano de 1998. Mas não comecei minha vida profissional como professora. Em 1999, fui trabalhar como caixa em um supermercado, porém a vontade de exercer o magistério continuava. Fiquei sabendo então de uma Escola nova que abria no *campus* do tradicional Colégio Taylor-Egídio.

Eu e uma amiga e colega de trabalho Cleane Ribeiro, preparamos nosso currículo e entregamos na recepção do referido colégio. Surpreendentemente, no final do ano 2000, recebemos um telefonema da recepcionista Roselane Paixão nos convidando para uma entrevista. Alegres e entusiasmadas, fomos para a entrevista com o Professor Lourival Brito e a Professora Sonilda Sampaio, fato que na minha vida constitui-se momento único e marcante.

Alguns dias depois, fui convocada para o trabalho, e no dia 08 de fevereiro de 2001, um grupo de professores: eu, Mara, Letícia, Nalva, Nanai, Lucy, Alex, Iran, Lourival Brito, Orlando e Consuelo, fomos receber um treinamento para esse novo modelo de escola, numa instituição da Fundação José Carvalho, Escola Tina Carvalho, na cidade de Entre Rios, Bahia. Ficamos maravilhados com a dinâmica daquele lugar encantador.

E o grande dia aconteceu, em 15 de março de 2001, recebemos o 1º grupo de crianças rurais na nossa escola, que recebeu a sigla ERTE – Escola Estadual Rural Taylor-Egídio. Que dia inesquecível! Ver, descendo do ônibus, aqueles meninos e meninas com os olhinhos brilhantes e curiosos, foi muito emocionante!

A partir daquele dia começaram os desafios. Assumi pela primeira vez a regência de uma sala de aula: 1ª turma de 1ª série da ERTE, com o apoio e incentivo, principalmente, da colega de trabalho, que também estava

encantada com a nova experiência, Letícia Coelho. Consegui chegar ao final do ano com a regência de tal classe, mas muito preocupada com as dificuldades encontradas no processo de alfabetizar.

O ano de 2002 começou e com ele novos desafios. Assumindo uma classe de 2ª série para ser alfabetizada, comecei a achar que não era capaz, como diz a educadora e escritora Telma Weisz, em seu livro *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*: “Passei por uma prova de fogo”, faltava experiência e leitura. Então decidi deixar a regência da sala, mas por incentivo da Diretora Sonilda não abandonei de vez a sala de aula, passei a atuar como auxiliar de disciplina.

Nessa jornada, começaram as leituras em minha vida, bem como os cursos de formação continuada em serviço, e a vontade de aprender e crescer. Então ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Educacionais – FACE, e assim, sentindo-me preparada, assumi novamente a regência de classe e o meu trabalho tornou-se muito mais significativo.

Em 2005, motivada pela Professora Sonilda, comecei a pesquisar e estudar o tema “Recreio”, o que resultou numa mudança muito boa desse horário na nossa escola, e também, juntamente com estudos de outros temas das demais colegas, aconteceu na ERTE o 1º Encontro de Reflexões Pedagógicas no dia 07 de outubro de 2006.

Participar de Encontro como ministrante do tema “O recreio na prática escolar”, foi uma experiência inesquecível para minha vida como profissional da educação. O diálogo com nossos parceiros fortaleceu nossas convicções.

Em 2005, todos nós celebramos a defesa da dissertação de mestrado da nossa Diretora Sonilda Sampaio, que foi referendada pela Pedagogia de Alternância praticada na ERTE; defesa empreendida na Universidade Católica de Salvador - UCSAL.

Em 2006, nossa escola estava na mídia, sendo apresentada pelo Instituto Paulo Freire, através da Rede TV Escola, e também ao MEC, como escola modelo. Na ocasião, sentia-me muito feliz sendo, também, protagonista dessa história.

Em 2008, aconteceu o Projeto de Agricultura, memorável na vida de quem participou. Após alguns meses pesquisando, estudando e conversando, culminamos o projeto com a Feira de Agricultura no dia 28 de agosto de 2008. O que mais me impressionou nesse dia foi o empenho e

entusiasmo dos educandos. Eles estavam encantados com o número incontável de visitas, dentre elas várias autoridades, diretores de outras unidades de ensino, tanto das redes estadual e municipal quanto privada. Cada aluno falava do seu tema, com desenvoltura e segurança. Foi marcante.

No final de 2008, na festa de encerramento do ano letivo, nossa Diretora, muito triste, deu-nos a notícia de que a ERTE não funcionaria mais, que em 2009 as portas da escola não se abririam para continuar essa história. Que dia triste! Mas estamos trilhando ainda nossa história...

Há 10 anos lecionando na ERTE, na certeza de que estou servindo a Deus através de cada criança, fica a convicção de que as crianças rurais têm muito conhecimento e que podemos sim, aprender com elas.

Foi na ERTE que eu cresci como gente, como profissional, como amiga, pois formei e conquistei grandes e verdadeiras amizades. Cresci como filha, irmã, como mãe, esposa e principalmente como cristã, reconhecendo o verdadeiro sentido do que é amar, doar, ensinar e aprender.

Como não se encantar com os rostinhos sorridentes, olhinhos brilhantes e gestos e palavras de carinho dos nossos educandos? Meu coração é grato a Deus por essa oportunidade que me fez uma educadora feliz e comprometida. Expresso também minha gratidão à Diretora Sonilda, exemplo de líder, amiga, mulher, mãe e educadora, pelo incentivo e por conscientizar-me da necessidade de constantes leituras, para meu aperfeiçoamento na prática cotidiana em sala de aula. Agradeço à Professora Nalva Gomes, exemplo de humildade, à Coordenadora, pela confiança no meu trabalho, e grande apoio nas atividades pedagógicas.

ERTE, uma década de muitas conquistas e também de muitos desafios! Sigo confiante de que esta escola é um projeto de Deus, e que muitas décadas ainda vamos comemorar!

José Jorge Almeida Pereira
Pastor-Líder do Projeto Calçada e Educador

“Então Samuel tomou a pedra, e a pôs entre Mizpá e Sem, e lhe chamou Ebenézer; e disse: até aqui nos ajudou o Senhor”.

(I Samuel 7:12)

O texto bíblico que introduz o testemunho de minha relação com a ERTE, toma uma pedra como símbolo de uma celebração. Israel, o povo guerreiro de Deus, havia vencido seus inimigos, os temíveis filisteus, e agora celebrava esta vitória inesquecivelmente extraordinária.

A ERTE, apesar de suas muitas lutas “até aqui”, celebra o seu décimo ano com semelhante sentimento: de vitória e triunfo. Olhando retrospectivamente, contempla uma trajetória feita de encantos e desencantos, carências e suprimentos, expectativas e desejos realizados ou não, flores e espinhos, pedra, e também gramas verdes, macias e suaves aos pés na caminhada. Parece que são assim os caminhos de Deus, como expressou o poeta: “Caminhos de flores, caminhos de espinhos, não se incomode, são os caminhos de Deus.” Não há dúvida de que a ERTE tem em suas sendas, ora firmes, ora vacilantes, os inequívocos sinais da mão fiel e provedora de Deus. E chega menina, exuberante e cheia de vigor, aos seus dez anos, com a mesma vitalidade dos primeiros meses de sua existência brotante, o que em mim despertou a sensibilidade poética traduzida no poema PEDRAS POR LAPIDAR. O sentimento de então era de angústia, desafio, responsabilidade, esperança e alegria, como ainda é tão persistente.

Não tem sido suave a caminhada, mas estou convencido de que nada do que é feito realmente grande, o é pelas vias do conforto e da facilidade. O preço é sempre inevitável.

Através do Projeto Calçada, tenho conseguido um acesso todo especial ao coração dos nossos educandos. Tenho visto suas lágrimas e alegrias compartilhadas. E como tem sido para mim compensador participar de seus sentimentos e ajudá-los na mudança e restauração de suas vidas. Deus tem feito assim.

Prazeroso é também mencionar o ambiente de amizade desfrutado na Escola, onde persistem o respeito mútuo, a consideração, o

auxílio recíproco e as formas diversas de dar e receber amor, carinho e afeto. Isto não é coisa comum nos dias atuais.

Sou entusiasmado ao louvor a Deus e a oração ao ver fibra audaz e guerreira dos que tomam nas mãos o comando da ERTE, testemunha que sou de suas muitas pelejas. Admiro a perseverança destes que, embalados pelo sonho de vidas transformadas pela educação, não desistem, e nos animam a todos a também sonhar e a acreditar que este projeto funciona porque tem a bênção de Deus.

Faço da ERTE este espaço sagrado de culto a Deus, para além das quatro paredes de uma igreja, e outra forma de exercício do ministério pastoral, onde, diariamente, vivo o desafio de apascentar as vidas sob a minha influência, com as amplas e diversas oportunidades que tenho. E como me vejo tão pequeno diante de tão grande tarefa, tão dependente da graça de Deus.

Pensar a ERTE em seu percurso até aqui é vê-la menina (dez aninhos) que vislumbra o futuro à sua frente, tendo sob os pés raízes que buscam firmeza, fortalecimento e expansão, e acredita que crescerá, exuberante e bela, porque Deus a plantou no solo de Jaguaquara, Bahia, e, pela Sua graça, é já referência notável pelo trabalho que desenvolve e seu impacto nas vidas ao seu alcance.

Nunca, que eu me lembre, o professor Mário Moreira, de saudosa memória, se encontrava comigo sem a sua confiante saudação: “Pastor, a sua bênção”. E são dele também as palavras de exultação a Deus com que finalizo este testemunho: “Deus seja louvado!”. Amém.

Segunda Parte

Reflexões Adacadêmicas

┌

┐

└

┘

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS RURAIS: “DO COTIDIANO À IMERSÃO”¹

SANDRA MARTINS DE SOUZA²

RESUMO

A educação do campo por muito tempo foi vista de maneira equivocada, os educandos campestres tinham seus direitos negados. E a alfabetização com crianças de classes populares (em especial da zona rural) vem enfrentando grandes dificuldades, que geram obstáculos para a continuação da vida escolar destas, e por vezes contribui para o temido fracasso escolar. Portanto, esta pesquisa foi desenvolvida no sentido de compreender como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita por crianças rurais que estudam sob o regime da Pedagogia da Alternância. O trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica seguida de um estudo de caso feito na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), em Jaguaquara – Bahia, tendo como objetivo geral analisar o processo de alfabetização desenvolvido pelos alunos da referida escola, através de observações e entrevistas entre educadores e educandos. Concluiu-se que a ERTE conta com profissionais comprometidos que desenvolvem um trabalho a partir do letramento e do contexto de seus educandos e educandas, respeitando sua cultura e língua. Estas crianças passam por um processo de imersão, tendo assim possibilidade de alfabetizar-se de maneira concreta.

PALAVRAS CHAVES: Escola rural, alfabetização, fracasso escolar, letramento, alternância.

ABSTRACT

The education field has long been seen so wrong, the students had their rights denied countryside. And the literacy class with children (especially rural) has been facing great difficulties, which generate obstacles to the continuation of life of the children this school, and sometimes contributes to the dreaded school failure. Therefore, this research was developed in order to understand how the process of

1 – Trabalho submetido a apresentação oral no Simpósio Memória, (auto) biografia e ruralidades na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador – Bahia, nos dias 2 e 3 de agosto de 2010.

2 – Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais – FACE. Especialista em Letramento e alfabetização pela Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM e professora alfabetizadora da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – ERTE desde 2001.

acquiring reading and writing for rural children studying under the regime of the Pedagogy of Alternation. The work was carried out based on literature search followed by a case study in the Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) in Jaguaquara - Bahia, which is aimed at analyzing the process of literacy developed by the students of that school, through observations and interviews among educators and students. It was concluded that the ERTE has committed professionals who develop a work from literacy and the context of their students and learners, respecting their culture and language. These children go through a process of immersion and thus possibility of educating themselves in a concrete way.

KEYWORDS: rural school, literacy, school failure, literacy, alternation.

Sendo a leitura um ponto de partida para a compreensão de todo e qualquer conhecimento, inclusive como cita Paulo Freire (2001) para a própria “libertação do homem”, ainda há uma grande dificuldade entre os alunos no que diz respeito à obtenção deste saber. Entre os educandos de escolas públicas, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental torna-se comum a deficiência em relação à aquisição da leitura e da escrita, ou seja, a alfabetização, já que grande parte dos alunos não passa pela Educação Infantil, que serviria para fornecer uma grande base na elaboração destes conhecimentos, tornando-se necessário o aprofundamento sobre o assunto a fim de amenizar e transformar esta situação.

Portanto, seja a criança da cidade que convive mais com material escrito, ou do campo que tem carência deste e sofre com o preconceito contra a variação lingüística, se faz necessário que todas elas tenham acesso a esses conhecimentos tão significativos para as suas vidas.

Sendo assim, se faz necessário compreender como acontece a alfabetização de crianças rurais que estudam em regime de alternância e aprofundar os estudos na prática educativa relacionada à apropriação da leitura e da escrita, a fim de analisar o problema em questão na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), que funciona em regime de alternância. Tendo em vista a construção de um referencial que reorienta a prática pedagógica, para que todos os alunos possam ter acesso à aquisição deste conhecimento, construindo e reconstruindo constantemente o seu significado, permitindo uma transformação em suas

vidas e que conseqüentemente na sociedade.

Este estudo tem como objetivo analisar a importância e a necessidade da alfabetização na vida dos educandos campestres e na construção de uma sociedade transformadora e comprometida, bem como a relevância do regime de alternância adotado na ERTE e as dificuldades encontradas tanto por alunos como por professores, buscando caminhos para modificá-la.

De acordo com o problema em questão e para atender aos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de reconhecer autores que abordam o tema para aprofundamento do assunto, seguido de um estudo de caso feito na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio no município de Jaguaquara – Bahia, utilizando como técnica de pesquisa as observações e entrevistas entre os alunos e professores desta instituição. Pois de acordo com Demo (2003) “pesquisa coincide com a vontade de viver, de sobreviver, de mudar, de transformar, de recomeçar”.

DESENVOLVIMENTO

Pensar a escola rural é pensar o homem rural em seu contexto, sua dimensão como cidadão, sua ligação com o processo produtivo. É questionar sua ligação direta com a qualidade profissional e seu grau de comprometimento e interferência na formação sócio-política dos rurícolas e a forma como tem acompanhado as transformações ocorridas no campo. (LEITE, 1999, p.14).

A escola campestre ainda precisa encontrar o seu caminho, reconhecer que o processo produtivo do campo está completamente ligado a ela, no sentido de preparar cidadãos que compreendam o seu importantíssimo papel na formação de uma sociedade transformadora e comprometida.

Durante muito tempo, a escola do campo esteve vinculada ao modelo urbano/ industrial (LEITE, 1999), não se levando em consideração as especificidades deste espaço, ao se elaborar e organizar os programas educacionais. Ao longo de anos tentou-se criar novos programas que fossem viáveis e valorizassem a educação rural, porém não houve êxito, pois passou a contar com profissionais leigos, e (naquele momento) se na

zona urbana não havia tanta preocupação com a formação dos profissionais, para o campo a facilidade de ser professor era maior ainda, “qualquer um”, principalmente os sem formação, poderiam ensinar. Os materiais didáticos sempre inadequados, espaços físicos precários, salas multisseriadas, enfim um único programa para atender a diversas localidades que apresentavam os mais diversos contextos.

Com a aprovação da Lei 9394/96, “a desvinculação da escola rural da performance urbana foi mais percebida, exigindo um planejamento interligado ao meio rural, adequando-se as peculiaridades locais” (LEITE, 1999, p.54). Esta Lei deu autonomia às escolas (Brasil/MEC, LDB 9394/96, art. 1º, § 2º), trazendo o modelo de alternância como uma forma alternativa de organizar a escola rural (art. 23º, § 2º). Dispondo especificamente no seu artigo 28, o qual menciona que: “na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região”, respeitando-se os dispositivos do artigo 32 e seus incisos no que tange à organização e a estruturação do ensino.

Portanto, a escola, especialmente a rural, ganha autonomia para se organizar mediante as necessidades dos seus pares e transcendendo o ato pedagógico. E a aprendizagem da leitura e da escrita, a alfabetização propriamente dita, acontece a partir de um valor social, da internalização de questões políticas que concorrem para a vivência da cidadania, da igualdade como tão bem propôs Paulo Freire (apud Leite 1999). Para tanto, torna-se importante compreender como acontece esse processo

A alfabetização no seu sentido mais primórdio é definida como sendo à “aprendizagem da leitura e da escrita” (CAGLIARI 2000), no entanto vários estudiosos de acordo com abrangência de suas pesquisas buscam ampliar este conceito. E do ponto de vista linguístico, Braggio (1992, p.40) salienta que a alfabetização ultrapassa a mecanicidade, chamando atenção às “funções da língua escrita, o que a língua faz tem predominância sobre sua forma.”.

Em consonância com Braggio, Cagliari em suas abordagens explica a importância de se compreender a natureza da língua, suas funções e seus usos como fatores indispensáveis a alfabetização, ressaltando três pontos principais: a fala, a leitura e a escrita. Cagliari (2000, p.8) ainda ressalta que “tal desconhecimento, 'por parte do

educador' acabará em deixar de lado a consciência que a criança tem da linguagem oral que se deturpa quando ela entra na escola e aprende a escrever" fazendo-a perder sua identidade lingüística.

Ainda em se tratando de entender sobre, o que vem a ser a alfabetização, Garcia numa perspectiva social explica que a alfabetização é:

Um processo contínuo que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimento inerente a todo ser humano que vive numa sociedade letrada. [...] não tem início a partir da entrada da criança na escola e na primeira série, como querem alguns, mas vem acontecendo desde que a criança nasce, e segundo as últimas pesquisas, antes mesmo de ela nascer. (GARCIA, 2006, p.10 e 11).

E assim compreende-se que o processo de alfabetização inicia-se muito cedo, sendo contínuo e construído pela criança a cada fase que ela avança em sua vida e desse modo, a escola irá apenas formalizar e organizar suas construções. Ao contrário do que se pensava quando teve início o processo de escolarização principalmente das classes populares e conseqüentemente a alfabetização tradicional.

Para tornar mais clara as construções feitas pelas crianças em suas fases e compreender o progresso destas na alfabetização, as pesquisas feitas por Ferreiro e Teberosky (1999) através da Psicogênese são de suma importância. De acordo com elas o processo de aquisição da leitura e da escrita começa muito antes da institucionalização, o que permite as crianças realizar inferências em relação à leitura e a escrita:

Muito antes de saber ler um texto, as crianças são capazes de tratar o mesmo em função de certas características formais específicas... É útil distinguir dois tipos de fatos vinculados entre si, mas de origem diferente: que, com menos de três letras, não se pode ler, ou que com letras repetidas tampouco se pode ler, ou que uma letra isolada se converta em número, não são noções socialmente transmitidas. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p.66)

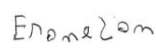
Para tanto, a Psicogênese desvendou algumas hipóteses do processo de alfabetização de uma criança, e Ferreiro (2001, p.89) simplificou as, fases de construção da escrita em apenas quatro sistemas

ordenados: “pré-silábico, silábico, silábico-alfabética e alfabética”. É importante ressaltar que a passagem de uma hipótese para a outra é gradual, porém pode acontecer que uma criança possa ou venha pular uma delas; todo desenvolvimento da criança depende muito das intervenções feitas pelo professor.

Na hipótese pré-silábica, verifica-se que a escrita parte de desenhos figurativos e que variam de acordo com seus tamanhos, chamando a atenção para um ponto muito interessante: “a criança espera que a escrita seja proporcional ao tamanho (ou idade) dessa pessoa, e não ao comprimento do nome correspondente” (FERREIRO & TEBEROSKY 1999, p.194), que vale também para objetos ou animais.

Ex.  cavalo  formiga (H. S. 7anos).

Na hipótese silábica elas vão substituir o grafismo por letras, embora ainda não compreendam seu caráter sonoro, porém já percebem a forma linear de escrever e as variações feitas no uso destas, ou seja, de acordo com a palavra que a criança hipoteticamente deseja escrever ela vai organizando as letras conhecidas de várias formas. Essas letras geralmente são as letras do seu próprio nome, já que o nome tem um significado muito forte para elas.

Ex.  a palavra sugerida foi “cavalo” (Everson – 7 anos).

Finalizando esta hipótese elas chamam atenção para “a tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Na tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999).

Para a hipótese silábico-alfabética (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999) explicam que a criança compreende que a escrita representa o som da fala, combina só vogais ou consoantes fazendo grafias equivalentes, para palavras diferentes e estabelecendo uma quantidade mínima, geralmente três letras, para que possa haver uma leitura.

Ex.: CAQ cavalo FIA formiga (I. R. 7anos).

A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido restrito (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999) o professor atuará como mediador (Vygotsky in Oliveira, 1997) devendo explorar várias estruturas silábicas e levar o aluno a desenvolver princípios e regras ortográficas do sistema de escrita.

Ex.: POMIGA formiga (I. S. 8anos).

Durante muito tempo o desconhecimento relativo à construção da leitura e da escrita, entre outros motivos, que serão citados a seguir, levou muitos educandos e educandas ao fracasso na alfabetização.

“A alfabetização dos alunos de classes populares continua a ser um desafio àqueles que não se conformam com o *status quo*” (GARCIA, 2006). Portanto, este processo, nos últimos anos vem recebendo uma atenção especial por parte de estudiosos e até mesmo pelas políticas públicas em educação, devido ao seu alto grau de fracasso. Recentemente foi lançada pelo governo federal a Lei nº. 11.274/2006, um novo plano de educação sugerindo a ampliação de mais um ano escolar na educação fundamental a fim de tentar sanar esse fracasso na alfabetização das crianças brasileiras, já que as séries iniciais do ensino fundamental se propõem a desenvolver a leitura e a escrita.

Ensinar a criança a ler, a escrever e a expressar-se de maneira competente tem sido um grande desafio, que ano após ano vem se tornando cada vez mais complexo, causando um grande fracasso observado nas escolas atualmente. Produzindo uma grande exclusão:

A escola desempenha um papel fundamental nessa exclusão, não apenas porque cria barreiras que impedem a entrada das crianças das classes populares... Mas porque as que conseguem romper as barreiras e se matriculam são colocadas outras barreiras, que as impedem de ter sucesso na escola, ou seja, grandes partes das crianças pobres saem ao final de alguns anos, sem sequer ler e escrever. Saem porque desistiram de insistir em aprender. Saem pior do que entraram, pois ao entrar traziam a esperança de aprender e ao sair levam a certeza de sua incapacidade global. (GARCIA, 2006, p.7/8).

Nesse sentido busca-se compreender o que ocorre no percurso escolar dessas crianças, que compromete tanto a sua aprendizagem e neutraliza os seus sonhos. E de acordo com Soares (1993) o fracasso escolar está ligado a ideologias de forma discriminatória e a falta de compreensão cultural e social no que concerne o uso da linguagem, imposta na escola.

Assim:

[...] Nesta sociedade tão democrática, só não tem sucesso quem não é capaz, quem não se esforça, ou mesmo quem não quer. Assim, também, na escola. Nela só não tem sucesso quem não se esforça ou 'não tem aptidão para o estudo'. A maioria não tem sucesso porque é preguiçosa, porque é deficiente, porque é desnutrida, porque tem problemas neurológicos ou psicológicos, porque, porque, por que... Tantos porquês que escondem o verdadeiro por que, que este sim, se revelado, poderia contribuir para a mudança de um quadro, que embora tanto 'envergonhe'... É tão útil. Afinal, a produção da ignorância é indispensável para que tantos privilégios sejam mantidos sem maiores reações. (GARCIA, 2006, p. 9)

Portanto, GARCIA (2006) deixa claro que o fracasso escolar acaba sendo útil para a sociedade dominante, para que seu poder e privilégios prevaleçam sempre, ou seja, que a sociedade dominada o permita devido a sua "ignorância", e o perpetue.

E quando se trata de crianças campestres, que vivem em ambientes com presença tímida de materiais de leitura e escrita, acredita-se que o processo de alfabetização seja mais lento. Logo essa lentidão não se justifica por um déficit intelectual, lingüístico ou cultural, pois de acordo com Ferreiro (2001, p.101): "as crianças rurais estão em desvantagem em

relação às urbanas porque no meio rural tradicional, onde os camponeses trabalham com rudimentares instrumentos de lavoura, terras empobrecidas, a escrita não é tão presente como no meio urbano”.

Contudo, trabalhar com crianças rurais acaba sendo historicamente um grande desafio, que além de perpassar por toda uma dificuldade em sua estrutura, há que se considerar as variações da língua encontradas entre os campestres, buscando-se respeitar as variantes lingüísticas dos educandos, que é muito grande, e não aceitar a teoria do déficit lingüístico e nem a ideologia que a teoria das diferenças culturais gere deficiência. E sim buscar desmistificar as relações entre sociedade e língua, eliminando o sentido de baixa auto estima destes, “o falar das pessoas são diferentes e não deficientes” (SOARES, 1993).

Nos últimos anos alguns estudiosos acreditam que o fracasso na alfabetização, tem sido consequência da aquisição da leitura e da escrita em sua forma mecânica, sendo assim tornou-se necessário entender como se superar a mecanicidade da alfabetização dando-lhe funcionalidade.

Em se tratando da funcionalidade da leitura e da escrita alguns estudiosos voltaram suas pesquisas para o letramento que é compreendido como uma prática social de apropriação e compreensão da leitura e da escrita, “focalizando os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 2000, p.54).

Segundo Soares (2001, p.36) letramento, “é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Se diferenciando do processo de alfabetização, que segundo elas é compreendido e praticado como a simples aquisição de técnicas de ler e escrever mecânica e individual.

A entrada das pessoas no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de freqüentar bibliotecas, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita, e de acordo com Kleiman (1995, p.78) na várias agências de letramento “como a família, a igreja, a rua, o lugar de trabalho”, porém sendo a escola a principal delas.

Portanto, compete à escola, principal agência de alfabetização,

principalmente a escola rural, criar condições para que o educando construa competências de leitura e escrita, de forma que possa fazer uso cada vez maior e mais eficiente da língua, seja ela na forma oral ou escrita nas mais diversas situações comunicativas.

Já Ferreiro (2003) entende o termo alfabetização, numa dimensão maior do que simplesmente ensinar a ler e escrever e comenta que:

[...] descobriram no Brasil que se podia usar a expressão *letramento*. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica (...) Eu não uso a palavra letramento. Se houvesse uma votação e ficasse decidido que preferimos usar letramento em vez de alfabetização, tudo bem. "A coexistência dos termos é que não dá". (FERREIRO, 2003, p. 48).

Embora essas autoras ora considerem diferentes os conceitos entre alfabetização e letramento, ora os entendam como processos que se interpenetram, uma vez que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e aprender a ler e a escrever é também compreender o mundo no seu contexto, vinculando linguagem e realidade (FREIRE 2001), a alfabetização necessita de sentido.

Então ao entrar no mundo da leitura e da escrita institucionalizada a criança já traz consigo conhecimentos prévios (Ferreiro, 1999) que poderão ser tomados como ponto de partida para a apreensão de novos saberes, por isso a necessidade ao se trabalhar com a alfabetização partindo da realidade do educando, do seu próprio contexto (FREIRE, 1998), no entanto compreendendo a necessidade de transcender o conhecimento empírico e isto não se faz diferente quando se trabalha com crianças campestres, que muitas vezes têm seus direitos à educação negado e/ou precário.

A Pedagogia de Alternância se torna uma proposta educativa diferenciada que visa proporcionar às crianças e aos jovens do meio rural uma possibilidade de educação partindo de sua realidade, da sua vida familiar e comunitária, das suas atividades de forma integrada, permitindo reflexão e ação que possa transformar a realidade do educando a fim de

melhorá-la e contribuindo para a manutenção do sujeito do campo, sendo este participante ativo de todo o processo.

De acordo com Gimonet (apud KNOB e HILLESHEIM, 2007) “Visto de maneira global, o processo pedagógico baseado na Alternância torna o jovem ator e não mero espectador de sua formação, sujeito ativo e não simples objeto de ensino”.

A Pedagogia da alternância surgiu como forma de minimizar os problemas enfrentados por alunos da zona rural que em determinados períodos do ano são obrigados a faltar às aulas, seja pela necessidade de ajudar na colheita, seja por distância entre suas residências e a escola nos períodos de chuva, entre outros.

Esta “nasceu na França em 1935, a partir da iniciativa de três agricultores, dentre ele, o presidente do Sindicato Rural, o Senhor Jean Peyrat e o padre Granerau”. Gimonet (apud PEREIRA, 2008). Já no Brasil “as primeiras experiências de formação por alternância foram criadas no final dos anos 60, no estado do Espírito Santo, região do sudeste brasileiro com a denominação de Escolas Famílias Agrícola (EFAs)” (SILVA, 2007).

De acordo com Nascimento:

Alternância significa o processo de ensino-aprendizagem que acontece em espaços e territórios diferenciados e alternados. O primeiro é o espaço familiar e a comunidade de origem (realidade); em segundo, a escola onde o educando/a partilha os diversos saberes que possui com os outros atores/as e reflete-se sobre eles em bases científicas (reflexão); e, por fim, retorna-se a família e a comunidade a fim de continuar a práxis (prática + teoria) seja na comunidade, na propriedade (atividades de técnicas agrícolas) ou na inserção em determinados movimentos sociais (NASCIMENTO, 2003, P.1)

Pereira (2008) complementa este modelo de educação assim: “se chama alternância porque os educandos alternam os locais de aprendizagem: um período na escola, em regime de internato, um período em casa, com atividades teóricas e práticas. A proposta para o período em casa é que professores itinerantes visitem os educandos e suas famílias. O período passado na escola, ou seja, no internato, contempla uma educação integral”.

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) localiza-se à Rua

Aloísio de Castro, bairro Muritiba, em Jaguaquara – Bahia, funcionando na modalidade pedagógica de alternância. Os educandos estudam 30 dias em regime de internato com aulas variadas nos três turnos. E depois deste período, na escola, os alunos voltam para suas casas, na zona rural, levando várias atividades. Permanecendo lá por 30 dias, sendo visitados pelas professoras itinerantes que acompanham o desenvolvimento dos conhecimentos agrícolas e pedagógicos. Enquanto um grupo de alunos está em casa, outro permanece na escola.

A proposta pedagógica da ERTE é a de Paulo Freire, que relaciona a alfabetização a uma perspectiva progressista e libertadora, enfatizando e relacionando a realidade rural ao processo de ensino aprendizagem, valorizando a variação lingüística e utilizando o lúdico no processo de aquisição da leitura e da escrita. Já que a referida escola dispõe de vários ambientes para que estes e outros saberes sejam desenvolvidos, como: biblioteca, sala de informática entre outros mais informais.

Nesta escola a leitura é uma atividade de rotina. Porque, a “leitura é a extensão da escola na vida das pessoas, pois a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura, fora da escola”. (CAGLIARI, 2000).

O trabalho desenvolvido em sala de aula com os alunos da ERTE inicia-se rotineiramente com a leitura seja individual, em grupo ou por professores. O acompanhamento do desenvolvimento dos alunos é feito individualmente (pois estudam em período integral) a fim de mediar o processo e reorientar a prática pedagógica, utilizando-se de atividades variadas para atender a heterogeneidade encontrada na sala de aula, minimizando desta forma as dificuldades percebidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender os processos que envolvem a alfabetização para a partir desta reflexão, tentar responder como acontece o processo de aquisição da leitura e da escrita, alfabetização, por crianças da zona rural que estudam em regime de internato, na modalidade de alternância, através de um estudo de caso feito com crianças pertencentes a Escola Estadual Rural Taylor-Egidio (ERTE).

A ERTE como qualquer outra escola enfrenta algumas

dificuldades de ordem financeira, de permanência dos alunos no internato (evasão), devido à alternância os educandos ficam longe da família, por causa da saudade que sentem dos familiares preferem abandonar o internato voltando a estudar nas escolas municipais mais próximas de suas residências e os que não encontram escolas próximas desistem dos estudos. Outra dificuldade é em alfabetizar, já que a aquisição dos processos de leitura e escrita são um dos processos mais difíceis que o ser humano tem diante de si, especialmente quando ler e escrever não são valores de suas culturais familiares originais, que é o caso do aluno rurícola.

Foi observado que mesmo valorizando e respeitando a criança que sofre com o preconceito contra a variedade lingüística, torna-se necessário trabalhar com a linguagem culta, já que ela é a senha social e padrão nacional, e assim acaba-se por seguir o “bidialetarismo:” os falantes do dialeto não padrão devem aprender o dialeto padrão para usá-lo em situações que ele seja necessário” Labov (apud SOARES, 1998, p.48).

Considera-se que as fases de desenvolvimento da escrita são muito importantes, norteadas todo o trabalho pedagógico desenvolvido nesta escola, e que de fato as crianças passam por várias fases ou níveis até construir e compreender de verdade o processo de escrita, aumentando a responsabilidade dos educadores em realizar intervenções necessárias para efetivar o processo.

Com o trabalho desenvolvido a partir do contexto do aluno, fica cada vez mais claro que quando se trata de compreender melhor o seu contexto, ou seja, quando se traz a realidade da criança para a sala de aula, mostrando-lhe a funcionalidade da leitura e da escrita em suas vidas, o ensino fica mais prazeroso e a aprendizagem torna-se mais eficaz.

Portanto, verificou-se a partir desse estudo que a Pedagogia de Alternância desenvolvida na ERTE, tem permitido aos seus educandos, que vivem em ambientes onde a leitura e a escrita são pouco exploradas, possam alfabetizar-se à medida que são imersos no processo e se conscientizam da sua importância. Percebendo assim, que estes conhecimentos não podem ser simplesmente repassados e sim construídos, pois servirão de base para toda a sua vida futura. Construindo uma alfabetização concreta, desde a mecanicidade exigida pelo processo, passando pela funcionalidade até a construção de uma sociedade competente que se encontra em constantes mudanças,

reconhecendo-se enquanto cidadão pertencente a ela.

Durante a pesquisa foram observadas cerca de sessenta crianças e quando foram questionadas a respeito de lerem por vontade própria ou por obrigação, quarenta e oito responderam que leem por vontade própria. Ficando claro que, tendo a leitura como uma atividade rotineira, um espaço preparado e rodeado de material escrito, e profissionais comprometidos que partem e respeitam o contexto, a cultura e a língua dos seus pares, pode-se esperar grandes mudanças na alfabetização de crianças rurais, levando-se em consideração que esta pesquisa não finaliza este estudo, ela serve reflexão para buscarmos novas alternativas e assim transformar a educação campestre.

REFERÊNCIAS

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**: Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo, Editora Scipione, 2000.

DEMO, P. **Pesquisa: princípios educativos e científicos**. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRO, E. & Teberosky A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Edição comemorativa. Trad. de Diana Myriam Lichtenstein, Liana de Marco e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 24ªed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez, 1998.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

GARCIA, R. L. (org). **Alfabetização dos alunos das classes populares**. 6ª ed. São Paulo, Cortez, 2006.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

NOB, D. A. & HILLESHEIM, L. P. **Alternância como pedagogia de formação para o sujeito campo**, 2007.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas; Mercado das Letras, 1995.

NASCIMENTO, C.G. **Educação e Cultura: as escolas do campo em movimento**. Goiânia: Fragmentos de Cultura/UCG-IFITEG, v. 12 nº. 3, maio/junho, 2002. pp. 453-469.

_____. **A Educação Camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura**: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – **EFAGO**. Dissertação de Mestrado (Educação). Campinas: FE/Unicamp, 2003. 265 p.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo social-histórico**. São Paulo: Scpione, 1997.

PEREIRA, S. S. S. **Educação campestre e pedagogia de alternância: possibilidade de uma educação formal integral na zona rural do município de Jaguaquara-Bahia**. Práxis Educacional. Dossiê Temático: Formação Docente. V. 4, Nº 4 – janeiro/junho/2008.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Linguagem e escola. Uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

**ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO (ERTE) – BAHIA - BRASIL
RESULTADO DO DIÁLOGO ENTRE A PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA E PAULO
FREIRE¹**

Sonilda Sampaio Santos Pereira²

RESUMO

Embora o Brasil seja de origem predominantemente agrária, *no* campo brasileiro não há uma escola que seja efetivamente *do* campo. A falta deste espaço educacional, não é causa da pobreza campestre, mas a fortalece. Até 1891 a referida educação não foi mencionada nas constituições, evidenciando o descaso das políticas públicas. As poucas escolas situadas no campo não associaram a vida às atividades educacionais formais. A possibilidade da escola *no/do* campo, associada à realidade campestre, ganha força com o modelo pedagógico de alternância, que emergiu como tentativa de contemplar a demanda da educação formal campestre. A Pedagogia de alternância, em sua dimensão libertadora, progressista e conscientizadora, dialoga com os princípios freirianos: defendendo a educação como processo permanente de construção cultural e desenvolvimento da comunidade para a auto-sustentabilidade. Este estudo busca colaborar com uma proposta de educação *no/do* campo a partir da experiência da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, em Jaguaquara – Bahia – Brasil.

PALAVRAS CHAVES: Educação campestre. Pedagogia de alternância. Escola Estadual Rural Taylor-Egídio.

**RURAL SCHOOL TAYLOR-EGÍDIO (ERTE) – BAHIA - BRASIL
DIALOGUE'S RESULT BETWEEN ALTERNANCE PEDAGOGY AND PAULO FREIRE**

1 – Texto apresentado no II CONGRESO INTERNACIONAL EDUCACIÓN, LENGUAJE Y SOCIEDAD “La educación en los nuevos escenarios socioculturales” na Facultad Nacional de La Pampa – General Pico – Argentina em abril de 2009.

2 – Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Diretora da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – Jaguaquara – Bahia – Brasil. Psicanalista Clínica. alfabetizadora da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – ERTE desde 2001.

Abstract

Although Brazil is a country predominantly agrarian, in the rural zone of Brazil there is not a schooling system effectively from the rural zone. The lack of that space of formal education is not the main cause of country poverty but it is one more factor that reinforces it. Until 1891 such education was not mentioned in constitutional texts revealing the national government negligence. The developed practices in those schools seem not to give importance to the association between life and formal educational activities. The possibility of the existence of a country school associated to the rural reality grows up with the pedagogical model of alternance that emerged as an attempting to fulfill the formal education demand in the country. The alternance pedagogy, on its libertarian, progressive and consciousness dimension, dialogues to FREIRE's principles: defending the education as a continuous process of cultural construction and community development to self-supporting. This paper aims at collaborate with an educational propose **in** the country, which is also **to** the country, from the rural zone of Jaguaquara, once the researching place is the Escola Rural Taylor-Egídio (ERTE), in Jaguaquara district.

Key Words: Rural Education. Alternance pedagogy. Rural School Taylor-Egídio

Há dez anos a educação do campo tem sido objeto de nosso estudo. Buscamos conhecer a realidade da zona rural do município de Jaguaquara – Bahia – Brasil, onde desenvolvemos ações educativas que se pretendem respeitadores das bases biológicas, sociais e culturais dos seres humanos imersos e/ou inseridos no campo, sem perder de vista a perspectiva da ecologia do desenvolvimento humano defendida por Urie Bronfenbrenner (1996).

Assim, observar o movimento do campo e dos homens e das mulheres que lá tecem suas vidas, dialogar com suas realidades e buscar com eles alternativas, tem sido uma questão de nosso interesse. E, como diz Minayo (2000:90) “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática”.

Nosso estudo tem se desdobrado nestas questões: Como se

realiza a educação formal no campo? Quais os pressupostos da Pedagogia de Alternância e como ela tem se desenvolvido? Quais os pontos convergentes entre a modalidade pedagógica de alternância e os postulados de Paulo Freire? Quais os reais interesses dos campestres sobre os saberes (não agrícolas) propostos pela base comum do currículo nacional e como eles se constroem numa escola rural alternante? São perguntas que servem de base para nosso objetivo que se deriva da necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a realização da educação formal no/do campo no modelo pedagógico alternante, num diálogo com os princípios freirianos.

Fazemos uso de pesquisas bibliográficas, etnográficas e de campo. Nossa busca se justifica por sua relevância educacional, que implica um valor social: uma vez respeitada a singularidade do campo, a própria educação realizada fará movimentos em direção aos avanços da sociedade como um todo.

Com base em nossos estudos e observações, dizemos que *no* campo não há uma escola de educação formal básica que seja campestre. A falta desta educação, não é causa da pobreza devastadora, mas é um elemento a mais que a fortalece porque “quanto mais inclusivo for o alcance da educação [...], maior será a probabilidade de que os pobres tenham uma chance maior de superar a penúria” (SEN, 2000:113).



Arquivo da pesquisa – pobreza

Todavia, “a escola que chegou ao campo [...], não deu atenção às questões e às particularidades da vida no campo, e lá chegou como expressão da precariedade, eram os restos das escolas urbanas” (MARTINS, 2004:8).

Desta forma, a educação do campo não tem se realizado, embora o Brasil seja um país de origem e predominância agrária. Até 1891 a referida

educação não foi mencionada em textos constitucionais, “evidenciando o descaso dos dirigentes e as matrizes culturais centradas no trabalho escravo [...]” (BRASIL, 2004:7).

Só em 03.06.2003 foi instituído o GPTEC, “com a atribuição de divulgar e debater a implementação das DOEBEC, estabelecidas na Resolução CNE/CEB nº 01, de 03.04.2002” (BRASIL, 2004:5). Para um país que tem cerca de um quinto de sua população no campo, estas decisões foram tardias.

Porque foram tardias, e por sentirmos o vazio *na* educação *do* campo, nos antecipamos às DOEBEC e, em 1999, com um grupo de ex-alunos do centenário Colégio Batista Taylor-Egídio e com o apoio da Fundação José Carvalho, ousamos apresentar ao Governo do Estado da Bahia - Brasil o projeto da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). O projeto foi aprovado e em março de 2001 foi inaugurada a ERTE, escola rural, residencial, de alternância, ancorando-se nas bases políticas e pedagógicas do educador brasileiro Paulo Freire.

Este estudo tem uma singularidade: concomitantemente às denúncias da inexistência de uma educação campestre, anuncia uma possibilidade a partir da experiência concreta de oito anos e meio da ERTE, no município de Jaguaquara – Bahia – Brasil.

O retardamento de ações do poder público para a educação campestre mais dificulta a vida rural, menos homens e mulheres se colocam como sujeitos, menos crianças e adolescentes estudam e aumenta o número de analfabetos. Nos altos índices do analfabetismo rural, não estão inseridos os analfabetos funcionais, aqueles que, mesmo tendo tido acesso a classe de alfabetização (escola), não interagem com o mundo letrado, não fazem uso social da leitura nem da escrita.

Ressaltamos que os poucos que têm acesso à escola situada no campo não têm garantia de permanência nem de qualidade do ensino porque são longas as distâncias entre a localização das escolas e a moradia dos estudantes; seus currículos são desvinculados de sua própria realidade e da realidade em que os estudantes estão inseridos (PEREIRA, 2005).

A distância entre a proposta da escola *formal*, implantada *no* campo, e as necessidades reais do sujeito *do* campo é uma problemática pontuada no Brasil há muito tempo: “[...] data de antes dos anos 20.

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm nomes e rostos, lembranças, gêneros, raças e etnias diferenciadas... Os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. O currículo precisa incorporar essa diversidade[...] (BRASIL, 2004:37)

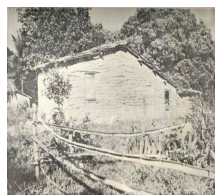
Sim! Porque segundo Paulo Freire (1994) é relevante à associação da vida às atividades escolares. Ele ainda afirma que só pode haver interesse pelo saber se este for significativo para a vida. Neste ponto a ERTE busca desenvolver atividades com os educandos campesinos a partir de seus reais interesses e de suas vivências anteriores à escola. Um exemplo: o objetivo final da atividade era a construção coletiva de textos orais e escritos. Primeiro, na área livre da escola, os alunos leram sobre o cultivo da terra (foto a), em seguida foram para a prática do cultivo (foto b) para, finalmente, produzirem textos coletivos orais e escritos (foto c).



Arquivo da pesquisa (a) Arquivo da pesquisa (b) Arquivo da pesquisa (c)

Além da falta de associação da vida às atividades escolares, Pereira (2005) diz que a ausência de uma escola *no* campo que seja *do* campo, realizadora de uma educação formal integral, também se explica pelo afastamento constante dos educandos da escola para ajudarem no trabalho da família, numa tentativa de aumento da renda doméstica. Como dizia Silva (1957:28): “o rurícola revela incompreensão das vantagens da educação, pelo afastamento dos filhos, assim que os pode utilizar no trabalho, prejudicando sua permanência na escola”.

Paralela à incompreensão dos familiares sobre a educação formal, a escola implantada na zona rural não atrai os camponeses do presente como não os atraía em 1949:



Arquivo da pesquisa – escola rural em 1949 Arquivo da pesquisa – escola rural em 1949

Passadas mais de cinco décadas e o aspecto físico que, de alguma forma, revela os outros aspectos inerentes à estrutura escolar, não foi pensado. Como atrair? Se as referidas escolas atendessem às necessidades dos campestres e permitissem um espaço para a construção do saber, a partir do cotidiano, de forma prazerosa, possivelmente eles não a trocassem nem a deixassem com tanta frequência.

De acordo com as DOEBC, “a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade” (BRASIL, 2002). Então como compreender uma escola rural sem atividades agrícolas? Como dizer que os sujeitos rurais têm escola rural quando o projeto pedagógico (quando a escola o tem) não inclui o campo como eixo de suas realizações?

Não sendo o campo a peça fundamental da práxis pedagógica das escolas campestres, os gestores da educação municipal e/ou estadual deveriam dar visibilidade a essa lacuna e envidar os esforços com a finalidade de minimizá-la.

Todavia, parece não haver vontade nas lideranças políticas da educação nem nos cidadãos da sociedade para a implementação dos planos arrojados a favor do campo. Há ausência de colaboração entre a União, os estados, os municípios e a sociedade para fazer cumprir o artigo 6º das DOEBC.

O Poder Público, no cumprimento das suas responsabilidades com o atendimento escolar e à luz da diretriz legal do regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, proporcionará Educação Infantil e Ensino Fundamental nas comunidades rurais. (BRASIL, 2002)

Além da falta de colaboração entre as partes citadas, a escola, como Pilatos, lava as mãos, e tudo continua como dantes, já que para mudar seria necessário refletir coletivamente sobre as razões estruturais e conjunturais do fracasso escolar, que, como por encanto, atinge sempre os mesmos grupos (GARCIA, 1997:8).

Os grupos atingidos pela falta de uma educação formal que lhes seja inerente são sempre os mesmos excluídos de outras facetas sociais. Neste estudo específico são os campestres, já carentes econômica e financeiramente que necessitam de uma escola com a qual interajam “porque o acesso à escolarização formal implica todos os sujeitos, todos os lugares, todas as diferenças; todo e qualquer ser dotado de um rosto humano” (MARTINS, 2004:2).

Os campestres são sujeitos de direitos, porém o direito à educação, à leitura da palavra escrita, lhes é negado. E a falta da escola do campo continua sendo um espaço para o “analfabetismo”. Ao nos referirmos ao analfabetismo do camponês o fazemos sob o ponto de vista do analfabetismo convencional. Embora, muitas vezes, não lendo a página escrita, eles lêem o mundo porque “a leitura do mundo precede a leitura da palavra escrita” (FREIRE, 1994:11).

O fato de não dominar a leitura e a escrita formais, isto é, codificar e decodificar a língua escrita, pela ausência de ação da escola significativa, não impossibilita o homem nem a mulher do campo de fazer inúmeras leituras e interpretações do mundo. Não obstante o valor da leitura do mundo, a leitura da palavra escrita tem função histórica e social relevante:

O que se fortalece aí é a sociedade letrada, que segue aperfeiçoando as instituições que se suportam cada vez mais no código escrito e, assim, o código escrito e a matemática formal são elevados à categoria de seus suportes fundamentais e condição para todas as suas tecnologias, para todas as suas instituições formais e para todos os seus avanços, incluindo o avanço no campo dos direitos políticos, sociais e humanos. (MARTINS, 2004:7)

Numa sociedade letrada, o sujeito que lê e escreve tenha suas possibilidades ampliadas. Logo, o analfabeto convencional tem suas possibilidades minimizadas: não pode inserir-se no ambiente urbano e nem fortalecer a área rural; e a desigualdade entre os campestres e os

urbanos continua: “historicamente, a educação em si sempre foi negada ao povo brasileiro e, especificamente, ao homem do campo”. (LEITE, 1999:53).

O fortalecimento da área rural é mais interessante que a penetração no ambiente urbano. O campo pode ser auto-sustentável, os camponeses podem gerar seus próprios recursos de sobrevivência sem uma dependência absoluta da cidade. Gadotti (2000) salienta que a educação do futuro será uma educação sustentável que possibilitará uma sociedade auto-sustentável.

“Uma política de educação do campo precisa conceber que a cidade não é superior ao campo” (BRASIL, 2004:33). Ao perceber, apropriar-se e fortalecer os valores da terra e ao buscar meios para potencializá-los, o campestre realizará ações empreendedoras. Para tanto, há a necessidade de uma escolarização rural que direcione atividades curriculares e pedagógicas para um projeto de desenvolvimento sustentável, conforme o Art. 8º das DOEBC (BRASIL, 2002).

Sem acesso à escolaridade e, conseqüentemente, ao saber instituído como privilegiado, sem a alternativa do crescimento pessoal e de valorização da terra, ocorre o êxodo rural que é a negação da riqueza da cultura regional. (SOMMERMAN, 1999:73).

Associado à falta de escolaridade e à negação da cultura campestres, está o analfabetismo. A observação de Mennucci (1993:290) é pertinente: “a prova mais eloquente do fracasso da escola rural tradicional é a existência da formidável massa de analfabetos na roça”.

De acordo com Calazans (1993), apesar dos esforços empreendidos entre décadas de 1960 e 1980 em projetos integrados ou especiais para a educação na escola rural, no Brasil – e embora existam na zona rural alguns ambientes físicos batizados de “escola” - os campestres ainda não têm sua escola. São enormes as lacunas e por conta destas a Fundação Getúlio Vargas, no 2º Relatório de Atividades, em 1980, questionava sobre os princípios metodológicos que mostram ambas as práticas: a concepção do rural como sinônimo de atraso, de entrave ao desenvolvimento, e a imposição sobre ele de um conjunto de valores.(COSTA, 1993).

O campo e a cidade são espaços diferentes que coexistem. No entanto, fica evidente a histórica ausência de políticas públicas que considerem, na sua formulação e implementação, as diferenças entre campo e cidade, no sentido de que a vida em ambos os meios se tece de maneira distinta e que políticas “universalistas”, baseadas em um parâmetro único (e geralmente urbanizado), que não se aproxima das necessidades, potenciais saberes e desejos dos que vivem no campo, acabam por reproduzir a desigualdade e a exclusão social, distanciando cada vez mais os sujeitos do campo do exercício de sua cidadania. (BRASIL, 2004:36).

As políticas públicas governamentais parecem ignorar que a criança, o adolescente, o jovem e o adulto campestres preparados tecnicamente, conscientes de seus papéis sociais, sujeitos em exercício de sua cidadania, são a alavanca da mudança e o fermento de uma nova cidadania no meio rural, representando uma consciência dos campestres de si mesmos como responsáveis pelos seus destinos e por suas conquistas.

A ignorância das políticas governamentais sobre o valor e o peso que podem ter os campestres a partir de ações educacionais, já dura muito tempo: no século passado, mais precisamente em 1949, o Ministério da Educação promoveu um curso com o tema: Problemas de Educação Rural e o publicou em 1950. Na introdução do curso, o diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, expôs:

Não avançamos muito se dissermos que o habitante do campo, as mais das vezes, vive em clima cultural de séculos passados [...] a fixação do homem rural à terra só poderá ser alcançada quando o meio rural oferecer recursos de educação [...] o trabalhador rural compreende que é na educação geral e técnica que vai encontrar a arma poderosa e eficaz na luta pela melhoria de sua existência.

As estatísticas revelavam, em 1946, a existência, nas zonas rurais do país, de uma população de quase dois milhões e meio de crianças de 7 a 11 anos que não eram atingidas ou atraídas pelo sistema escolar, que não buscavam escola, ou se o faziam, encontravam na deficiência de instalações adequadas o empecilho para matrícula. (BRAGA, 1950:8, 9).

As palavras de Braga, proferidas em 1949 (1950:11), são atuais: “O Brasil rural, com seus pobres, atrasados, esquecidos e desesperados filhos continua esperando pela escola prometida nas plataformas políticas [...]”.

No ensino rural do Brasil são milhões de alunos que estão em escolas com turnos reduzidos e em classes multisseriadas e quase totalidade dessas escolas sem as condições mínimas de instalações.

Como já dissemos, este estudo busca uma possibilidade para a realização da educação formal *do* campo. Parece óbvio, mas como a sabedoria de Freire (1981:42) já dizia: "... nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece": não há *no* campo uma escola que atenda às demandas *do* campestre e, não havendo tal proposta educacional, as crianças e adolescentes não terão alternativas: ou ficarão à margem da instituição escolar ou deixarão suas famílias, suas raízes, seus espaços.

Ora, "a família é para o jovem um ponto de referência e um suporte essencial para soluções dos problemas de inserção na sociedade" (TANTON, 1999:101). Como arrancar do berço familiar crianças, jovens e adolescentes, de forma definitiva, para uma formação escolar distante e sem relações contínuas?

Há ainda uma outra questão apresentada por Tanton (1999): os pais querem permanecer implicados na educação de seus filhos e agir coletivamente para um desenvolvimento rural planejado e a serviço da comunidade e as crianças e jovens do campo querem continuar com o sentido de pertencimento ao seu grupo e ligados às suas referências.

Diante do exposto, propomos um olhar sobre a modalidade pedagógica de alternância, a partir da experiência da ERTE e sob a perspectiva de uma educação formal para campestres vinculada à realidade rural, uma vez que "a atual L.D.B. promove a desvinculação da escola rural da performance escolar urbana, exigindo para a primeira um planejamento interligado à vida rural e de desurbanizado" (LEITE, 1999:54).

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Sobre a modalidade pedagógica de alternância, retomaremos

adiante. Aqui insistimos que são grandes as possibilidades da zona rural, mas são desconhecidas, na maioria das vezes, para os próprios homens e mulheres rurais. A escola, com sua função socializadora dos saberes, é uma das mais fortes instituições candidatas a desmistificar a grandeza rural, isto é, de promover as adaptações necessárias na oferta da educação.

Desta forma, se a escola rural cumprir sua tarefa, contribuindo para a exploração inteligente da terra e para a conscientização dos campestres sobre a participação dos mesmos na história, como sujeitos ativos, o Brasil rural se movimentará sob outras perspectivas e, conseqüentemente, a nação brasileira, que recebe do campo os elementos básicos para a subsistência, também se moverá em outros sentidos.

Uma escola para ser agrícola, de fato, deve partir das vivências de seus sujeitos. Deve proporcionar o diálogo entre os sujeitos campestres e o meio em que vivem porque a educação só cumpre sua tarefa se partir da relação dos sujeitos com o meio. Segundo Jean Piaget (*apud* BRINGUIER, 1978) é nas trocas com o meio, num processo de adaptação, que o sujeito vai assimilando, incorporando e realizando suas acomodações mentais, ou seja, é na interação com seu meio, do qual é parte, que o educando se equilibra e se adapta.

Por isso, a agricultura, a horta, o plantio, a colheita e os cuidados com a terra, que são vivências cotidianas concretas dos camponeses, são também ponto de partida do toda ação pedagógica da ERTE, são espaços de interações educativas.



Arquivo da pesquisa – cultivo Arquivo da pesquisa – cultivo Arquivo da pesquisa – cultivo

É através das práticas que acontecem externamente que o sujeito consegue aprender e mudar sua realidade. Para o camponês seu meio é o campo e do campo deve partir a prática educativa de sua escola. Ao tratar

do tema “materiais curriculares e recursos didáticos”, Zabala (1998) defende que estes devem ser diversificados, permitindo ao professor a elaboração de seu projeto de intervenção específico, adaptado às necessidades de sua realidade educativa e enraizado nas demandas específicas de seu contexto educativo.

O contexto educativo de uma escola rural é o campo e Freinet (1998:87) tratando da importância dos contextos social e cultural para a aprendizagem, afirmou: “é preciso vincular o ensino à cultura difusa e vinculá-lo a ela não artificialmente, mas tão íntima e naturalmente que um seja a sequência normal e o complemento da outra.” Desta forma, a realidade da vida do educando deve ser o eixo das práticas educativas. Ao deixar sua moradia e caminhar para a escola, ele precisa ir e voltar com a consciência de que estará continuando o tecido de sua vida. Que a escola não seja um recorte ou uma pausa em seu cotidiano!

Ao tratar sobre o indivíduo e suas relações, o filósofo Edgar Morin ressalta o lugar da cultura para realização do homem e da mulher. Desprezar o meio natural dos sujeitos é desprezar sua cultura, ao se desprezar uma cultura há, também, o desprezo e a negação do lugar das interações possíveis ao sujeito. “Não se pode tornar o indivíduo absoluto [...] é a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos [...]” (MORIN, 2001:54). A escola, em suas práticas, precisa garantir aos campestres a valorização de sua cultura e de sua terra e a difusão de seus saberes.

Quando valorizado em sua cultura, o sujeito tem outras chances de ser o protagonista de sua história. No diálogo com Paulo Freire, Frei Betto (1985:44) afirmou: “O educando ou é o protagonista do processo educativo ou estamos falando de opressão educativa que, portanto, não é educadora”. Ao ser protagonista do processo educativo, o educando o é com a sua vida, seu modo de ser, sua realidade, sua cultura. Temos compreendido que um sujeito só pode atuar como centro de um processo se com ele estiverem seus interesses. Para os educandos campestres, o que desperta sua atenção é a terra e os modos de tratá-la.

Como defende Martins (2004): a escola realmente do campo se sustenta no princípio da igualdade dos direitos e, ao mesmo tempo, representa uma escola diferente para os diferentes, sustentando um outro princípio que é o da diferença. O autor continua dizendo que é neste

novo rumo de entendimento que se deve colocar, de forma a reivindicar e reinventar a Educação do Campo.

Esta possibilidade de reinvenção da escola *do* campo, torna-se viável e ganha força com o modelo pedagógico de alternância; uma vez que há fatores que impossibilitam e / ou dificultam a realização de uma escola convencional na zona rural. O sistema educativo de alternância emergiu como tentativa de dar conta da demanda da educação formal campestre.

O sistema educativo alternante é uma experiência acumulada, respaldada e, por isso, teve um espaço nas Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo (BRASIL, 2004). Este sistema educacional por alternância não é novidade no Brasil. Aqui chegou por volta dos anos 60. Nasceu na França em 1935, a partir da iniciativa de três agricultores, dentre eles, o presidente do Sindicato Rural, Senhor Jean Peyrat, e o Padre Granerau. (GIMONET, 1999).

A Pedagogia de Alternância “foi batizada na França, de A Casa Familiar de Lauzun. Porém, só 25 anos depois uma lei francesa a reconheceu como modalidade pedagógica de alternância”. (GIMONET, 1999:40-41).

Quando, em 1935, os agricultores franceses se juntaram ao referido padre para criarem um modelo específico de escola que atendesse às exigências do seu meio, dando aos alunos um conhecimento de sólida formação geral e humanística aliado ao desenvolvimento profissional, estavam, simultaneamente, criando um sistema educativo rural na perspectiva da alternância.

É chamada de alternância porque os educandos alternam os locais da aprendizagem: um período na escola, em regime de internato; um período em casa, com as atividades teóricas e práticas. No caso específico da ERTE, são dois grupos de 300 alunos cada, quando o grupo A está interno, na escola, por 30 dias, o grupo B está na zona rural (em suas casas), sendo acompanhado pela equipe docente itinerante e vice-versa.

A proposta para o período em casa é que professores itinerantes visitem os educandos e suas famílias. O período passado na escola, ou seja, no internato, contempla a educação formal integral.

Jean-Claude Gimonet, ex-diretor do Centro Nacional Pedagógico das “*Maisons Familiales Rurales*”, na França, e assessor pedagógico da

Solidariedade Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural – SIMFR, na Bélgica, tem tratado a pedagogia de alternância não como Método Pedagógico, mas como um Novo Sistema Educativo, ele concebe o alternante como ator de sua própria formação. Afirmando que a alternância é uma pedagogia da pessoa que supõe sempre uma singularidade de percurso e de ações de personalização e de socialização [...] Cada alternante, através de sua experiência de vida pessoal, é portador de saberes a serem transmitidos (GIMONET, 1999).

A afirmação de Gimonet de que a alternância é uma pedagogia da pessoa, segundo Mânfió (1999), deve-se à inspiração que o personalismo de Emmanuel Mounier exerceu, nos momentos iniciais, sobre o referido modelo pedagógico.

Tanto a valorização do indivíduo como a sistematização de seus sonhos para atingir seus objetivos pessoais encontra espaço no projeto educativo da pedagogia de alternância. É o projeto que dá sentido à formação do alternante. O projeto é, ao mesmo tempo, significado e direção:

É nesta condição que a alternância é uma **continuidade de ação formadora e descontinuidade de atividades** [...] condições para uma alternância integrativa, para uma formação em tempo integral mesmo com escolaridade parcial [...] A alternância torna-se também uma pedagogia de projeto. (GIMONET, 1999).

O projeto dá significado à vida do aluno porque envolve ações do seu cotidiano; e direção porque sistematiza sua rotina para alcançar os objetivos propostos. A concepção da pedagogia da alternância é de que a formação não para. Escola e família (moradia) se complementam.

A continuidade da ação formadora não implica na continuidade de atividades. Sendo a escolaridade parcial, as atividades escolares diferem das atividades educacionais domésticas, como também as atividades agrícolas da escola são diferentes das realizadas no campo.

Na Pedagogia de alternância, o educando é imerso num contexto escolar, durante trinta dias, onde participa de uma proposta de educação integral e libertadora. É integral porque todos os aspectos da formação do ser humano são contemplados pelo projeto da escola: éticos, espirituais, econômicos, filosóficos, artísticos, intelectuais, técnicos, científicos,

sociológicos, humanos, ecológicos... é o cumprimento da lei da integralidade da proteção à criança e ao adolescente, como reza Artigo 227 da Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1988).

Além de integral, é uma proposta libertadora porque há espaço constituído para o exercício da cidadania de maneira autônoma. “É preciso [...] que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência no mundo e não apenas o de recebedor” (FREIRE, 2003:124), competindo à escola o papel de mediadora das aprendizagens por meio de orientações tanto dos professores quanto dos companheiros.

Assim, o educando, sujeito do processo, avança a partir do seu nível real para outros saberes, utilizando seu potencial. Esta é a proposta de Vygotsky (1991) ao descrever os conceitos de Zona de Desenvolvimento Proximal e o de professor como mediador. Corroborando a idéia de Vygotsky, Zabala afirma:

é difícil conhecer os diferentes graus de conhecimentos de cada menino e menina, identificar o desafio de que necessitam [...]. Mas o fato de que custe não deve nos impedir de buscar meios ou formas de intervenção que, cada vez mais, nos permitam dar uma resposta

Neste sentido, o professor de uma escola alternante tem o papel de mediador da aprendizagem. É alguém que desafia sobre o novo conhecimento e subsidia, sinalizando novos saberes. O teórico social da mente - Vygotsky - defende que não apenas o professor, mas também os colegas são indispensáveis para a construção do conhecimento, uma vez que aprender é um ato cognitivo que só ocorre em interações.

Assim, a pedagogia de alternância é um espaço para a educação integral e libertadora. Como libertadora, trabalha constantemente a ação-reflexão, ou seja, a conscientização – compromisso histórico, inserção crítica na história. É uma pedagogia que propõe o exercício com a auto-

estima do sujeito do campo ressaltando seu valor, comparando sua curiosidade a curiosidade do cientista (FREIRE, 2003).

Antonio João Mânfiô traça um paralelo entre a pedagogia de alternância e a proposta libertadora e progressista de Paulo Freire, sobretudo, com a conscientização:

Ambas nasceram fora da academia ou do sistema oficial de ensino para responder problemas específicos da comunidade: No Brasil, à época das reformas de base, na crise do modelo desenvolvimentista. Na França, impulsionados pelo movimento Sillon. Ambas apontam para a formação integral do homem que se quer novo, consciente, responsável, engajado e transformador do seu meio ambiente; perseguem a utopia de vida melhor e futuro novo; inspiram-se na ética cristã e se apóiam em autores comuns como E. Mounier; demandam máxima competência e dedicação de seus interlocutores; afirmam que não se aprende fora da realidade e que é necessário experimentá-la, vivê-la existencialmente. Em ambas, o compromisso é com a mudança e a transformação da realidade. Partem do contexto existencial dos alunos. Ênfase no diálogo e apontam para a necessidade de organização e autogestão responsável. Fazem da educação processo permanente de construção cultural e de desenvolvimento da comunidade. Originam novo ator social. Nenhuma apresenta receita pronta, tanto a alternância quanto a conscientização buscam, constantemente, a pesquisa participante e contato pessoal direto com o objeto a ser trabalhado. (MANFIO, 1999:53).

A necessidade de uma escola vinculada às famílias rurais e à população do campo, fortalecendo o sentimento de solidariedade humana e a possibilidade da escola rural, numa perspectiva de alternância se nutre, dentre outros, do pedagogo Célestin Freinet, que defende que a “educação deve ser móvel e flexível na forma; deve forçosamente adaptar suas técnicas às necessidades variáveis da atividade e da vida humanas [...] deve preparar o indivíduo para suas tarefas imediatas [...]” (FREINET, 1998:175).

Como já esclarecemos anteriormente, neste estudo desejamos colaborar com a educação rural, ousando um modelo de pedagógico de alternância que mais evidencie a proposta de fortalecimento e auto-sustentabilidade do campo.

O Projeto ERTE tem como objetivo geral o fortalecimento do campo e, dentre outros, se alimenta dos postulados de Maria Nóbrega Damasceno quando ela diz que a Pedagogia de Alternância é uma opção

viável de educação no campo, ressaltando-a como espaço de realização e preservação da cultura campestre e do trabalho educacional produtivo:

A importância maior da Pedagogia de Alternância reside no fato de que ela possui os princípios da pedagogia freiriana, mas com uma metodologia adaptada às condições do meio rural. Tem como ponto central a relação trabalho – escola, que no contexto do campo é essencial e constitui o ponto de partida para uma prática educativa enraizada na cultura, nos valores, nos saberes, nas práticas sociais, inclusive nas práticas produtivas dos camponeses. Permite a integração entre o trabalho produtivo e a educação. (DAMASCENO, 2004:41)

A partir do seu ponto central: relação trabalho – escola, a pedagogia de alternância busca preparar os educandos para suas tarefas presentes. Esta formação só é pertinente se acontecer mediante uma proposta mediadora na aquisição de “todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão” (HELLER, 1992:18). “Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida.” (BRANDÃO, 1996:13).

Parece-nos que Escolas Rurais de Alternância são possibilidades para aquilo que Heller chamou de “assimilação das relações sociais [...] essa assimilação é o amadurecimento para a cotidianidade, que começa sempre *por grupos*”. Os grupos no internato da Escola Rural de Alternância funcionam como “*mediadores* entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores [...]” (HELLER, 1992:19).

A valorização dos conhecimentos sobre a agricultura e o enfoque dado ao trabalho campestre não isentam a pedagogia de alternância da base comum do currículo nacional. Antes, associada a este, estão todas as outras práticas que dizem respeito às realidades rurais, tanto econômicas, como financeiras, domésticas, sociais...

Como analisa Sommerman (1999:73), “a pedagogia de alternância busca resgatar o sujeito do campo e o campo do sujeito”, tentando subsidiá-lo de tal forma que fortaleça a zona rural, fixe a população em suas regiões através do trabalho educacional produtivo, reduza a evasão escolar, valorize a cultura da terra e o homem e a mulher que a fazem.

Até aqui ainda não podemos dizer que haja *no* campo (até onde pesquisamos) uma escola que seja *do* campo, que, clara e concretamente,

objetive um outro movimento para o *sujeito do campo e para o campo do sujeito*. Uma escola onde aconteça a educação que der visibilidade à realidade rural (tanto a miséria, quanto a grandeza de sua cultura e de seu saber). Sob nossa ótica, a educação formal campestre pede socorro. No afã de responder, parcialmente, ao grito que soa, nos debruçamos sobre a possibilidade de uma práxis pedagógica a partir do sistema educativo alternante e dos postulados freirianos na ERTE. Não obstante todos os impasses que dificultam a referida prática, ousamos dizer que estamos a caminho de uma alternativa.

NOTAS

¹Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo.

²Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

³CNE – Conselho Nacional de Educação; CEB – Câmara da Educação Básica.

⁴Tudo sobre o Colégio Taylor-Egídio no site www.cte.org.

⁵Tudo sobre a história e o funcionamento da Escola Estadual Rura Taylor-Egídio se encontra no site: www.erte.com.br

⁶Campo auto-sustentável significa: mantido, sustentado, alimentado, defensável e suportável por si mesmo sem a dependência do urbano.

⁷Muito de nossa pesquisa sobre a pedagogia de alternância se baseou em Gimonet, autoridade em Pedagogia da Alternância.

⁸Filósofo francês, viveu 45 anos (de 1º de abril de 1905 a 22 de março de 1950). Sua luta foi em torno da conciliação do socialismo (coletivização) com o cristianismo (idéia cristã da pessoa). Ele abriu perspectivas sobre a educação do cidadão e salientou o valor da pessoa.

⁹Chamamos de impasse a própria singularidade da escola. É sempre muito difícil o entendimento entre as demandas reais de uma escola residencial, alternante e os modelos regulares, tradicionais que o Governo do Estado mantém. Desta forma, precisamos, a cada ano, esclarecer sobre nossas especificidades e buscar apoios técnicos do pessoal da Secretaria da Educação com a finalidade de garantirmos a manutenção das despesas e dos recursos humanos. Pontuamos que atualmente estamos mais próximos de uma estabilidade.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Murilo (1950) *Problemas de educação rural*. V. 47. Rio de Janeiro: I.N.E.P./Ministério da Educação e Saúde.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1996) *O que é educação*. 33 ed. São Paulo: brasiliense.

BRASIL (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Lei de 05 de dezembro de 1988. Brasília, DF: senado.

BRASIL (2002) *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo*. Brasília: CNE / MEC, nº 01 de 3 de abril.

BRASIL (1996) *Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro.

BRASIL (2004) *Referências Para Uma Política Nacional de Educação do Campo*: caderno de subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo.

BRINGUIER, Jean-Claude (1978) *Conversando com Piaget*. São Paulo: DIFEL.

BRONFENBRENNER, Urie (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CALAZANS, Maria Julieta C. (1993) Para compreender a educação do Estado no meio rural. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. (Coord.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papyrus.

COSTA, Maria Julieta (1993) Para compreender a educação do Estado no meio rural. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. (Coord.). *Educação e Escola no Campo*. Campinas: Papyrus.

DAMASCENO, Maria Nobre (2004) Educação além da escola. *Marco Social Juventude e Desenvolvimento Rural*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 38 – 43, abril.

FREIRE, Paulo (1984) *A importância do ato de ler*. 29. ed. São Paulo: Cortez.

_____. *Ação cultural para a liberdade* (1981) 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. *Pedagogia da autonomia* (2003) 28. ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____ e BETTO, Frei (1985) *Essa escola chamada vida*. 2. ed. São Paulo:

Ática.

FREINET, Célestin (1998) *A Educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes.

GADOTTI, Moacir (2000) *Pedagogia da terra*. 3. ed. São Paulo: Peirópolis.

GARCIA, Regina Leite (1997) *Alfabetização dos alunos das classes populares ainda um desafio*. 3.ed. São Paulo: Cortez.

GIMONET, Jean-Claude (1999) Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: As casas familiares rurais de educação e de alternância. In: UNEFAB, *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador.

HELLER, Agnes (1992) *O Cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra.

LEITE, Sérgio Celani (1999) *Escola rural: urbanização e políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.

MÂNFIIO, Antônio João (1999) Conscientização e pedagogia da alternância. In: UNEFAB, *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador.

MARTINS, Josemar da Silva (2004) *Educação Básica do Campo e Educação para a Convivência com o Semi-Árido: Algumas Anotações*. Anotações a partir do trabalho no Grupo de Estudos de Educação Rural (GEER) do PRADDEM/ISP/UFBA e adotado para a participação no Curso “Operações Estratégicas Para a Reforma Educacional”, realizado no ISP/UFBA, 21 de setembro.

MENNUCCI, Sud. (1993) Anais do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, Goiânia, junho, 1942, Rio de Janeiro, IBGE, 1944. In: COSTA. Maria Julieta Para compreender a educação do Estado no meio rural. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. (Coord.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (2000) *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. 7.ed. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO.

MORIN, Edgar (2001) *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3.

ed. São Paulo: Cortez.

PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos (2005) *Relações educacionais entre famílias rurais e escola: um estudo na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio em Jaguaquara – Bahia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Salvador – Bahia.

SEN, Amartya Kumar (2000) *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Ruth Ivoty (1957) *A Escola primária rural*. 2. ed. v. 10. São Paulo: Globo.

SOMMERMAN, Américo (1999) Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade. In: UNEFAB, *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador.

TANTON, Christian (1999) Alternância e parceria: família e meio sócio-profissional. In: UNEFAB, *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador.

VYGOTSKY, L.S. (1991) *A formação Social da Mente*, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

ZABALA, Antoni (1998) *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.

Terceira Parte

Da rede para o livro: um passeio pelo blog de Lucy

┌

┐

└

┘

Retratos da ERTE em um blog

O Conselho Editorial, ao receber os escritos referentes à Escola Rural Taylor-Egídio - ERTE, resolveu disponibilizar os textos seguintes, retirados do blog de Lucy, vez que traduzem igualmente a natureza fraterna e transformadora da experiência vivida no grande projeto ertiano.

Representam, portanto, mais uma possibilidade de saborear alguns momentos vivenciais de profundo amor e crescimento humano e profissional. Lucy não poupou sentimentos ao escrever em seu blog sobre o grande sonho possível que é a ERTE.

Quer que eu segure a sua mão, tia?

O lugar era cheio de montanhas e cachoeiras. A natureza exuberante nos deixava perplexos e a simplicidade das pessoas nos encantava. Estávamos na roça, procurando novos alunos para a Escola Rural de Jaguaquara. Entramos na casa da família de Israel e Samuel. Sua mãe estava desejosa de ver este ir à escola, junto a seu irmão Israel, mas estava preocupada com a ideia de a escola ter uma pedagogia de alternância em que eles deveriam ficar no período de aulas no internato. Procurávamos transmitir para ela e para as crianças toda a tranquilidade com relação à segurança na escola.

Percebíamos que havia muito amor e carinho naquela família e prometemos que na escola seus filhos também encontrariam um tratamento digno e carinhoso. Quando ela decidiu então abraçar a ideia, abraçamos as crianças já sentindo um enorme carinho e responsabilidade em relação a elas. Então, pedimos para à mãe que nos indicasse outras famílias que tivessem crianças na idade escolar sem frequentar a escola, e ela nos falou onde poderíamos encontrar e já pediu para seus filhos nos acompanharem até lá, pois achava que, sozinhos, nós não acertaríamos chegar a casa indicada.

O caminho era bastante estreito para os pés de adultos, mas subimos em fila indiana, em direção ao topo da montanha. Na medida em que nós subíamos, eu ia ficando cada vez mais apavorada, pois a altura era significativa. Senti medo. Samuelzinho e Israel olhavam para trás para ver a que distância nós estávamos e paravam para nos esperar quando percebiam que estávamos muito para trás. Num determinado momento, Samuelzinho percebeu meu medo, parou, esperou que eu chegasse perto e perguntou: – Quer que eu segure sua mão, tia? Perguntou serenamente. – Quero sim, meu filho, respondi sorrindo e um pouco envergonhada. Ele passou a caminhar mais devagar, na minha frente, e com o braço para trás segurando com firmeza a minha mão. Chegamos ao destino e ao voltar eu novamente precisei segurar naquela mãozinha para descer sem medo, evitando olhar a altura em que estávamos. Foi um grande pequenino amigo que segurou minha mão numa hora delicadamente difícil.

Naquela experiência, concluí que como educadores deveríamos agir sempre como Samuelzinho, apontando o caminho que conhecemos

por experiência própria, andando na frente, mas voltando quando necessário para não deixar ninguém para trás e ao percebermos a fragilidade dos caminhantes, conduzi-los serenamente transmitindo amor e segurança, sempre dispostos a dar a mão.

posted by Lucy Luz @ [20:57 1 comments links to this post](#)
12.5.06

Posso chorar junto com você?

Vivi chegou ao internato a contragosto. Oriunda de uma família de poucas condições econômicas, mas esbanjadora em afetos, ela não conseguia superar a saudade de casa. Era uma aluna que parecia nem ter idade para estar na escola, por ser tão pequenina e tão dependente. Ela nos sensibilizava muito com seu choro incessante, uma tristeza que parecia não ter fim.

Eu também estava com muita saudade de meus pais e meus irmãos que moravam na capital e que eu tinha poucas oportunidades de visitar. Necessitava ser forte emocionalmente, o suficiente para conseguir ajudá-la. Mas havia dias em que a carência emocional dela me mobilizava tanto:

- Posso chorar junto com você, Vivi? Perguntei com sinceridade.
- Buááááááá!!! Continuou ela, e me abraçou.
- Buáááááá!!! Chorei junto com ela.

O abraço se tornou ainda mais forte! Lembrei-me de Jesus diante do momento triste de Marta e Maria, com a morte de Lázaro. A Bíblia diz que Ele chorou. Era Deus sim, mas humano também! Chorou como qualquer verdadeiro humano chora. Por que então eu teria que fingir que aquela dor de Vivi era coisa apenas de criança? Educadora sim, mas humana também. E chorei com vontade junto a ela. A ponto de ela parar antes e me consolar... E ali, sentadas no chão do pátio da escola, enquanto outras coisas tão importantes quanto isso aconteciam na sala da direção, nas salas de aula e no terreno das aulas de técnicas agrícolas, eu estava no chão ensinando a uma aluna em sofrimento que adulto também sofre, também chora, também precisa de consolo... Fizemos então um trato: só iríamos chorar juntas a partir dali. Se eu não estivesse chorando, ela precisava se controlar para não despertar em mim a vontade de chorar também. E se ela não estivesse chorando era eu quem teria que me controlar. Se não conseguíssemos, então choraríamos juntas sempre. Ela me passou aquele olhar singelo misturado com sorriso e lágrimas e disse:

- Prometo. Mas eu não gosto de ver você chorar.
- Eu também não gosto de ver você chorar, Vivi. Vou chorar junto com você toda vez.

Então, daí em diante, ela sorria e me abraçava alegre a cada vez

que nos encontrávamos:

–Vai chorar hoje? Perguntava eu, brincando.

–Não pró. Se eu chorar você chora.

Vários alunos voltaram para casa por causa da saudade. Eu também não suportei mais de três anos a saudade da família e voltei para a minha terra, mas Vivi se adaptou ao ritmo de um mês na escola e dois em casa e concluiu o seu curso de ensino fundamental até a 4ª série, quatro anos depois. Ela é uma das recordações que trago na memória com o maior carinho quando falo em saudades, ou quando me vejo chorando sozinha.

posted by Lucy Luz @ [08:49 0 comments links to this post](#)

5.5.06

Como é que esse bicho anda?

- Como é que esse bicho anda?
- Tem um negócio chamado de motor meu bem.
- Tô com medo!!!
- Segure a minha mão.
- Como é o nome disso?
- Ônibus meu amor, o nome disso é ônibus.

Foi assim que conheci Henrique, um menino muito especial! Era a primeira vez que estava entrando em um carro que não era puxado por cavalos, burros ou jegues. Estava chorando muito, visivelmente assustado, indo para a escola pela primeira vez. Amei-o tanto naquele momento, sem nem sequer imaginar o quanto ele iria ser um importante desafio e aprendizado na minha vida.

Henrique tinha nove anos, vivia mais no meio da mata do que em casa. Por isso, ao chegar a escola, gostava de fugir para a área verde, onde subia ligeiramente nas árvores, coisa que mais lhe proporcionava prazer, seguida da hora da refeição, é claro. Era uma criança visivelmente subnutrida. A escola ainda estava em obras, e a área verde estava sendo trabalhada. Havia um trator em movimento ao redor do espaço e ele colocava a própria vida em risco indo na direção do trator inocentemente, correndo de um lado para o outro alegremente. Ignorava nossos chamados. Tínhamos que ir buscá-lo e correr atrás dele até o alcançarmos e trazê-lo com firmeza, enquanto se debatia querendo voltar. Dependendo do momento, ele se mostrava dócil ou agressivo, atraente ou repulsivo, meigo ou hostil. Era difícil saber quando ele queria ou não a nossa aproximação. Às vezes nos abraçava e elogiava e às vezes corria dizendo palavrões.

Por não conhecer as normas básicas de educação e higiene que utilizamos, Henrique passava na frente dos outros na fila, soltava gases na fila do refeitório, brigava muito e batia nos colegas, mordida as pessoas (inclusive a professora), afastava os que tentavam aproximar-se dele, pois colocava apelidos com críticas à aparência das pessoas, sem qualquer preocupação com os critérios impostos pela etiqueta urbana.

Confesso, honestamente, que em muitos momentos eu também não queria ficar perto dele, mas era uma das responsáveis em promover a

sua integração e acolhimento e tinha a desafiante missão de ajudá-lo a viver bem no internato, a tratar bem as pessoas e as coisas e a se interessar pelas aulas formais.

Conseguir que ele ficasse sentado por 5 minutos em uma sala de aula era uma tarefa quase impossível. Comportava-se muito estranhamente. Às vezes, rolava no chão como uma cobra, tomava os materiais dos colegas para ele, pulava subitamente as janelas da sala de aula. A sua professora, Letícia, uma educadora cristã competente e persistente, buscava promover meios diversos para conquistar seu interesse pela leitura e escrita, e melhorar a sua oralidade, pois ele se expressava com dificuldade e nunca havia sequer visto um lápis ou um papel.

Ele era um desafio à nossa competência, ao nosso amor, à nossa capacidade de promover a inclusão, de aceitar bem a ovelha mais frágil do rebanho, pois era grande a tentação de nos livrarmos dela e Henrique chegou a ser levado de volta para casa, decisão aparentemente movida pela necessidade de atender bem às outras 99 ovelhas, e pela sensação de impotência diante do porte da tarefa. Mas, graças à filosofia inclusiva e cristã, a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio não desistiu de Henrique e o trouxe de volta. Hoje ele é um dos monitores dos alunos novos. E graças a ele, todos os educadores sentiram a necessidade de estudar mais sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente; aprendemos que inclusão significa que os direitos são iguais para alunos diferentes e fomos todos desafiados à busca de novos conhecimentos visando a sua inclusão e a de outros que hoje chegam com histórias de vida e comportamentos semelhantes. Ninguém de fora!!! Henrique nos levou à conversão em educadores, pessoas e cristãos melhores.

posted by Lucy Luz @ [18:50 0 comments links to this post](#)

28.4.06

Eram 100 ovelhinhas...

Domingo era o dia mais esperado pelas 100 crianças. Dia em que os pais e parentes podiam visitá-las, trazer lanches, supri-las de abraços e beijos familiares. Dia também em que nos reuníamos para o culto, com duração de 1 hora, no auditório da escola. Era depois do café, antes da chegada das visitas. A enfermeira e uma auxiliar nos ajudavam a conduzir as crianças em fila até o auditório. Não era muito fácil dirigir um culto e ensinar uma história bíblica para 100 crianças que ainda não sabiam ler. Na época não havia na escola os recursos audio-visuais que existem hoje, e as maiores gravuras bíblicas que conseguimos adquirir só alcançavam a visão dos que sentavam bem na frente...

Naquele domingo queríamos ensinar-lhes sobre o amor de Deus. Discretamente, escondi atrás das cortinas do palco uma das crianças bem pequenas, de quem os colegas não iriam sentir falta, imediatamente, por ser bem tranquila e tímida, e só cochichei para ela o seguinte:

–Fique sentadinha aí até eu vir te buscar, certo? Você vai ser a artista principal de hoje...

Prontamente ela sorriu e obedeceu ficando quietinha por quase meia-hora ouvindo o início do culto atrás da cortina, em plena confiança.

Comecei o culto, cantamos muito, oramos juntos e chegou então o momento de contar a história bíblica. Perguntei então para eles, conhecedores da zona rural, o que significava ser um pastor de ovelhas, quais os perigos que as ovelhas correm, como são as ovelhas, quais os cuidados que um pastor precisa ter, e eles levantavam a mão e iam dizendo o que sabiam. Aprendi tanto com eles nesse dia sobre as necessidades dos bichos e sobre os perigos da mata...Falei então para eles que certo pastor tinha 100 ovelhas e amava muito cada uma delas. Todos os dias ele contava para ver se estavam todas ali protegidas e só depois ele ia dormir. Perguntei a eles então quantas crianças estavam no auditório. Eles responderam que eram cem. Eu disse que queria conferir, como aquele pastor fazia. Pedi a eles que me ajudassem a contar e fui andando pelo auditório contando com eles. Quando chegamos em 99, eu os assustei gritando:

–Falta uma: Falta uma criança. O que pode ter acontecido? Eles responderam:

–Contamos errado...

–Foi ao banheiro..._

–Fugiu do auditório...

–E agora gente? O que eu devo fazer? Perguntei fingindo estar angustiada:

Eles disseram:

–Procurar!

Saí então olhando debaixo dos bancos, subi na galeria do auditório, fui vasculhando atrás do piano. Havia 99 pares de olhos curiosos me seguindo e o som de risadinhas bem discretas. Enfim cheguei ao palco, fui atrás da cortina e gritei:

–ACHEI! A risada foi escancarada. Curiosidade geral! Todos queriam saber quem era a “ovelha perdida”. Peguei a criança no colo e perguntei:

–O que devo fazer com ela?

Eles responderam animadamente, quase todos falando ao mesmo tempo:

–Dá um reio bem dado (surra na linguagem deles)!

–Briga com ela pró!

–Bota de castigo tia!

–Manda embora!

Eles estavam bem movimentados, eufóricos e curiosos. Então, abracei a criança bem carinhosamente, e, dessa vez precisando usar o microfone, falei mansamente:

–Minha querida ovelhinha, ela está tão machucada... É tão pequenina, precisa tanto de minha ajuda... Eu vou cuidar muito bem dela. Que bom que eu consegui encontrá-la em tempo. Já imaginaram se a onça chegasse antes?! Venha meu amor, nunca mais nada de ruim vai te acontecer. Vou protegê-la sempre. Você não mais irá ficar longe de mim, está bem?

Olhei novamente para o auditório, pedi que ela sentasse junto a eles e indaguei:

–Quantos são agora?

–100!

–Nenhum perdido?

–Não!

Li então o texto de João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.” E expliquei com voz bem suave:

—É assim que Deus nos ama. Como um bom pastor. Não abre mão de nenhum de nós. Ninguém de fora. Ele fica feliz em ver suas ovelhas perto dele e sente falta quando uma se afasta. Nunca esqueçam: Cada um de vocês é tão importante para Deus que Ele deu a vida de seu Filho Jesus para conhecermos o tamanho do seu amor e do seu cuidado. Alguns estavam visivelmente perplexos.

Sáímos do auditório cantando o belo corinho: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei, não temerei, não temerei o mal...”

posted by Lucy Luz @ [18:180 comments links to this post](#)
20.4.06



PONTO E VÍRGULA

Você pode adquirir os títulos da Ponto e Vírgula por Reembolso Postal e se cadastrar para receber nossos informativos de lançamentos e promoções.

Entre em contato conosco: (73) 3525 0243

editorapontoevirgula@hotmail.com

www.editorapontoevirgula.com.br